



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA



INSTITUTO DE PSICOLOGIA

Programa de Pós-Graduação em Psicologia - Mestrado

Área de Concentração: Psicologia Aplicada

Elisa Aires Rodrigues de Freitas

“Meu corpo sabe ler, mas minha alma escreve:”

Os adolescentes e seus blogs

Uberlândia - MG
2010

Elisa Aires Rodrigues de Freitas

“Meu corpo sabe ler, mas minha alma escreve:”

Os adolescentes e seus blogs

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Psicologia Aplicada.

Orientador: Prof. Dr. Cláudio Vital de Lima Ferreira
Co-orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Avelino da Silva

Uberlândia - MG
2010

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

F866m Freitas, Elisa Aires Rodrigues de, 1977-
“Meu corpo sabe ler, mas minha alma escreve” os adolescentes
e seus blogs [manuscrito] / Elisa Aires Rodrigues de Freitas. -2010.
140 f.

Orientador: Cláudio Vital de Lima Ferreira.

Co-orientador: Luiz Carlos Avelino da Silva.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,
Programa de Pós-Graduação em Psicologia.

Inclui bibliografia.

1. Psicologia do adolescente - Teses. 2. Adolescência - Teses. 3.
Adolescentes - Blogs - Teses. I. Ferreira, Cláudio Vital de Lima. II.
Silva, Luiz Carlos Avelino da. III. Universidade Federal de Uberlân-
dia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

CDU: 159.922.8

Elisa Aires Rodrigues de Freitas

“Meu corpo sabe ler, mas minha alma escreve:”

Os adolescentes e seus blogs

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em Psicologia Aplicada.

Orientador: Prof. Dr. Cláudio Vital de Lima Ferreira

Co-orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Avelino da Silva

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Cláudio Vital de Lima Ferreira

Prof. Dr^a Sílvia Maria Cintra da Silva

Prof. Dr^a Larissa Guimarães Martins Abrão

Uberlândia, 02 de setembro de 2010

DEDICATÓRIA

Ao meu pai Gerson, sempre presente na minha vida, caminhou por pouco tempo ao meu lado, mas nunca me deixa só, porque está sempre dentro de mim, em forma de amor, de luta, de esperança e de saudade.

À minha mãe Heloísa, com suas infinitas bênçãos e beijos matinais, pelo seu amor, dedicação, torcida, que anda ao meu lado buscando comigo realizações de sonhos.

Aos meus irmãos, Márcia e Paulo Henrique, companheiros nas conquistas, sonhos, tristezas, lutas e alegrias. Dedico e declaro que toda vitória minha é de vocês e todas as vitórias de vocês, também são minhas.

Ao meu avô Antônio, por sua fé inabalável no amor, na justiça e no bem. Com seus rogos ao seu fiel amigo Santo Antônio para que inunde sua família de bênçãos.

AGRADECIMENTOS

Ao orientador professor Dr. Cláudio Vital de Lima Ferreira por abrir o caminho da pesquisa.

Ao co-orientador professor Dr. Luiz Carlos Avelino da Silva que encontro no meio do caminho e que carinhosamente conduziu meus passos. Recebeu-me junto às suas demais orientandas, acompanhou-me na qualificação desta pesquisa e teve uma dedicação frequente e atenta as minhas idéias e ao texto dessa dissertação.

Às professoras Dr.^a Maria Lúcia Castilho Romera pela atenção e à professora Dr.^a Silvia Maria Cintra da Silva, pela sensibilidade e modelo de professora para mim, que estiveram presentes na banca de qualificação contribuindo com novos olhares para esta pesquisa.

À Marineide, pelo carinho com que nos recebe.

À Patrícia Omena Costa Pereira pelo incentivo para começar esta caminhada. Pelas leituras e sugestões no Projeto de Pesquisa.

Às colegas Regiane, Sandra e Cristiane como representantes de todas as outras, ficando a torcida para que sigam em frente à caminhada acadêmica.

Aos adolescentes que me autorizaram a ler e analisar seus blogs e que deixam comigo aprendizados, desafios, conquistas que tanto me inspiraram nesta pesquisa. Desejo que eles tenham sempre a escrita como boa companhia.

À Gislene Andrade dos Santos por ajudar-me a encontrar espaços psíquicos para iniciar, desenvolver e concluir esta dissertação.

À Neiva Aparecida da Silva Hoebert que é sempre uma presença valiosa na minha formação profissional.

À minha grande, amada, divertida, desafiadora, diferente, irreverente, batalhadora e incentivadora “Família Escundidinho” com seus flashes, razões e emoções.

A todos os amigos, familiares e colaboradores que foram presença diária e afetiva nesses mais de dois anos de pesquisa.

RESUMO

“Meu corpo sabe ler, mas minha alma escreve:”

Os adolescentes e seus blogs

Freitas, E.A.R. ; Ferreira, C.V. L.; Silva, L.C.A.

Instituto de Psicologia – Universidade Federal de Uberlândia

2010

A escrita em diários é uma possibilidade de expressão utilizada pelos adolescentes desde longa data. Na contemporaneidade, o diário íntimo migra do papel para as páginas virtuais da Internet, nos chamados blogs. Esta pesquisa teve o objetivo de observar as vivências adolescentes relatadas por eles próprios e as funções que as escritas em blogs assumem em suas vidas. Trata-se de uma pesquisa qualitativa na qual foram analisados blogs de quatro adolescentes, segundo um referencial psicanalítico. As análises indicam que os blogs podem funcionar como espaço de elaboração, para pensar e conhecer as experiências emocionais, funcionando também como espaço análogo ao espaço transicional. Estar em um ambiente público enfatiza a importância do olhar do outro em oferecer o reconhecimento e o sentido de existência tão imprescindíveis nesta fase da vida.

Palavras-chave: ADOLESCÊNCIA, BLOGS, FUNÇÕES DA ESCRITA

ABSTRACT

***“My body knows how to read, however my soul writes:”
teenagers and their blogs.***

Freitas, E. A; Ferreira, C.V. L.; Silva, L.A

Instituto de Psicologia – Universidade Federal de Uberlândia

2010

Diary writing has been a possibility of expression used by teenagers for a long time. Nowadays, the intimate diary migrates from paper to the Internet virtual pages in the so called blogs. This research aimed to observe teenager experiences reported by themselves and the functions that writing assumes in their lives. This is a qualitative research in which four teenager blogs were analyzed, according to a psychoanalytic approach. The analysis shows that blogs can work as a preparation space, a space to think and to know emotional experiences by working as an analogue space to the potential one as well. Being in a public environment emphasizes the importance of someone's look which offers both fundamental recognition and existence meaning in this stage of life.

Index terms: TEENAGERS, BLOGS, FUNCTIONS OF WRITING

“Quando comecei a escrever, que deseja eu atingir? Queria escrever alguma coisa que fosse tranquila e sem modas, alguma coisa como a lembrança de um alto monumento que parece mais alto porque é lembrança. Mas queria, de passagem, ter realmente tocado no monumento. Sinceramente não sei o que simbolizava para mim a palavra monumento. E terminei escrevendo coisas inteiramente diferentes”

(Clarice Lispector, Mistério: 7 de setembro de 1968)

SUMÁRIO

Introdução.....	12
1. Dos diários aos blogs: funções e transformações na escrita de si.....	20
1.1.1 Meu querido diário.....	20
1.1.2. Minha querida tela: uma nova escrita de si.....	27
1.2. Escrita, blogs, espaço potencial e o viver criativo.....	35
1.3 O Blog, o olhar e o vínculo do reconhecimento.....	41
1.4 Escrita e o vínculo do conhecimento.....	46
1.5 Contribuições da psicanálise da adolescência para analisar os blogs.....	52
2. Objetivos.....	62
3. Metodologia.....	63
3.1. Procedimentos.....	68
4. Resultados e Discussão: O adolescente como autor.....	72
4.1. Alexandre Magno.....	73
4.1.1. A escolha do nome e o primeiro contato com Alexandre.....	73
4.1.2. Conhecendo os blogs de Alexandre.....	74
4.1.3. Motivos para mudanças de blog.....	75
4.1.4. Alexandre e a escrita.....	79
4.1.5. Alexandre e o olhar.....	81
4.1.6. Transformações da puberdade.....	81
4.1.7. Identificações.....	83
4.1.8. Quem sou eu?.....	85
4.1.9. Blog e Vida.....	88
4.1.10. Alexandre e o Tédio.....	88

4.1.11. Alexandre e o Tempo.....	89
4.2. Rosa.....	91
4.2.1. Escolha do Nome.....	91
4.2.2. Sobre o blog.....	91
4.2.3. A busca da identidade.....	91
4.2.4. Imagos familiares.....	93
4.2.5. Infância.....	95
4.2.6. Luto e desafios do mundo adulto.....	96
4.2.7. O olhar.....	100
4.2.8. O segredo.....	101
4.2.9. Blog X Vida.....	101
4.2.10. O pensar.....	102
4.3. Senhorita K.....	103
4.3.1. Escolha do Nome.....	103
4.3.2. Conhecer e não conhecer a si mesma.....	103
4.3.3. As vivências adolescentes.....	108
4.3.4 O olhar.....	111
4.4. Arminda.....	112
4.4.1. Escolha do Nome e dados gerais.....	112
4.4.2. A escrita de Arminda.....	114
4.4.3. Transformações: de menina para mulher.....	118
4.4.4. Luto pela infância.....	122
4.4.5. Luto pelos pais da infância.....	124
4.4.6. O olhar do outro.....	124
Considerações Finais.....	126

5. Referências.....	130
Anexos.....	137
Anexo 1 - Aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa.....	137
Anexo 2 - E-mail padrão.....	138
Anexo 3: - Modelo de Análise dos blogs.....	139
Anexo 3 - Home-page da pesquisa.....	140

Introdução

Esta pesquisa surge da necessidade de compreender as vivências comuns as pessoas quando chegam à adolescência, etapa que pode ser vivenciada de forma rica e propiciar um bom desenvolvimento psíquico ou de forma perigosa e traumática em que este bom desenvolvimento para o mundo adulto fica comprometido. A principal motivação para este estudo vem da observação de adolescentes que têm chegado ao meu consultório.

Pesquisar sobre a adolescência significa ocupar-se de temáticas de intenso investimento psíquico. A todo momento, depara-se com temas de transformações, rupturas, desafios, sexualidade, riscos, alegrias, descobertas, ressignificações, contestação, entre outros. Estas são experiências necessárias à vida com a finalidade de deixar a infância e se tornar adulto. A adolescência pode ser definida como um período marcado por uma revolução biopsicossocial em que a identidade do sujeito passa por transformações provenientes de uma dimensão psicobiológica, influenciada por um contexto histórico, econômico, social e cultural inerentes ao lugar e ao tempo em que essa pessoa vive.

Cassorla (1991) descreve algumas características integrantes desse momento de transição: a perda do corpo e de papéis infantis, o reviver do processo de separação/individuação e o luto pela fantasia da bissexualidade. Assim, o sujeito construirá uma nova identidade que elabore as novas vivências impostas a partir do advento da puberdade. A forma com que o adolescente lidará com os conflitos, inerentes a esta etapa, depende da constituição de seu mundo interno e das condições de seu ambiente sócio-familiar em reviver e reelaborar conflitos e lutos.

Levy (1996) aponta a adolescência como um momento estruturante em que a construção da identidade atinge seu auge. Nela, há oportunidades para resolução de

conflitos mal resolvidos da infância e, também, podem se fixar defesas muito primitivas que impedem o bom desenvolvimento para o mundo adulto. Dentro de um processo normal, o adolescente deverá se desidentificar de objetos e valores da infância e se reidentificar com objetos novos a serem descobertos. Será necessário “criar um novo sistema de representação que dê conta do novo corpo, do self em si mesmo, dos objetos e do próprio mundo”. (Levy, 1996, p.2).

Para Levisky (1998), vive-se, atualmente, em uma sociedade instável em seus valores e pouco continente para as emoções, o que deixa profundas marcas na personalidade dos adolescentes. Em consequência dessa instabilidade característica da sociedade contemporânea, o processo de identificação da criança e do adolescente é mais complexo e ansiógeno do que em outras épocas. Lévy (2007) apresenta que as marcas fundamentais da cultura atual giram em torno da velocidade do desenvolvimento científico-tecnológico e massividade das informações. Estes dois fatores causam mudanças em valores éticos, sociais, morais, crenças e quantidade e qualidade das relações, podendo dificultar o processo de identificação. Alerta que no adolescente as modificações culturais se apresentam de modo mais evidente.

Constata-se que o mundo atual passa por diversas contradições envolvendo questões éticas e morais que modificam nosso modo de viver. Roudinesco (2000) aponta que, na contemporaneidade, o sofrimento psíquico se apresenta em forma de depressão. A autora comenta que o homem contemporâneo, atingido por uma síndrome que mistura tristeza com apatia e um culto a si mesmo, busca uma medicação. Exige uma cura rápida em oposição a se propor a pensar a origem de sua angústia. Nesse contexto, os adolescentes, por estarem em processo de desenvolvimento com suas contradições internas e pontos de questionamentos acerca do mundo, ficam muito expostos e mais

vulneráveis a esse mundo contraditório. Os cuidados ambientais são, portanto, fundamentais para o adolescente tornar-se um adulto autônomo, mantendo, assim, a sua espontaneidade.

Nicolaci da Costa (2005) apresenta a ocorrência de grandes transformações de ordem subjetiva com o advento da Revolução Industrial e aponta que algo parecido ocorre, também, a partir de 1995 quando a Internet¹ se tornou comercial no país. Em pouco tempo, os cidadãos de classe média da maioria dos países do mundo tiveram acesso a uma rede que modificou seus modos de pensar, sentir, agir e se relacionar com pessoas.

Uma das principais manifestações de uma determinada sociedade (ou de um conjunto de sociedades), em uma dada época, é a tecnologia por ela desenvolvida e usada. A internet não é uma exceção a essa regra. Ela faz parte do conjunto de tecnologias (computadores, satélites, fibras ópticas, celulares, etc) que está tornando possível a emergência de uma nova “era” (por muitos chamada de pós-moderna); uma era cujas principais características são a integração, a globalização, a relativização, o imediatismo, a agilidade, a derrubada de fronteiras, a extraterritorialidade, o nomadismo. (Nicolaci-da-Costa, 2005, p. 75)

Apontando para uma nova configuração social, observa-se que a Internet tem transformado nossas formas de ser, de ver o mundo e nos vermos nele. Novos conceitos, tais como, ciberespaço², virtualidade³ e hipertexto⁴ foram surgindo. Um espaço onde se opera sobre a lógica da síntese, da agilidade, da fragilidade fez com que o mundo fora desse espaço absorvesse, também, estes conceitos, influenciando nas formas de ser e de

¹ Internet: “Qualquer conjunto de redes de computadores ligadas entre si por roteadores e gateways”
Fonte: Novo dicionário Aurélio, 1999, p.1126.

² Ciberespaço: “Dimensão ou domínio virtual da realidade, constituído por entidades e ações puramente informacionais; meio, conceitualmente análogo a um espaço físico, em que seres humanos, máquinas e programas computacionais interagem”. Fonte: Novo dicionário Aurélio, 1999, p. 466.

³ Virtual: “Suscetível de realizar, potencial” .Fonte: Novo dicionário Aurélio, 1999, p.2078.

⁴ Hipertexto: “Conjunto de textos estruturados ou organizados dessa forma e geralmente implementado em meio eletrônico computadorizado, no qual as remissões correspondem a comandos que permitem ao leitor passar diretamente aos elementos associados.” Fonte: Novo dicionário Aurélio, 1999, p.1050.

pensar dos sujeitos do século XXI. Autores como Levy (2007), Outeiral (2003) e Calligaris (2000) têm discutido o impacto da cultura atual sobre o processo adolescente que, por oferecer objetos empobrecidos de identificação, acaba por provocar fracasso na sua capacidade simbólica, dificultando, assim, a constituição de sua identidade. Portanto, o adolescente que devido às mudanças corporais já perdeu parte da representação de si mesmo, não tem encontrado, nem no mundo interno e nem no mundo externo, maneiras de reconstruir sua própria imagem.

Os avanços tecnológicos e uma maior difusão da Internet configuram, a cada dia, mais possibilidades para o uso o espaço virtual, principalmente novas formas de comunicação e maneiras de relacionar-se, dentre elas, Orkut,⁵ MSN⁶, Blogs⁷, Twitter⁸. Sabemos que o uso da Internet é bastante utilizado pelos adolescentes de classe média. Interessada em observar as vivências da adolescência na atualidade, decidi encontrá-las onde eles estão, ou seja, nas páginas da Internet. Dentre alguns sites pessoais e de relacionamentos, optei pelo blog (utilizado como diário íntimo) por tratar-se de um espaço cuja proposta é: adolescentes falarem sobre eles mesmos. Então, eu os teria narrando a si próprios.

Segundo Sibilía (2008) a escrita em blogs parece retomar um hábito que teve seu apogeu nos séculos XVIII e XIX e que tinha a escrita de si em diários como altamente confidencial. Embora a escrita atual seja excessivamente exposta, consideramos que tanto

⁵ O Orkut é uma rede social com o objetivo de ajudar seus membros a conhecer pessoas e manter relacionamentos. Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Orkut>.

⁶ MSN: é um programa de mensagens instantâneas. O programa permite que um usuário da Internet se relacione com outro que tenha o mesmo programa em tempo real, podendo ter uma lista de amigos "virtuais" e acompanhar quando eles entram e saem da rede. Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/MSN>.

⁷ Blog: permite a atualização rápida a partir do acréscimos dos chamados artigos ou posts, organizados de forma cronológica inversa. Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Blog>.

⁸ Twitter: é uma rede social e permite aos usuários enviar e receber atualizações pessoais de outros contatos em textos de até 140 caracteres. Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Twitter>.

a prática de séculos passados como a dos dias atuais trazem pistas relevantes acerca do universo da adolescência. Para a compreensão acerca da escrita e das vivências adolescentes na atualidade utilizou-se de teorias com vértice psicanalítico.

Pode-se verificar que diversos autores abordam a importância de estudar produções escritas como forma de conhecer o sujeito e a sociedade. Dentre eles, Freud (1915) escreveu à Dra. Hermine Von Hug-Hellmuth sobre o valor do diário, considerando-o uma “pequena jóia”. Observava que “tudo é expresso de modo tão encantador, tão natural e tão sério nessas notas despretensiosas que elas não podem deixar de despertar o maior interesse em educadores e psicólogos”. (Freud, 1915, 355). acreditando na importância da publicação do diário.

Rezende (2007, p. 161) fala sobre a “necessidade de examinarmos os produtos da cultura para conhecermos melhor os sujeitos que nela vivem. Dentre eles especialmente os textos escritos, que ficam como testemunhas autênticas do momento em que foram redigidas e publicadas.” Nesse sentido, Pais (2006, p. 7) afirma: “há duas diferentes maneiras de olharmos as culturas juvenis: através das socializações que a prescrevem ou das suas expressividades (performances) cotidianas”. Mais recentemente, Lopes (2007) discute em sua dissertação de mestrado sobre a internet e o ciberespaço na qual pensa ser “a escrita em blogs como um novo meio de expressão do inenarrável encontrado pelos adolescentes” (Lopes, 2007, p.13).

Nos blogs, os adolescentes contam sobre seu cotidiano, pensamentos, colocam poemas, fotos, imagens, em uma colorida expressão de seu mundo interno. Autoras como Braga (2007) e Poli (2005) abordam que a construção do site pessoal pelo adolescente remete à busca por sua identidade. O “quem sou eu” transparece em páginas,

constantemente atualizadas, com layouts quase sempre modificados, coloridos, personalizados, refletindo a visão do blogueiro sobre si e o que deseja transmitir ao outro.

Através do contato com os blogs em uma leitura atenta, foi possível identificar as preciosidades da escrita como uma importante função que se realiza nessa etapa de vida e as possibilidades de observar os adolescentes contando sobre si mesmos, nos revelando as descobertas, as perdas e os ganhos da adolescência. Os casos desta pesquisa foram quatro blogs de adolescentes publicados na internet e adotei para pesquisa a metodologia psicanalítica como forma de investigação. Ao modo como fez Levisky (2005) em sua tese de doutorado “Um monge no divã – o adolescer de Guibert de Nojent (1055 – 1125?): uma análise histórico-psicanalítica, que utiliza de sua autobiografia para estudar questões da adolescência naquele período. Os blogs analisados, apesar de serem comunicados isolados, individuais, são portadores de elementos da cultura em questão.

Para Dutra d’Abreu (2007), o mundo atual é marcado por grandes transformações, que ocorrem no campo do conhecimento e da tecnologia e incidem no comportamento e valores das pessoas. Rápidas transformações fazem com que fiquemos confusos, perdidos em um tempo veloz em que o bom de hoje (alimentos, medicamentos, por exemplo) tornam-se nocivos em seguida e vice-versa. Dentre essas transformações, está a realidade virtual que invade o lugar que era muito caro às pessoas, isto é, seus lares, o cotidiano, lazer e formas de relacionar-se. Trata-se de um tema polêmico entre vários pensadores das questões do mundo virtual e suas repercussões na sociedade contemporânea. Lévy (2007) aponta o nosso viver em um momento de transição, sendo o mundo virtual um elemento desse processo. Entendido como um universo em expansão, o mundo virtual influenciaria a comunicação, a informação, o funcionamento da inteligência, os relacionamentos e até mesmo a constituição do nós. O virtual, para este autor não se opõe ao real e sim ao atual.

Em uma posição mais crítica, Baudrillard (1997) apresenta que a comunicação virtual determinaria a destruição da comunicação e o mundo virtual definiria o esvaziamento do espaço real.

Entre os autores psicanalíticos, também, podemos encontrar essa divergência. Alguns autores como Romão-Dias (2007) e Dutra d'Abreu (2007) equiparam o mundo virtual ao espaço potencial e o objeto virtual ao objeto transicional de Winnicott, um espaço que permite a passagem do infantil para o adulto e o lidar com angústias. Em oposição, Levy (2002) e Outeiral (n.d (a)) defendem que o espaço virtual não é um espaço de sonho, não podendo ser, portanto, um espaço potencial possibilitado pela mãe suficientemente boa, espaço que possibilitaria a interação e o desenvolvimento do self. Levy (2002) afirma que a criação das versões simbólicas da realidade ocorre e só pode ocorrer a partir de um vínculo. Para ele em um espaço em que a presença não é de um objeto humano real traria como consequência o sentimento de inverdade e não produziria um verdadeiro conhecimento.

Acredito que o espaço dos blogs, da escrita inserida em um mundo virtual, possibilita uma busca e, em diferentes momentos, um encontro com as próprias emoções, um pensar sobre elas de modo que as vivenciando possa conhecê-las e a partir disso buscar uma transformação. Penso tal espaço como uma produção de criatividade, de uma forma a buscar dar um sentido às experiências vividas. A escrita na adolescência cumpriria uma função de espaço potencial suavizando a sensação de perda, acompanhando e facilitando a despedida dos objetos da infância.

“Dos diários aos blogs” faço uma retrospectiva dos diários e a sua função em cada momento histórico em que ele pertenceu, chegando ao novo ápice da escrita de si, em que

este sai das folhas de um caderno e invadem a tela de computadores e as pessoas são convidadas a lê-los. “Escrita, blogs, espaço potencial e o viver criativo” versa sobre a relação da escrita de si e a adolescência. Construir um diário, ou um blog pode se tornar um suporte de passagem dos laços familiares aos laços sociais e funcionar como espaço potencial. “O blog, o olhar e o vínculo do reconhecimento” apresento a importância do olhar e a necessidade em sermos reconhecidos em nossas potencialidades por nós mesmos e pelos outros. “Escrita e o vínculo do conhecimento” aborda que escrever em um blog possibilita entrar em contato com as emoções, de pensar e de sentir as experiências emocionais. A possibilidade de relatar as próprias vivências pode ser transformadora, na medida em que se entra em contato com a emoção. Em “Contribuições da psicanálise da adolescência para analisar os blogs” há um referencial teórico que nos auxiliam para pensar sobre a adolescência. O capítulo 2 contém os objetivos da pesquisa, e o capítulo 3 descrevo a metodologia psicanalítica utilizada na discussão sobre os blogs e os procedimentos da pesquisa. Em resultados e discussão relato trechos dos blogs e também as análises realizadas. E por último as considerações finais da pesquisa.

1 Dos diários aos blogs: funções e transformações na escrita de si

1.1 Meu querido diário:

Sou eu que vou ser seu amigo
 Vou lhe dar abrigo
 Se você quiser
 Quando surgirem seus primeiros raios de mulher
 A vida se abrirá num feroz carrossel
 E você vai rasgar meu papel
 O que está escrito em mim
 Comigo ficará guardado
 Se lhe dá prazer
 A vida segue sempre em frente
 O que se há de fazer
 Só peço a você um favor
 Se puder
 Não me esqueça num canto qualquer
 (O Caderno, Toquinho)⁹

Falar de si mesmo é uma atividade humana das mais comuns. Em diferentes culturas, o costume de relatar as próprias histórias ou simplesmente falar do dia-a-dia não requer muito esforço e nem um estilo formal de linguagem. Contar as próprias experiências, sonhos, percepções, sentimentos ou dar opiniões parece irresistível para a maior parte das pessoas que buscam diferentes maneiras para falarem de si. No cotidiano, encontramos diferentes situações em que acontece este falar de si, encontramos nas experiências pessoais narradas aos amigos, em publicações de auto-relatos, sessões psicoterapêuticas, autobiografias, cartas, orkuts, blogs, facebook entre outros.

Philippe Lejeune (2008) é um pesquisador francês que confere aos diários o poder de documento, tratando os mesmos como fonte de pesquisa. Fundou em 1992, a *Association Pour l'Autobiographie* (APA) com o objetivo de estudar os escritos íntimos e também de atender ao desejo dos diaristas que é o de serem lidos. Utilizaremos os estudos de Lejeune sobre os diários e autobiografias para pensarmos sobre a escrita virtual.

⁹ <http://www.vagalume.com.br/toquinho/o-caderno.html> - Último acesso em março de 2010

Lejeune (2008) apresenta que o significado da palavra diário nos remete a uma “escrita cotidiana: uma série de vestígios datados” (p. 259). O diário tem a intenção de demarcar o tempo através de uma seqüência de referências. A origem da palavra em grego é efemérides (de *hemera* o dia) e em latim, *diarim* (de dies, o dia). O autor acima considera a data como a base do diário. A primeira tarefa da pessoa que escreve o diário é anotá-la, antes de começar a escrever. A data é fundamental, não importando se o diarista escreve todos os dias ou espaçadamente. Outro ponto fundamental do diário é que o difere da autobiografia (que está virtualmente concluída desde o começo) é cada registro relatar as vivências de certo momento, ignorando o futuro. Além disso, o conteúdo não poderá ser modificado a fim de não se perder a autenticidade do momento. Para Lejeune (2008), o diário seria como uma obra de arte, existindo, apenas, em um único exemplar.

As várias funções ocupadas pelos diários ao longo da história, possibilitam perceber os quão variados são os motivos que levam um sujeito a começar e a manter um diário. Para Lejeune (2008), o diário frequentemente é uma atividade de crise. Trata-se de uma prática que se inicia principalmente na adolescência e vai decrescendo com a idade. Para este autor, não existiria um perfil psicológico do diarista por serem várias as motivações que levam um sujeito a escrever um diário. O que teriam em comum é o “gosto pela escrita e a preocupação com o tempo” (Lejeune, 2008, p. 258). Porém, quanto a um perfil social existe sim uma diferença, sendo que o diarista está entre sujeitos instruídos e que geralmente, mora em cidades.

Uma comparação pode ser apresentada, aqui, quanto aos usuários de blogs. Apesar de a internet ter se expandido e seu acesso sido facilitado, ainda há uma imensa parte da população brasileira excluída do mundo digital. Segundo Sibilia (2008), há 120 milhões de brasileiros sem nenhum acesso à internet.

Uma questão primordial em qualquer escrito íntimo, defendida por Schittine (2004) e Lejeune (2008), é de tornar-se um processo de construção da memória (individual ou coletiva). O conteúdo de um diário depende de sua função na vida daquele sujeito, sendo que todos os aspectos da vida podem dar margem ao início de um diário. Caracterizado por possuir uma forma livre de escrita, não demandando grandes qualidades de estilo que são exigidas pelo da ficção, por exemplo, o diário ganhou muitos adeptos.

Além disso, a anotação quotidiana mesmo que não seja relida, constrói a memória: escrever uma entrada pressupõe fazer uma triagem do vivido e organizá-lo segundo eixos, ou seja, dar-lhes uma identidade narrativa que tornará minha vida memorável. É a versão moderna das artes da memória, cultivadas na Antiguidade. O diário será ao mesmo tempo arquivo e ação, disco rígido e memória viva (Lejeune, 2008, p. 262).

Em seus estudos, Lejeune (2008) observa ser o começo do diário quase sempre destacado com o nome próprio, um nome ao próprio diário, pacto de escrita e apresentação pessoal. O fim do diário ocorreria por uma interrupção, destruição, releitura ou publicação. A idéia de um pacto é central na obra de Lejeune em que o autor se compromete a contar a verdade e convida um leitor para mergulhar nela.

Toda escrita de diário pressupõe a intenção de escrever pelo menos mais uma entrada que, por vez, convocará a seguinte, sem fim... (...) O diarista se protege da morte através da idéia de continuação. A escrita de amanhã, por sua reduplicação indefinida, tem valor de eternidade. A intenção de escrever outra vez pressupõe a possibilidade de fazê-lo: entramos em um espaço fantasmático no qual a escrita se sobrepõe à morte – post-scriptum infinito.”(Lejeune, 2008, p. 270).

A leitura dos blogs pessoais nos remete a essa mesma estrutura do diário. Início sempre datado, com o nome do autor, e o nome do blog, uma apresentação pessoal destacando as características psicológicas do autor, um pacto com os leitores do

compromisso com a escrita. A interrupção é incerta, blogs abandonados, deletados, uns com e outros sem aviso prévio.

Lejeune aponta quatro funções para o diário: expressão, reflexão, memória e prazer em escrever e que, além disso, as mesmas são facilmente encontradas nos blogs. O exprimir-se, o colocar no papel emoções e pensamentos significa separar-se, aliviar-se pela escrita e liberar o eu futuro do eu do passado. Nesse sentido, a função de expressão está dissociada da função de memória e associada à função de esquecimento. Escreve para se libertar e renovar. A escrita de diários, frequentemente, está ligada ao sentimento de solidão, ao de não encontrar nenhuma pessoa continente para suas angústias. E o diário é, geralmente, interrompido quando se encontra alguém com quem se possa falar. Um exemplo, citado por Lejeune (2008) seria o diário de adolescentes que quase sempre é interrompido ao encontrarem um grande amor.

O diário possibilita a reflexão, oferece um espaço e um tempo para análise e tomada de decisões. “Refugiamo-nos nele, tranquilamente, para desenvolver a imagem do que acabamos de viver e meditar” (Lejeune, 2008, p. 276). Para o autor, como a análise é interminável, o diário também o seria. A função de memória é uma das principais do diário, fazê-lo um arquivo do vivido. A última função é colocar em prática o prazer pela escrita, perceber seu progresso na atividade de escrever, criar um espaço onde possa se reconhecer.

Para Lejeune (2008), o diário oferece um espaço de hospitalidade, uma escrita que se compõe para acolher aquela pessoa, um espaço protegido onde as leis estão suspensas. Uma maneira de acompanhar um tempo da vida. Em um primeiro momento, escreve-se um diário para si mesmo, o diarista é o próprio destinatário no futuro. Uma forma

de construir uma memória, montar uma triagem do vivido. Ao se transformar em palavras, o diarista pode se autoconstruir. O diário é uma “espécie de corpo simbólico que ao contrário do corpo real sobreviverá” (Lejeune 2008, p.264).

Oliveira (2002), em sua dissertação de mestrado, faz um estudo da evolução e variação dos diários ao longo da história. Os primeiros diários eram de natureza pública datados em 3000 AC em tábuas de argila, e o conteúdo versava entre outros temas: recordações de tributos e donativos, diários de viagem e expedições científicas, recordações diárias de campanhas militares. A autora destaca que os diários enquanto documentos públicos eram feitos com a participação de diversas pessoas. Este estudo aponta que no século XVII, na Inglaterra, proliferaram os diários espirituais com o objetivo de exprimirem faltas e culpas e, assim, com o “exame dos próprios atos eles achavam que poderiam interpretar seus destinos” (Oliveira, p. 40). Lejeune (2008) chama este movimento de autovigilância, uma interiorização com olhar repressivo e data seu aparecimento no século IV por Santo Agostinho, classificando-o como “grande patrono do diário íntimo profilático ou preventivo” (Lejeune 2008, p. 312).

Em sua pesquisa, Oliveira (2002) observa que esses diários espirituais ou confessionais foram os precursores para o surgimento do chamado ‘livro do eu’ no século XIX.

“Mudanças científicas e culturais movimentaram o mundo civilizado e favoreceram o hábito de uma maior investigação e reflexão interiores. Entre os fatores, estão as descobertas de Freud sobre o consciente e a natureza do inconsciente, associadas ao desenvolvimento do Romantismo como elemento cultural”(Oliveira, 2002, p. 48).

É também no século XIX com a ascensão da burguesia que há uma clara demarcação entre o que é público e o que é privado. Nesta mesma linha de pensamento,

Lejeune (2008) apresenta que houve dois movimentos de interiorização. O primeiro, citado antes, o de autovigilância, o de o sujeito instalar um juiz dentro de si mesmo, o do diário enquanto exame de consciência. E o segundo, o oposto, que tem seu início no meio do século XIX, não tendo o diário mais como um confessor, mas sim um confidente, depositando nele um olhar mais amigo.

Durante quase todo o século XX, o diário mantém características de privacidade, auto-expressão e autocompreensão. Estas características do novo diário contribuíram para afastar os homens da prática de serem diaristas, uma vez que a figura da mulher estava ligada ao privado enquanto a dos homens estava ligada ao ambiente público. Segundo Oliveira (2002), foi o novo diário que deu voz à expressão do eu das mulheres que, muitas vezes, submetia-se à uma postura masculina.

Nos Estados Unidos, Marie Bashkirtseff, a jovem artista russa, escreve diários com a clara intenção de publicá-los e ganhar fama. Seus diários são publicados e tal estilo de escrita se torna popular naquele país. Ocorre o mesmo, posteriormente, na França, onde os seus diários foram traduzidos. “Muitas mulheres americanas passaram a manter diários íntimos com a intenção de se tornarem tão famosas quanto Marie, que morreu aos 24 anos e fez o livro do eu tremendamente popular” (Oliveira 2002, p 58-59).

No livro “Show do eu - a intimidade como espetáculo”, Sibília (2008) mostra que o hábito de escrever diários pessoais atingiu seu apogeu tanto no século XIX quanto na primeira metade do século XX. Ocorria o momento de ascensão da sociedade burguesa em que se valorizava a privacidade e a interioridade com a criação de espaços privados como os quartos próprios em que o sujeito podia mergulhar-se em sua interioridade e realizar uma viagem de autoconhecimento. Nessa época, o escrito íntimo ganhou inúmeros

adeptos, porque não demandava uma qualidade de estilo de texto exigida pela ficção e permitia aos sujeitos entrarem em contato e falarem de suas próprias emoções, principalmente aquelas que não poderiam ser ditas em público.

A este propósito, Sibilia (2008, p.68) escreve que “esse indivíduo burguês lê e escreve sozinho, concentrado e ensimesmado em um ambiente livre de ruídos e outras informações, e tais atividades são essenciais para a formação de sua peculiar subjetividade” Neste período histórico, surgiu o que a autora denomina de “*Homo psychologicus*” (Sibilia 2008, p. 22), que buscava encontrar sua identidade dentro de si mesmo e através disso organizar suas experiências.

Poli (2005) relembra a experiência de Anne Frank (1988) que, diante da dor, escreveu em seu diário, que ganhou aos 13 anos, sobre as precárias condições vividas por ela e sua família em um esconderijo durante a Segunda Guerra Mundial. Assim, relata sua adolescência, os conflitos com a mãe, o corpo, amores e expectativas para o futuro. Posteriormente, Zlatka Filipovik (1994), vítima da guerra publica o seu diário também.

No final da década de 90, o diário se apresenta em uma nova versão. Os avanços tecnológicos propiciaram outras formas de escritas do eu e, além disso, a intimidade guardada em baús secretos foi exposta a um público convidado a comentar cada pedacinho da vida do autor. Para Cairoli e Gauer (2009), o avanço tecnológico e a difusão da Internet possibilitaram que muitos adolescentes começassem a escrever seus diários on-line, nos chamados blogs, passando dos diários e agendas tradicionais às páginas on-line, as quais podem ser acessadas livremente. Mais e mais adolescentes expõem uma parte de suas vidas nesse espaço cibernético, escrevem seu perfil, poemas, pensamentos, protestos, colocam fotos, e esperam os comentários de quem os lê

1.1.2. Minha querida tela: uma nova escrita de si

Criar meu web site
 Fazer minha home-page
 Com quantos gigabytes
 Se faz uma jangada
 Um barco que veleje
 Que veleje nesse infomar
 Que aproveite a vazante da infomaré
 Que leve um oriki do meu velho orixá
 Ao porto de um disquete de um micro em Taipé
 Um barco que veleje nesse infomar
 Que aproveite a vazante da infomaré
 Que leve meu e-mail até Calcutá
 Depois de um hot-link
 Num site de Helsinque
 Para abastecer
 Eu quero entrar na rede
 Promover um debate
 Juntar via Internet
 Um grupo de tietes de Connecticut
 De Connecticut acessar
 O chefe da milícia de Milão
 Um hacker mafioso acaba de soltar
 Um vírus pra atacar programas no Japão
 Eu quero entrar na rede pra contactar
 Os lares do Nepal, os bares do Gabão
 Que o chefe da polícia carioca avisa pelo celular
 Que lá na praça Onze tem um videopôquer para se jogar
 (Pela Internet, Gilberto Gil)¹⁰

No final do século XX, novos suportes para a escrita despontam. A tela, o teclado e o mouse substituem o caderno e a caneta. Os avanços tecnológicos e uma maior difusão da Internet configuram, a cada dia, outras possibilidades de usar o espaço virtual, dentre eles um novo estilo de escrita de si, os diários virtuais (weblogs e de forma abreviada blogs), onde intimidades são expostas, entrelaçando o público e o privado. Assim como nos diários íntimos do século XIX em que as pessoas procuravam formas de se construírem, na contemporaneidade este papel continua sendo exercido através dos diários on-line. Para Lemos (2001), “os fenômenos das webcams e dos diários pessoais podem ser considerados como formas de escrita de si, já que tanto na construção da imagem através

¹⁰ <http://www.vagalume.com.br/gilberto-gil/pela-internet.html> - Último acesso em março de 2010

de câmeras pessoais, como nos fenômenos de publicização de diários íntimos o que está em jogo são formas de apresentação do eu no ciberespaço” (Lemos, 2001, p.9).

Weblog é um termo de origem norte-americana que representa a contração das palavras *web* (página na internet) e *log* (diário de navegação). O blog é uma página da Web atualizada frequentemente e composta de pequenos textos apresentados em ordem cronológica inversa. O conteúdo e o tema do blog abrangem vários assuntos que vão desde diários, notícias, fotografias, enfim, o que o autor desejar. Um blog típico combina texto, imagem e links para outros blogs. A capacidade dos leitores deixarem comentários é uma parte importante para muitos blogueiros.

Segundo o Blogger¹¹, a blogosfera (mundo dos blogs) cresceu em ritmo espantoso. Em 1999, o número de blogs existentes era menos de cinqüenta; no final do ano 2000, a estimativa era de existirem poucos milhares. Atualmente, há cerca de 112 milhões de blogs e cerca de 120 mil são criados por dia. Porém, nota-se a inexistência de dados sobre quantos blogs são mantidos ativos e atualizados. Blogueiro ou blogger são nomes dados àqueles que escrevem blogs. O autor é juridicamente responsável por todo o conteúdo escrito por ele.

Os blogs fizeram sucesso por serem uma gratuita ferramenta de fácil utilização, requererem pouco conhecimento em edição de textos, usados em qualquer computador conectado à Internet. Os blogs reeditam as práticas dos diários pessoais; porém, ao invés de privados são agora publicados, agregando-se diversas vezes a pequenas comunidades. Nos blogs, observam-se pequenos textos, escritos de forma direta, rápida, numa linguagem coloquial do texto oral, repletos de sinais, símbolos e cifras que lhes são possíveis. Schittine

¹¹ Blogger: “fornece ferramentas para edição e gerenciamento de blogs”. Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Blogger>

(2004) chama estes pequenos fragmentos de pílulas biográficas em uma alusão aos comentários e textos curtos encontrados nos blogs. Gusman (2002) aponta que os autores-escritores de blogs são, simultaneamente, editores e publicadores, retirando a figura de intermediários na edição do conteúdo e, também, entre eles o público leitor.

Schittine (2004) mostra que a escrita, agora digitalizada, deixa para trás a tão reveladora caligrafia capaz de registrar estados de humor, de personalidade, de organização, feitas em papéis que deixam marcas, rasuras capazes de revelar um tempo histórico, lágrimas, desenhos, rabiscos, letra trêmula, flores secas, infinitudes de pequenos papéis, fotos, pequenos tesouros, em que a caneta se tornava quase que um prolongamento da mão e podia-se considerar cada obra como um livro único. Ao contrário, a tipografia oferece uma uniformização, um texto que pode ser refeito com o passar dos anos sem deixar marcas. “A neutralidade da tipografia permite ao diarista objetivar-se mais, escapar de si e olhar para si mesmo à distância” (Schittine, 2004, 68).

Sibilia (2008) afirma que o furor da escrita íntima, ocorrido no final do século XIX, parece retornar agora. Assistimos a publicação de inúmeras autobiografias e milhares de blogs são criados por dia. Ela propõe examinar alguns hábitos, mantidos ao longo dos períodos históricos, chamando a atenção para algumas práticas culturais preservadas com sentidos modificados. “Do contrário, corre-se o risco de naturalizar algo que é uma mera invenção, perdendo a ocasião de compreender toda a riqueza de sua especificidade histórica e seu sentido peculiar na sociedade que a acolhe” (Sibilia, 2008, p 74). Não seria o caso das escritas em diários virtuais?

Quanto a isso, essa autora responde que tudo muda com a passagem do papel e caneta para a tela opaca do computador. “Muda precisamente aquele eu que narra, assina

e protagoniza os relatos de si. Muda o narrador, muda o autor, muda o personagem” (Sibilia 2008, p. 50). A publicação de relatos pessoais no mundo virtual muda, inclusive, a idéia de intimidade, e a vida se torna um espetáculo. Encontramo-nos cada vez mais distantes daquela cultura do início dos séculos XX e XIX em que os diários eram verdadeiramente íntimos.

Oliveira (2002) apresenta que “as novas formas de comunicação e interação possibilitadas pelas novas tecnologias inserem-se no seio da cultura letrada e a modificam” (p.177). A revolução eletrônica e a internet inauguraram um novo ambiente de comunicação, novas formas de sociabilidade, propiciam novas formas de expressão individual e produção de subjetividades. Além dos blogs que são objetos de investigação desta dissertação, podemos citar outras ferramentas dentre uma variedade que surge a cada dia como youtube¹², facebook¹³, orkut, msn, twitter, second life¹⁴.

O blog pode ser visto como uma ferramenta usada para responder às demandas da sociedade atual caracterizada pelo domínio da imagem e velocidade; massificação das informações, superficialidade; banalização das vivências; prevalência do descartável; valorização do externo, da aparência; cultura do simulacro; onipotência entre outros.

Em meio aos vertiginosos processos de globalização dos mercados em uma sociedade altamente midiaticizada, fascinada pela incitação a visibilidade e pelo império das celebridades, percebe-se um deslocamento daquela subjetividade interiorizada em direção a novas formas de autoconstrução (Sibilia,2008, p.43).

¹² Youtube: “site que permite que seus usuários carreguem e compartilhem vídeos em formato digital”. Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/YouTube>

¹³ Facebook: site gratuito onde os usuários criam perfis contendo fotos, listas de interesses trocando mensagens privadas e públicas. Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Facebook>. Última consulta: 15/09/10.

¹⁴ Second Life: “é um ambiente virtual e tridimensional que simula alguns aspectos da vida real e social do ser humano. Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Second_Life. Última consulta: 15/09/10.

Os diários eram uma escrita que tinha como finalidade a reserva e a introspecção, resguardada de qualquer intromissão alheia, feita em papéis trancados dentro de gavetas, protegendo o diarista de todos os rigores e pudores que permeavam a sociedade daquela época. Agora, aquela imersão em si mesmo, realizada em um quarto próprio, transforma-se em uma nova maneira de narrar o eu, onde a intimidade se converte em espetáculo, aparecendo um terceiro elemento, um interlocutor, no qual a pessoa deposita todos os seus créditos de ser alguém no mundo. Lemos (2001) aponta que no ciberespaço a relação entre o público e o privado se confunde e os blogueiros experimentam a construção de imagens identitárias em que a fronteira entre ele e o outro está abolida.

Schittine (2004) apresenta que “o novo diário íntimo gera um relacionamento de mão dupla entre um autor disposto a contar sua vida íntima e um público desconhecido que se propõe a ler sobre ela e comentá-la” (p. 13). Os leitores pretendem encontrar nos blogs algo de si mesmo e no momento em que o diarista conta sobre o seu cotidiano é que o captura, como se revelasse um segredo em que só um foi capaz de dizer. Não existe, portanto, um grande segredo a ser revelado, mas as situações confessadas do dia-a-dia é que unirão os dois.

Freud (1908), em seu artigo “Escritores criativos e devaneios”, alega ser o grande escritor aquele que mais proporciona uma identificação com os personagens presentes na obra. “Escritores criativos seriam aqueles que produzem histórias com personagens que vão permitir ao leitor um deleite identificatório” (Freud, 1908, p.135).

Para Sibilia (2008), “a rede mundial de computadores se tornou um grande laboratório, um terreno propício para experimentar e criar novas subjetividades, em seus meandros nascem formas inovadoras de ser e estar no mundo.” Como afirma Schittine

(2004, p.16), a “tendência de exposição da vida privada, que se observa atualmente na mídia, é fruto de uma série de fatores históricos, como a formação da individualidade e o afastamento do indivíduo da vida social.” Como característica deste momento, pode-se notar uma situação contraditória na qual o indivíduo, ao mesmo tempo em que busca uma visibilidade, afasta-se do convívio social, daquela relação da presença real do outro. Há relatos da preferência pela relação com o distanciamento físico, sendo mais fácil falar de sua intimidade para um estranho. Lemos (2001) trata o fenômeno dos diários virtuais como forma de expressão individual, construída através de tecnologias de designer de hipertextos (sites), explicitando “o espetáculo da tecnologia como forma de estética social, proxenia, de contato” (Lemos 2001, p 1). Para esse autor, os blogs respondem ao desejo de entrar em contato com outras pessoas e transformar a própria vida comum em obra de arte (sites, diários, exposição de fotos, filmes etc.). Para Schittine (2004), muitos sujeitos escrevem diários virtuais na busca de um encontro com o outro. E o leitor busca nos pequenos fragmentos um pouco de si.

Tradicionalmente, o diário é uma escrita íntima e quem escreve é essencialmente uma pessoa solitária; a escrita é feita de si para si mesmo. No diário, o autor coloca o que não tem coragem de falar ou fazer durante o dia ou que tenha pensado em segredo. Alguns autores escrevem para si mesmos, com o objetivo apenas de desabafar, por escrito, sem que ninguém saiba aquilo que escreveram. Alguns queimam os seus escritos, com medo de não se reconhecerem ou que alguém encontrem os seus escritos e os reconheçam. Schittine (2004; p. 11) afirma que alguns autores procuram guardar seus escritos cuidadosamente para sempre poderem voltar às suas lembranças, ou para, um dia, terem seus escritos encontrados por um Outro, um Outro que pode vir a propagá-los. A autora aborda a quantidade de autores os quais, por decisão própria, resolvem publicar os seus escritos. Ela exemplifica suas colocações com o diário de Anne Frank (1988), Podemos

incluir aqui o diário de Helena Morney (1998), escrito na adolescência e publicado aos 62 anos de idade. (Braga, 2009, p. 77)

Para Schittine (2004), a escrita de um diário é movida pela vaidade do autor, em vista do mesmo sempre ter precisado de um interlocutor, mas a espera de que seus escritos despertassem a curiosidade não era exposta. Sendo assim, o diário na Internet assume o pecado da vaidade no escrito íntimo. “Ele é a prova de que o diarista pretende falar sobre si e espera que um grupo de pessoas se interesse e goste do assunto “(p.12)

A vida privada do autor de um diário não só é observada, mas também comentada por estranhos com o consentimento do próprio autor. Schittine (2004) explica: é um público novo, interessado em consumir a intimidade alheia e, de certa forma, em descobrir o quanto ela se aproxima de sua própria intimidade (Schittine, 2004) O ato de interagir com o outro seria um pretexto para falar de si mesmo. Para autora, o diarista busca, no outro, um espelho.

Os trabalhos de Romão-Dias (2007) e Prange (2003) têm outro importante resultado em comum: o de que a escrita on-line é uma importante fonte de auto-conhecimento. Nestas duas investigações, fica claro que a escrita online é, de uma forma ou de outra, geralmente usada para falar de si (não importa se o que é dito corresponde à realidade ou se é uma construção de personagens) em programas interativos. Quando o usuário está interagindo com diferentes interlocutores, este falar de si (que, de fato, é um teclar sobre si) leva-o a ter diferentes retornos sobre o que diz. “O próprio ato de escrever sobre si, agora acrescido da visão do outro ou de outros, forçosamente torna conscientes ao usuário os aspectos subjetivos sobre os quais ele e seus interlocutores discorrem” (Nicolaci-da-Costa,

2005, p.79). O prazer de escrever, de interagir, de pesquisar, de viver on-line atravessa todas essas pesquisas.

Para Nicolaci da Costa (2005), a internet é um espaço de vida alternativo, no qual a escrita é o meio privilegiado de comunicação e onde o indivíduo experimenta novas formas de ser. O sujeito contemporâneo escreve – ou melhor, tecla – para se comunicar, escreve para construir personagens, escreve para informar, escreve para construir relacionamentos, escreve para registrar pensamentos, escreve para dar sentido às suas experiências múltiplas e diversificadas, entre outras.

1.2. Escrita, blogs, espaço potencial e o viver criativo

O diário é uma forma de expressão típica dos adolescentes. Por certo não são apenas os adolescentes que escrevem diários, porém eles possuem uma relação particular entre a escrita de si e a constituição subjetiva, como aponta Poli (2005). Esta relação especial, citada por esta autora, se deve à passagem dos laços familiares aos laços sociais que se impõem exigindo uma complexa operação subjetiva, sendo a escrita de si um lugar que se pode legitimar socialmente uma singularidade, uma identidade. Além disso, o diário pode funcionar como um suporte para as mudanças corporais em curso. Com o advento do computador e da Internet, os diários de adolescentes migraram para esses novos suportes eletrônicos, em programas como os blogs. As páginas coloridas, com fotos, músicas, poesias denunciam uma marca infantilizada em busca de maturidade e de uma figuração¹⁵, bem como uma forma de se apresentar em um blog único e possuir a própria identidade.

O blog é uma possibilidade encontrada por alguns adolescentes de pensar e sentir as experiências emocionais, as mudanças corporais e o novo papel social que eles deverão começar a exercer a partir dessa fase. A possibilidade de relatar suas experiências pode ser transformadora e reconstituente para o sujeito, à medida que ele entra em contato com as emoções, podendo situá-lo como agente de sua vida perante o mundo e a si mesmo.

Os diários, nessa visão, são construídos como tentativas de elaborar sua existência, sua constituição quanto ao quem tornar-se-ão. É uma escrita cujo objetivo é o si próprio, a análise, isto é, a auto-análise da história de uma vida, a vida do próprio sujeito narrada por ele mesmo.

¹⁵ Figurabilidade: conceito Freudiano. “Exigência a que estão submetidos os pensamentos do sonho; eles sofrem uma seleção e uma transformação que os tornam aptos a serem representados em imagens.” (Laplanche & Pontalis, 2001, p.189)

A escrita pode ser pensada como uma forma de comunicar e expressar as emoções em que o significado se constitui e se transforma através de uma capacidade de contar suas vivências de forma criativa. Segundo Freud (1908), a obra literária seria como um devaneio, que daria continuidade ou substituiria o brincar infantil. Através de seus escritos, o autor estaria apresentando suas fantasias. Podemos considerá-la, então, como uma forma de acesso ao pensamento inconsciente e também como expressão do processo de elaboração. A escrita é uma forma através da qual a mente se empenha em uma tentativa de lidar com os conflitos, realizando uma representação gráfica, expressando as emoções envolvidas em um conflito: um passo em direção à pensabilidade.

Barros (2004) enfatiza que os símbolos são necessários não para negar, mas para superar a perda do objeto. Pode-se pensar, portanto, que no trabalho de escrever sobre si mesmo ocorre uma tentativa do processo de elaboração. Ao escrever em diários íntimos um significado pode ser apreendido, construído e transformado. “Nesse processo criam-se novos símbolos que ampliam a capacidade pessoal de pensar a respeito das próprias experiências emocionais” (Barros, 2004, p.132). O adolescente, em seu momento de mudanças com a perda do corpo e papéis infantis, vive o luto pela fantasia da bissexualidade e pelos pais da infância e, provavelmente, encontra nos diários/blogs um ponto de ancoragem, podendo reviver e elaborar seus conflitos e lutos. Para alguns deles, a escrita em diários/blogs é usada como um espaço continente no qual podem se libertar de tensões elevadas e ser uma possibilidade de elaboração.

Através da representação é “que as capacidades pensantes da vida afetiva se desenvolvem e se tornam partes do processo do que poderíamos chamar de metabolização da vida emocional. Essa metabolização ocorre por meio da migração de significado ao longo de vários níveis do processamento mental” (Barros, 2004, p. 133).

Na adolescência, a pressão exercida pelas forças instintivas sobre o aparelho mental para executar uma transformação de significados para a experiência emocional confronta esse sujeito com a insuficiência dos seus instrumentos (símbolos) disponíveis para a comunicação interna, ou seja, para pensar. “Nessa confrontação cada um de nós é obrigado a alargar seu mundo simbólico, para lutar com a necessidade de comunicação nos mundos interno e externo, assim como para poder desenvolver uma visão abrangente dos mundos externo e interno em toda sua complexidade” (Barros 2004, p. 133).

Por ser a escrita íntima uma experiência pessoal, pode revelar conhecimento sobre si mesmo e possibilitar, através do seu significado, uma transformação, uma ampliação do eu e um aprendizado com a experiência. Pode ser pensada como um espaço intermediário de experiência (análogo ao espaço potencial) da qual participam tanto o mundo interno como o mundo externo, onde se observam movimentos precursores da capacidade de reconhecer a realidade, poder não aceitá-la e transformá-la através da experiência da ilusão.

No espaço potencial, ocorrem as primeiras possessões, é a área que se encontra entre o eu e o não-eu. A escrita em diários evidencia (novos espaços internos) através de emoções, sensações, medos e outros sentimentos que emergem, possibilitando experiências emocionais que fortalecem a estrutura do ego, e favorecem o reconhecimento de sentimentos de identidade própria, construindo a capacidade de simbolizar.

O blog oferece ao adolescente um espaço que possibilita a construção do seu eu imaginário, favorecendo sua autonomia, sua subjetividade e sua criatividade, enriquecendo suas percepções e sua pessoa. Os blogs pesquisados utilizavam a escrita como um objeto com características e significados próprios, únicos, repletos de subjetividades, vinculados às

suas experiências cotidianas, possibilitando utilizarem suas capacidades criativas, possivelmente vivendo uma experiência de transicionalidade.

Reconhecer, através da escrita, a existência de um espaço intermediário entre o mundo interno e o externo (onde possam contar suas emoções e entrar em contato com elas) parece importante para estes adolescentes, pois possibilita a capacidade de usá-lo como suporte para uma travessia entre os laços familiar e social, entre o corpo infantil e o de adulto. A escrita em diários, para eles, funciona de forma análoga ao espaço potencial, intermediando uma forma de comunicação de vivências distantes e desconhecidas de pensamentos impensáveis, de sofrimentos e dores, possibilitando uma aliança com os seus aspectos mais saudáveis, integrando e transformando em experiências reparadoras.

Braga (2009) expõe que a escrita de diários/blogs pode ser compreendida como um veículo que possibilita ao adolescente expressar o que não consegue comunicar de outra forma, sendo um recurso de linguagem, um código social, discursivo. O enlace com a escrita é uma forma de comunicação encontrada pelo adolescente no momento de passagem e de construção de si mesmo em que ele estaria buscando resolver questões sobre sua própria existência.

O espaço potencial concebido por Winnicott (1951) é uma terceira área da experiência humana, área intermediária entre o interno e o externo, o subjetivo e o objetivo. Neste espaço, a ilusão (o poder lidar com o vazio e suportar a presença de uma ausência) é o momento inaugural de constituição da realidade. Aí, se aloja a atividade artística. A realização artística abre diversas portas para o mundo interno e externo. Para Winnicott (1951)

Trata-se de uma área que não é disputada, porque nenhuma reivindicação é feita em seu nome, exceto que ela exista como lugar de repouso para o indivíduo empenhado na perpetua tarefa humana de manter as realidades interna e externa separadas, ainda que inter-relacionadas (Winnicott, 1975 – p.391).

Para Braga (2009), o diário do adolescente situa-se em um campo simbólico de compartilhamento de enigma, um lugar de passagem de uma língua para outra, onde o adolescente pode circular entre a casa dos pais e o grupo de iguais. A escrita retrata uma mudança de endereço, conseqüência de um conflito em reconhecer-se em um lugar próprio. Sendo assim, por meio do escrever, o adolescente busca realizar algo ainda sem registro, mas tendo uma ação que possua o valor de um registro. Na adolescência, dessa forma, a escrita pode funcionar como um pedido para comunicar o que se apresenta como incomunicável. O adolescente, procurando um espaço em que possa existir, pode encontrar na escrita em um blog tal possibilidade.

No entanto, a prática de escrever ainda integra o mundo subjetivo e o mundo objetivo da adolescência, construindo um território transicional caracterizado por jogos, brincadeiras e escritas. Há o uso de gírias, num processo de identificação e a utilização de poemas e músicas em seus diários e atualmente em seus blogs. A não regularidade de suas escritas pode ser real, mas há uma intensa carga emocional no processo de escrita, pois constitui uma maneira de procurarem a si mesmos (Braga, 2009 –p. 78).

Para essa autora, escrever diários/blogs é uma forma de proteger o que foi perdido, é a criação de um espaço permanente ao qual é possível regressar sempre que se queira, possibilita voltar a antigos lugares, encontrar-se com pessoas do passado e evocar antigas sensações. Permite distanciar-se ocasionalmente da realidade para pensar e viver ilusoriamente em outro tempo. A escrita de si também permite a construção de um espaço próprio, sendo uma maneira de ficar só e ao mesmo tempo acompanhado.

Romão-Dias (2007), em sua tese de doutorado, aponta que a web seria um espaço entre a realidade externa e o mundo interno, espaço possibilitador do brincar criativo. Compara o ciberespaço ao espaço potencial, afirmando que aquele pode ser o meio dentro, meio fora, público e ao mesmo tempo privado. A autora relata que uma das características do espaço potencial é o fato de o indivíduo estar livre das exigências da realidade externa e não sob o total domínio da realidade interna, encontrando-se livre de tensões. Nele, podemos encontrar um espaço da brincadeira com caráter criativo, encontrando um caminho de saúde para a vida. A tese de Romão-Dias (2007) mostra que, se na Internet pode haver os excessos, tais como vícios e patologias como a depressão, a solidão, o distanciamento social e os usos perversos, pode, no entanto, haver um espaço onde a criatividade possa ser vivenciada, em termos de saúde. Nesta mesma forma de pensar, Dutra d'Abreu (2007) aponta que os problemas não estão na internet, ou na realidade virtual. Para ela, à medida que melhor for estudado, compreendido este novo espaço, poderemos descobrir suas potencialidades como um instrumento a mais para que entendamos os processos emocionais de nossos adolescentes.

1.3. O blog, o olhar e o vínculo do reconhecimento.

A necessidade de um olhar reconhecedor é considerada como básica do ser humano, presente em todas as fases de sua vida, mas de fundamental importância na infância e adolescência devido à estruturação do psiquismo. Para Zimmerman (1999), qualquer pensamento e conhecimento requerem ser reconhecido pelos outros. Este autor afirma que as funções do espelho e do olhar sempre estiveram presentes nas teorias psicanalíticas de diversos teóricos. Cita que para Bion o grupo com suas funções de espelhamento e de reconhecimento dos outros é essencial para o desenvolvimento psíquico do ser humano. Para Winnicott o olhar da mãe é fundamental para dar o sentido de existência para o bebê, não existindo experiência mais penosa do que a de olhar e não ser visto. As contribuições de Lacan também deixam claro a necessidade da presença de outra pessoa para se ter uma síntese da imagem corporal e da identidade.

Levy (2007) nos fala que o adolescente, frente à angústia decorrente da perda das representações de si, de um lado, volta-se para o mundo interno buscando uma reconstrução; por outro lado, busca nos objetos um olhar que o reconheça, que dê sentido à sua existência. Zimmermann (2007) apresenta a necessidade de se ter o olhar do outro, o olhar que organiza, apazigua, reafirma uma nomeação, oferecendo a sensação de existência e possibilitando a sensação de um encontro consigo mesmo.

Haudenschild (1995) aborda que para o sujeito nascer psiquicamente e poder se ver ele precisa ser visto. Além disso, segundo a autora, “mesmo que o objeto possa oferecer um olhar adequado ao sujeito, é preciso que este olhar esteja disponível em um determinado tempo, justo quando o bebê precisa dele, nos primeiros meses de vida” (Haudenschid, 1995, p.1). É o olhar do objeto primário adequado: o primeiro olhar, o olhar

primordial. Este olhar deve, aos poucos, ser introjetado pelo sujeito, que sentindo-se visto, sente-se existindo. E que, uma vez introjetado, apresente ao sujeito as suas potencialidades, podendo, então, desaparecer enquanto presença física.

Winnicott (1967), em seu trabalho “O papel do espelho da mãe e da família no desenvolvimento infantil”, refere-se à mãe enquanto um espelho vivo em uma metáfora aos cuidados maternos. A fim de olhar criativamente o mundo, o sujeito deve ter internalizado a experiência de ter sido olhado. Para Outeiral (n.d.(b)), o que há de inovador neste trabalho de Winnicott (1967) é “a idéia de que o bebê depende do rosto da mãe, de suas respostas faciais, quando ela olha sua criatura, para que o bebê possa formar seu próprio sentimento de self” (p. 4). O olhar da mãe não deve ser como um espelho fixo, que tende a enclausurar a pessoa, fornecendo ao seu bebê uma imagem imutável. É necessário que a mãe faça uma intervenção e ofereça um olhar libidinizador.

Quando por diferentes motivos apenas nos vemos no olhar da mãe é como se o outro não nos olhasse; o olhar apenas refletido – sem a intervenção pulsional da mãe, da mãe-ambiente – poderá nos dar a idéia da invisibilidade psíquica; como um olhar em um espelho físico (Outeiral n.d.(b), p. 7).

Outeiral (n.d.(b)) afirma que quando a mãe reflete o olhar do bebê como um espelho d’água, sem vida, é impossível a tal sujeito ingressar no mundo simbólico, ficando preso em um mundo imaginário. Se há uma falha nesse olhar, e o bebê é cuidado apenas por uma mãe-técnica, cria-se uma casca, um vazio de subjetividade e esse sujeito ficará em eterna luta para adquirir visibilidade. Para Zimmerman (1999), “é por meio de sucessivas experiências do bom olhar materno que se estabelece na criança, a crença de que, se ela é vista como um objeto de amor, então ela existe, é um ente ou seja, esta nascendo uma entidade” (Zimmerman, 1999, p 189).

Zimerman (2010) estuda a importância do vínculo do reconhecimento que, para ele, caracteriza as vicissitudes da relação primordial mãe-bebê e que influenciarão na qualidade de todos os vínculos nas outras fases de desenvolvimento do ser humano. Ele elabora a teoria do vínculo do reconhecimento, enfocando-a em quatro vértices:

a. Reconhecimento de si próprio. É importante que a pessoa reconheça o que preexiste dentro dela e pensava estar fora. Adquirir conhecimento requer dar novo sentido às próprias experiências sensório-emocionais.

b. Reconhecimento do outro: É necessário reconhecer o outro como autônomo com idéias e valores próprios, não como um mero espelho seu, sendo condição fundamental para o desenvolvimento psíquico.

c. Ser reconhecido aos outros: É essencial exercitar a capacidade de gratidão em relação ao outro.

d. Ser reconhecido pelos outros: É impossível conceber qualquer relação humana sem a presença de um mútuo reconhecimento. Os transtornos de identidade, auto-estima, entre outras patologias, formam-se em decorrência da falência no vínculo do reconhecimento. Não ser reconhecido, apresenta Zimerman (2010), é o mesmo que não existir.

As escritas em blogs permitem que os adolescentes experimentem essas quatro funções. À medida que escrevem e entram em contato com suas emoções podem se reconhecer nelas e ampliar cada vez mais a resposta para o quem sou eu. Um maior conhecimento de si possibilita reconhecer o outro como diferente. O fato dos blog estar em um espaço público oportuniza ser reconhecido com suas potencialidades e deficiências. O

contato com o outro, um outro que o vê, favorece o sentimento de se sentir existir e de gratidão.

Levy (2007) aborda que um fracasso no reordenamento simbólico que impeça a construção de uma imagem de si, garantindo uma estabilidade narcísica, conduz, em algumas situações, a um processo de subjetivação inacabado, empurrando o sujeito em direção à patologias narcísicas que atingem a conduta e o corpo, mostrando que as defesas narcísicas procuram solucionar a insuficiência da elaboração psíquica. No mesmo caminho, Zimmerman (1996) descreve que, em nível de normalidade, a criança reconhece a presença e necessidade do outro, “de modo a constituir seu mundo desde este outro, o qual será constitutivo e fundante do seu self” (p.716). Caso contrário, o indivíduo tanto pode ter uma demanda excessiva em obter reconhecimento dos outros quanto pode negar e fugir desta vital necessidade, refugiando-se em sua própria subjetividade, muitas vezes, em um estado de isolamento, solidão, encastelando-se dentro de uma “autarquia narcísica”.

Lopes (2007), em sua dissertação de mestrado, observa que nos blogs muitos adolescentes fazem uso deste meio eletrônico como uma tela para expressar o seu cotidiano e utilizam o computador como uma máquina para construírem seus mundos. Através da escrita virtual em blogs, eles têm a ilusão de uma expressividade singularizada que se consubstancializa na busca de uma identidade, em uma imagem de si próprios, procurando reconstruírem-se a partir de questões subjetivas que os afligem.

A adolescência pode ser pensada enquanto um trabalho psíquico em que as mudanças reais precisam ser representadas e simbolizadas. A escrita em diários funciona como uma forma de procurar dar sentido a essa experiência. Escrevendo, o indivíduo tem a possibilidade de construir a si mesmo. O diário on-line oferece aos adolescentes que estão

vivenciando um não lugar o sentimento que, através da escrita, eles podem criar um lugar para si e serem reconhecidos nele.

1.4. A Escrita e o vínculo do conhecimento

Chiapello (2007) apresenta que “ao longo de nosso desenvolvimento criamos a capacidade de simbolizar e sublimar” (p.1). Isso significa que aprendemos a representar figurativamente uma idéia, um conflito inconsciente. Temos uma linguagem, usamos metáforas, expressamos nossos anseios e nossas dores com expressões simbólicas. Assim, o acesso ao inconsciente ocorre por meio do simbolismo que ele utiliza. Para Ribeiro (2007), através do processo de construção de símbolos acontece boa parte dos processos de elaboração psíquica e aponta que a camada simbólica da comunicação humana é conquistada gradativamente por meio da tolerância frente à dor psíquica.

Sabe-se que os símbolos são necessários para a superação da perda do objeto e não para substituí-lo ou negá-lo. Desta maneira, os símbolos são consequência de um trabalho contínuo de luto, ou seja, frutos da dor e da elaboração da dor. “Um símbolo nunca é uma cópia exata do vivido, tanto ao representar algo, no sentido de estar no lugar de, quanto ao expressar uma experiência emocional, o símbolo se forma inconscientemente de acordo com as leis internas e articulações pessoais” (Ribeiro, 2007, p.3).

Na vida, sabe-se ser preciso lidar mais com frustrações e perdas do que com realizações e, por isso, o sujeito necessita manter uma capacidade de simbolizar capaz de organizar e utilizar os símbolos criados com clareza e eficiência. Experiências que não alcançam tal nível de simbolização acabam por soterrar a mente do indivíduo e o símbolo perde sua plasticidade como representante de algo, tornando-se insatisfatório no seu caráter expressivo de emoções. Observa-se, dessa forma, um gradativo empobrecimento das representações mentais, que passam a ser repetitivas. Por outro lado, ressignificar as

experiências emocionais possibilita a abertura para qualidades de pensamento cada vez mais evoluídas.

Freud (1911), em seu artigo “Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico”, assinala a necessidade do desenvolvimento de um aparelho psíquico para lidar com excesso de estímulos mentais que deveriam ser elaborados e não, simplesmente, descarregados.

Foi preciso que não ocorresse a satisfação esperada, que houvesse uma frustração, para que essa tentativa de satisfação pela via alucinatória fosse abandonada. Em vez de alucinar, o aparelho psíquico teve então de se decidir por conceber as circunstâncias reais presentes no mundo externo e passou a almejar uma modificação real deste (Freud, 1911-. p. 66).

Zimerman (1995) aponta, neste artigo, a abordagem de Freud quanto aos principais aspectos para a formação dos pensamentos:

Ausência (ou privação) do objeto necessitado; a frustração; a impossibilidade real de compensar com uma gratificação alucinatória; a internalização do objeto faltante através de representações no ego; e a busca de modificações do mundo real, através dos pensamentos e, a partir desses, por meio das ações.”(Zimerman, 1995 –p. 89.)

Melanie Klein também faz contribuições para a Teoria do Pensamento. Em seu trabalho, “A importância da formação de símbolos no desenvolvimento do ego”, de 1930, coloca alguns aspectos que são imprescindíveis para a compreensão sobre o pensar. Ela descreve a pulsão epistemofílica e associa a dificuldade de formação de símbolos à presença de fortes pulsões sádico-destrutivas.

Para Zimerman (1995) Bion, a partir das teorizações de Freud e Klein, é o autor psicanalítico que mais originalmente aborda a influência das pulsões, fantasias

inconscientes e ansiedades primitivas na gênese, evolução, conteúdo e forma de pensamento e, além disso, de um aparelho psíquico capaz de pensá-los. Para Bion, a formação do pensamento também depende da capacidade do bebê de tolerar as frustrações das necessidades básicas, sendo que o essencial é a maior ou menor capacidade do ego em tolerar o ódio resultante dessas frustrações. O sujeito, perante uma frustração, ou procura fazer uma evasão da mesma, para não pensar as experiências dolorosas e, dessa forma, não há crescimento mental, ou enfrenta as frustrações, o que implica em dor psíquica. Porém, é o único caminho que possibilita transformações da realidade frustradora e, a partir disso, crescimento. As frustrações podem ocorrer devido a fatores constitucionais (maior ou menor condições inatas da capacidade de tolerar frustrações) como também decorrem de fatores ambientais (excesso ou escassez de frustrações) que permitam ou não a construção de um aparelho para pensar.

Para Bion (1967) os pensamentos são indissociados das funções de conhecimento, formação de símbolos e linguagem. Deste modo, o pensar está intimamente ligado à disposição consciente e inconsciente do sujeito querer ou recusar conhecer as verdades desconhecidas. A função do pensar resulta de uma disponibilidade do sujeito para saber o seu não saber; dessa forma, pensar consiste em ter problemas a solucionar e não ter soluções para os problemas.

Segundo Zimerman (2010), a psicanálise relaciona a concepção do conhecimento a um conjunto de premissas fundamentais, tais como: a forma como o sujeito percebe o mundo exterior e interior, o amor às verdades, um estado mental de predominância da posição depressiva, capacidade de integração dos aspectos do que ele sabe a respeito de um determinado evento, o antigo discurso dos pais e da cultura onde ele está inserido.

O eixo central para a formação do conhecimento, da mesma forma que na do pensamento, é a maior ou menor capacidade da criança em tolerar as frustrações decorrentes das privações. Assim, a criança tanto pode fugir destas frustrações, criando mecanismos que evitem conhecê-las, quanto pode aprender a modificar a realidade através da atividade do pensar e do conhecer. A função do conhecimento está intimamente ligada à da formação de símbolos, porquanto são estes que permitem uma evolução da criança à condição de poder conceituar, generalizar e de abstrair, assim expandindo o seu pensar e o seu conhecer. Na verdade, os mecanismos inconscientes de negação (para fugir de conhecer certas verdades) podem evitar o problema imediato da angústia, mas não evitam a permanência desta angústia, fato que, então, prejudica a busca de uma solução mais consistente e construtiva.

Os mitos universais citados por Bion deixam claro quão dolorosa é a busca do conhecimento também nos mitos individuais de cada pessoa. Por esta razão, forma-se, em graus variáveis, de um indivíduo para o outro, uma tendência para evitar o sofrimento que acompanha a pulsão epistemofílica.

Zimerman (2010) apresenta o conhecimento como função psíquica que liga pensamento e realidade, de forma que a pessoa possa agir sobre o mundo e transformá-lo. Conhecer vai além de “uma soma de fatos que o sujeito fica sabendo, antes disso, o importante é o uso, com reflexões próprias, faz daquilo que aprende e sabe.” (Zimerman, 2010, p. 169)

A função do conhecimento é denominada por Bion (1962, apud Zimerman 1995) por vínculo K, ou seja, vínculo do conhecimento. Para ele, os pensamentos são indissociáveis das emoções e desta forma deverá existir na mente uma função que dê sentido e

significado às experiências emocionais. O desenvolvimento da função K depende da capacidade de *rêverie*¹⁶ da mãe ser adequada e capaz de oferecer à criança possibilidades de aprender a partir de experiências positivas e negativas impostas pelas privações e frustrações. Essa função será desenvolvida à medida que o bebê introjeta a função K da mãe, sendo uma função imprescindível para o seu desenvolvimento por possibilitar o aprender com as experiências. Porém, se a capacidade de reverie da mãe não conseguir conter as angústias do bebê, essas retornam a ele gerando mais angústia e ódio, impedindo a introjeção da função K no seu psiquismo.

Para Zimerman (2010), “a função conhecer é uma atividade pela qual o indivíduo chega a ficar consciente da experiência emocional, tira dela uma aprendizagem e consegue abstrair uma conceituação e uma formulação dessa experiência” (p.178).. O conhecimento, a verdade e a liberdade possuem uma relação entre si e o conhecer (K) ou o não-conhecer (-K) e são equivalentes ao ser e não ser, ou seja, “é um determinante fundamental ao senso de identidade do indivíduo, nos planos individual, social e grupal” (Zimerman, 2010, p. 179).

A patologia do conhecimento, denominada –K, e é utilizada pelo sujeito para evitar a dor das verdades intoleráveis ou para não enfrentar o medo do desconhecido.

Nesses casos, em que o ego não quer conhecer, ele constrói estruturas falsas, substitui a busca de conhecimento por uma onisciência, onipotência e prepotência; substitui o enfoque científico, e culturalmente aceito, pelo de uma moral de um super superego que está acima de todos, não desenvolve a capacidade de discriminação entre verdades, falsidades e mentiras e cria uma hipertrofia dos mecanismos defensivos ligados a negação (Zimerman, 2010 – p. 179).

¹⁶ *Rêverie*: designa uma condição pela qual a mãe capta o que se passa com seu filho, não tanto pela atenção provinda dos órgãos do sentido, mas pela intuição. (Zimerman, 2001)

Para Bion, sem a verdade, o aparelho psíquico não se desenvolve e morre de inanição. Quando o jovem escreve sobre si de alguma forma ensaia o pensar e o conhecer. Se chegará a K ou -K será a questão de cada um.

1.5. Contribuições da psicanálise da adolescência para analisar os blogs

A adolescência é um momento importante na vida do indivíduo, constituindo-se em uma etapa decisiva em seu processo de desenvolvimento, marcada pela transição do estado infantil, que pode ser considerado uma perda; para o estado adulto, um ganho. Esta fase caracteriza-se por um período de contradições, ambivalências, conflitos internos e externos no ambiente sócio-familiar, pois não apenas o jovem está envolvido, mas também seus pais e a sociedade à medida que tornam-se ambivalentes e resistentes ao processo de crescimento.

Segundo Outeiral (2003) a palavra adolescência tem uma dupla origem etimológica que caracteriza as peculiaridades desta fase: do latim *ad* (a, para) *olescer* (crescer). Indivíduo apto a crescer e *adolescere* que significa adoecer, cair enfermo. Ao crescer, pode-se perder a firmeza e adoecer ante o sofrimento emocional transbordante. Nick (2007) coloca que a adolescência sempre foi descrita como um período crítico. Nele, inúmeras operações psíquicas em curso podem levar tanto à evolução para uma nova e mais rica configuração psíquica como à uma derrocada ou parada no desenvolvimento.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (1990) situa a adolescência entre 12 e 18 anos de idade e a Organização Mundial de Saúde entre 10 e 20 anos. Porém, para Levy (2007), a adolescência tem ora se antecipado, ora se prolongado. Outeiral (2003) observa que cada vez mais a adolescência antecipa-se à puberdade; crianças de até 7 anos - com um corpo infantil - adotam uma postura adolescente.

Segundo Knobel (1981) na adolescência, o aparecimento dos caracteres sexuais secundários impulsiona o sujeito a transformações psicossociais para conseguir o elaborar desse novo corpo que surge com urgências até então desconhecidas. Levisky (1998)

aborda que a adolescência “é um processo que ocorre durante o desenvolvimento do indivíduo caracterizado por uma revolução biopsicossocial” (p. 21). Outeiral (2003) alerta que apesar de existirem características universais a todos os adolescentes (maturação fisiológica do aparelho sexual, acompanhadas de mudanças psíquicas), a adolescência, sendo um processo psicossocial, estará sempre na dependência do ambiente sócio-econômico-cultural onde este sujeito se desenvolve. Nesta mesma linha de pensamento, Jeammet e Corcos (2005) afirmam que a adolescência é uma etapa universal de desenvolvimento, mas cuja manifestação, assim como a resolução, variarão, de acordo com a época e a cultura.

Outeiral (2003) apresenta que as transformações corporais constituem uma das questões primordiais da adolescência. Jeammet e Corcos (2005) apontam que o corpo vem naturalmente em primeiro plano na adolescência, posto que o próprio processo da adolescência está intimamente ligado às transformações fisiológicas da puberdade, ou seja, às modificações corporais e à passagem de um corpo infantil a um corpo que se tornou apto a agir as pulsões em uma dupla dimensão da sexualidade e da agressividade. Haudenschild (2007) afirma que “na puberdade, o físico demarca o psíquico, as mudanças começam a partir do corpo. Seu corpo e suas sensações internas são outros, necessitando para se reafirmar uma contínua revisão de sua imagem no espelho” (p. 5).

Ferrari (1996) propõe o nascimento de um novo corpo na adolescência e a mente deverá rearranjar-se para lidar com as angústias emergentes, ocasionadas pelas metamorfoses corporais da puberdade. Os adolescentes experimentam, então, um novo corpo de si mesmo ao qual sua mente deverá dar algum sentido e assim possibilitar uma nova identidade. “Fase em que se decide boa parte da vida futura do indivíduo, pela aceitação ou pela recusa da integração da dimensão física com a mental” (Ferrari, 1996, p.

27). Para Valladares (2007) “esse período de vida de transformações psíquicas e físicas é paradoxalmente vivido como imóvel e de espera, no qual se encontra entre o ponto crucial de decidir entre ir para frente, rumo à forma adulta, ou voltar para trás, rumo à infância” (p. 2).

As modificações corporais, para Outeiral (2003), muitas vezes, são vividas como invasoras e ameaçadoras, determinando intensas ansiedades e fantasias persecutórias que são localizadas defensivamente em alguma parte do corpo. Ele alerta para uma situação importante - o sentimento de impotência - que vive o adolescente frente às modificações corporais, tentando, frequentemente, controlar o processo que está em marcha. “A obesidade, a bulimia e a anorexia são alguns dos quadros com os quais nos defrontamos com frequência e que, representam, muitas vezes, tentativas onipotentes de controle do processo puberal”. (Outeiral, 2003, p.9) Para este autor, mesmo em adolescentes que vivem normalmente este processo evolutivo, podem-se observar os regimes dietéticos, nem sempre necessários, para ganhar ou perder peso e as aulas de ginástica ou de dança, onde eles buscam harmonizar os movimentos desajeitados e torpes, característicos e frequentes desta etapa.

Para Jeammet e Corcos (2005) o corpo púbere aparece como um destino que se impõe ao adolescente, revelando a necessidade “da sexualização, ou seja, de pertencer a um dos dois sexos; necessidade de submeter às aparências corporais, herança dos pais; necessidade de se inscrever em uma filiação”. (p. 39) Esse corpo estranho, que perde sua familiaridade com a chegada da adolescência, que será preciso reaprender a amar e adaptar-se a uma nova imagem de si mesmo, é também um corpo incestuoso, portador de desejos.

O corpo adolescente é o terreno privilegiado de concretizações e exibição da herança dos pais, lugar onde as semelhanças físicas com os mesmos se põem à mostra. O corpo é, assim, o lugar de expressão da identificação da semelhança com os membros da família. O adolescente necessita se diferenciar de seus pais e deseja reapropriar-se do seu corpo e até de exercer um autoengendramento. Demonstra isto procurando modificar sua aparência corporal, com o uso de tatuagens e outros atributos, como os *piercings*, tentando assim imprimir sua marca e o seu direito de propriedade sobre seu corpo, sinalizando uma ruptura com o mundo da infância e da dependência dos pais. Ortega (2006) nomeia essa ação de “*body-building*” que se trata de uma tentativa do adolescente em personalizar seu corpo. Ele amplia essa discussão apontando que “as utopias corporais substituem as utopias sociais”. (Ortega, 2006, p. 49). Para este autor o adolescente não podendo mudar o mundo, tenta mudar o corpo como único espaço de utopia e criação.

Consoante com Outeiral (2003), o adolescente começa, paulatinamente, a perceber que seu corpo não corresponde à idealização que havia feito de como seria quando adulto e, geralmente, é pela identificação e comparação com os outros adolescentes que ele começa a ter uma idéia concreta de seu esquema corporal. Neste momento, o grupo de iguais exerce um papel fundamental, pois o corpo assume um papel a ser aceito ou rejeitado por parte da turma, determinando desde identificações, poder fazer parte de um grupo, até movimentos de afastamento ou isolamento social. Para Paladino (2005), o grande desafio para o adolescente é “encontrar um lugar para si mesmo em seu próprio corpo, bem como se situar de outra forma no mundo” (p. 96).

Para Paladino (2005), é possível que em decorrência das transformações físicas fique evidente a falta de parâmetros e referências do jovem em transição. Seu corpo já não é mais o mesmo e seus desejos são outros, desconhecidos e intensos. O corpo em

transformação e o corpo transformado parecem estar se deformando e se reconstituindo a todo o momento. Ao mesmo tempo em que o corpo chega à maturação necessária para que se consagrem tarefas ligadas aos valores de sua comunidade, há a imposição de uma moratória, ou seja, a escola, a mídia, os pais não o reconhecem como adulto, apesar de seu corpo estar pronto para competir em sociedade. Há, portanto, um tempo de suspensão entre a chegada à maturação dos corpos e a autorização de realizar os ditos valores. Este tempo de suspensão seria, então, a adolescência.

Para Moreno (2004) a puberdade é uma trama complexa e situacional em que se confundem mudanças no pulsional e na demanda social. O púbere situa-se no meio de uma mudança de discurso, a saber, o infantil não mais capaz de conter esses novos impulsos emergentes e o discurso adulto ainda sem regulamentar sua vida.

O grau de normalidade do adolescente pode ser avaliado, entre outros elementos, segundo Outeiral (2003), pela sua relação com o corpo. “Em conclusão a relação do adolescente com seu corpo é um dos indícios de integridade e normalidade de sua personalidade” (p. 10).

A perda da identidade infantil, oriunda das modificações corporais e das novas demandas sociais, implica a busca de uma nova identidade que, segundo Knobel (1981), vai se construindo consciente e inconscientemente. O adolescente não deseja mais ser como determinados adultos e escolhe, agora, outros como seus novos ideais. Porém, é por meio de um mundo interno, construído com as imagos parentais, que o sujeito escolherá os novos estímulos para a formação de sua identidade. Para esses autores, um mundo interno bom, construído com boas imagos paternas, ajuda na elaboração da crise da adolescência.

Aberastury e Knobel (1981) expõem que as perdas de um estado infantil que envolvem a perda do corpo de criança, do papel e identidades infantil, dos idealizados pais da infância e da bissexualidade infantil exigem que esse adolescente faça uma elaboração de luto. Vivenciar e elaborar um luto implica em um alto nível de investimento psíquico que, na adolescência, vem a ser bastante ansiógeno devido ao fato do aparelho psíquico desse sujeito encontrar-se em reformulação. A superação destas perdas permite a entrada no mundo adulto. O adolescente deverá procurar, agora, em outras relações, fora do núcleo familiar, novas identificações para a construção de sua identidade.

Nick (2007) considera que um dos pontos essenciais do processo de constituição da identidade do adolescente são os novos laços que ele constitui, a partir da necessária realização do desligamento dos seus objetos primários. “O eu terá que construir uma nova forma de ser e de se relacionar com o mundo”. (p. 02) Para Levisky (1998), o adolescente atravessa esse período com intenso sofrimento e fases de depressão, devido à todas essas perdas sucessivas que acontecem em seu corpo, mundo interno, na qualidade das relações consigo mesmo, com os outros, com o tempo e com o espaço.

A força do desenvolvimento faz com que haja uma reorganização, por meio da incorporação de novos objetos identificatórios que se estabelecem concomitantemente e à medida que os lutos pelos objetos e partes perdidas da infância vão sendo elaborados (Levisky, 1998 -. p. 113).

Para que o adolescente alcance uma individuação, emancipação e autonomia é necessária a perda dos modelos identificatórios infantis. Entretanto, esta perda cria no sujeito um estado de insegurança e conflito devido à fragilidade que seu ego, no momento oriundo das próprias transformações emocionais, está passando.

Levisky (1998) aponta que muitos mecanismos defensivos são ativados nesse período de transição, tais como “negação da realidade, intelectualização, cisão na relação objetal com predomínio de identificações projetivas, recolhimento autístico decorrente de impulsos narcísicos” (p. 117). Esse momento envolve períodos de depressão e elaboração, nos quais o adolescente, muitas vezes, recolhe-se em si mesmo, buscando um isolamento do mundo externo na perspectiva de uma reorganização interna. Muitos atravessam estas circunstâncias vivendo um sentimento de profundo vazio, oriundos dos sentimentos de culpa, medo ou outras manifestações destrutivas pela perda dos objetos primitivos.

O adolescente, em busca de uma identidade adulta, necessitará desprender-se de suas partes primitivas e substituí-las por novos ideais, fruto de suas experiências vivenciais. Estas são adquiridas à medida que ele permite a si próprio realizar novas descobertas, com conquistas e fracassos na sua vida real e mental.

Outeiral (2003) indica que a estruturação da identidade é também uma das tarefas primordiais da adolescência. “Embora comece a ser construída desde o início da vida do indivíduo, é na adolescência que ela se define, se encaminha para um perfil mais definitivo, tornando esta experiência um dos elementos principais do processo adolescente” (Outeiral, 2003, p. 63). O sentimento de identidade se organiza por uma série de identificações, que desde o início do seu desenvolvimento foram incorporando-se ao sujeito; inicialmente, através dos pais e depois da sociedade. Laplanche e Pontalis (2001) conceituam a identificação como sendo “um processo psicológico pelo qual um sujeito assimila um aspecto, uma propriedade, um atributo do outro e se transforma, total ou parcialmente, segundo o modelo desse outro” (p. 226). Para Levisky (1998), a identidade resulta de multiplicidade de identificações parciais que, como um caleidoscópio com seus aspectos invariáveis, formarão novas imagens a partir de qualquer modificação ou movimento.

Levisky (1998) aponta alguns dos múltiplos vértices que interferem no processo de identificação: “biografia do indivíduo, as características qualitativas e quantitativas dos primeiros vínculos afetivos e a organização estrutural, dinâmica e econômica do aparelho mental” (p. 97). E acrescenta a cultura com seu conjunto de valores e conflitos também como participantes deste processo.

Sob pressão das instâncias internas e do meio, esse adolescente deverá buscar novos arranjos e novas articulações entre as diversas partes desse todo, ainda por definir. Para Nick (2007), o sujeito para construir uma identidade própria deverá não só apropriar-se de seu próprio pensamento e desejo, mas também evitar fazer um excesso de desligamento que o levaria a uma alienação de si.

Por certo, tanto as funções em desenvolvimento, quanto o aspecto organizador ou desorganizador da pulsão, assim como a instauração de novas identificações no Supereu, vão se imbricar na construção de um sujeito diferente ao final desse processo (Nick, 2007 – p. 3).

Levisky (1998) denomina essa busca de novos espaços de “mudança de geografia psíquica” (p.101).

Seu ego em nível corporal e mental está buscando definir novos contornos, em uma nova relação temporo-espacial, impostos pelas transformações biológicas, psicológicas e sociais, com suas novas atribuições: sexualidade genital, capacidade reprodutora e aumento das novas potencialidades nos planos intelectual, social e afetivo (Levisky, 1998 -. p. 101).

Para Levisky (1998), o processo de identificação pode ser analisado através de dois caminhos. O primeiro, observando-se a relação do sujeito com ele mesmo, entre seu consciente e seu inconsciente, com suas pulsões e uso de mecanismos de defesa. E um segundo caminho, observando-se as mudanças na sociedade e na cultura, pois elas são

processos dinâmicos e complexos, concomitantes e interatuantes nos processos internos da vida psíquica do sujeito.

É importante observar, agora, como os valores contemporâneos influenciam a formação da identidade dos adolescentes. Outeiral (2003) apresenta que estamos em um período que tanto a sociedade quanto a cultura passam por intensas mudanças e transformações de paradigmas e valores que incidem na formação acima. O autor associa algumas características dessa nova sociedade, chamada de pós-moderna, fazendo com a adolescência.

Observa que vivemos em uma sociedade do tempo *fast*, onde se tem uma quebra no paradigma impulso-pensamento-ação para impulso-ação, caracterizado pela supressão do pensamento que demanda elaboração e uma exacerbação da “baixa tolerância à frustração, dificuldades em postergar a realização dos desejos e busca de descarga imediata dos impulsos” (Outeiral, 2003, p.116). Vivemos na cultura do descartável que estende esse conceito da relação com objetos para as relações com o outro, uma banalização das vivências, modificando a forma de percepção do cotidiano, por exemplo, violência e sexualidade. Outeiral (2003) retrata também uma mudança na ordem da narrativa que não precisa mais seguir um roteiro de início, meio e fim. Para este autor, estas características propiciam o advento do ficar na adolescência, que criaria uma nova erótica em relação ao desejo desse adolescente, em que o objeto está pronto e oferecido antes mesmo de ser desejado. Na opinião de Outeiral (2003), este modelo do ficar permeia outras relações desse sujeito.

Outra característica, trazida pelo autor citado acima, é o predomínio do ego-ideal – predominantemente narcísico incapaz de reconhecer o outro como algo externo a si

mesmo, a concretude e a ação preponderando sobre o pensamento – sobre o ideal de ego – simbólico menos narcísico e reconhecedor do outro como externo. Isso acontece devido aos modelos de identificação oferecidos pelo mundo adulto aos adolescentes, que muitas vezes proporcionam objetos empobrecidos que acabam por provocar um fracasso na capacidade simbólica desse adolescente, dificultando assim a integração de sua identidade.

Levisky (1998) defende que “o encontro entre o ser psíquico e a sociedade – com sua cultura e nos seus vários tempos – constitui-se a subjetividade humana individual, coletiva e universal, compondo a história de cada um, da sociedade e da civilização” (p. 33).

2. Objetivos:

Esta pesquisa pretende observar como os adolescentes percebem suas vivências a partir de suas narrativas em blogs, bem como conhecer as funções que as escritas em blogs assumem nesse momento em suas vidas.

3. Metodologia

Pereira (2007) apresenta o significado de pesquisar como uma busca de um novo conhecimento sobre determinado objeto. Para ela, a curiosidade em conhecer surge como uma necessidade da vida emocional do investigador que, provocando nele questionamentos e turbulências internas, impulsiona-o a pesquisar. “Nesse sentido, pesquisar se torna uma saída para as inúmeras dúvidas do sujeito (pesquisador) no contato com a realidade” (Pereira, 2007, p. 97). Winnicott (1996) aponta que para o cientista todo não-saber é sentido como um desafio excitante e a ciência é movida pela inquietude do investigador frente ao desconhecido e a partir disto o pesquisador deverá assumir sua ignorância, tolerá-la e elaborar um projeto de pesquisa.

Na busca do conhecimento o pesquisador vivencia sempre um duplo desafio. De um lado suporta as dúvidas, o desconhecido, a ignorância diante da realidade que o intriga; por outro, sabe que o conhecimento adquirido nunca é um fim em si mesmo, mas deve abrir-se sempre para novas formulações e questionamentos (Pereira, 2007, p. 98).

Este trabalho partiu do interesse de buscar compreender os sentidos da escrita em blogs de adolescentes bem como conhecer a adolescência através dos relatos escritos por eles e colocados em um espaço de acesso livre na Internet. Tive como inspiração a pesquisa de doutorado de David Leo Lévisky (2005) que utiliza os relatos da autobiografia de um monge beneditino do século XVI, com a finalidade de conhecer a adolescência naquela época. Como também de um artigo de Contart de Assis (2008) que conta a queixa de um dos seus pacientes adolescentes, de que as palestras destinadas a eles são feitas por adultos, e assim, através de trechos de sessão de três pacientes, a autora apresenta toda uma diversidade de temas da teoria psicanalítica. Para análise do material desta

pesquisa, que são as narrativas dos blogs de quatro adolescentes, utilizei o método psicanalítico.

Violante (2000) destaca que a investigação em Psicanálise não se restringe à situação analítica e relembra que Freud não teria escrito artigos clínicos como “Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia” (1911). “Análise de uma fobia de um menino de cinco anos (O Pequeno Hans) (1909)” e não poderia ser considerado um pensador da cultura sem “Delírios e Sonhos na Gradiva de Jensen” (1906), entre outros, se não fosse além do trabalho em consultório. Da mesma forma, Herrmann (2004) apresenta que a ciência da psique ocupa-se em investigar o sentido humano nas pessoas, nos grupos e organizações de homens, na sociedade e em suas produções culturais em todo o mundo humano enquanto mundo psíquico. Birman (1993) aponta que o espaço analítico, enquanto pesquisa psicanalítica pode ser transposto para outras áreas de investigação desde que se respeite o critério teórico-metodológico da Psicanálise (ter como objeto o inconsciente, por método a interpretação e como técnica a associação livre).

A pesquisa com o método psicanalítico permite ao pesquisador ir ao encontro do seu objeto de investigação, possibilitando que este se apresente com suas características e seus diversos sentidos. Deste modo, podemos pensar que são nas diferentes maneiras que este objeto se apresenta que determinar-se-ão os caminhos da investigação. A tarefa a ser realizada pelo pesquisador neste método é a de “interpretar a polissemia das situações observadas” (Rezende, 1993, p. 105) como também “procurar e mostrar em que sentidos há sentidos” (Rezende, 1993, p. 106) Sendo assim, na pesquisa psicanalítica, o investigador faz parte da própria pesquisa à medida que permite ser afetado e transformado pelo objeto de investigação.

Uma grande importância do método psicanalítico é a de valorizar a interação do pesquisador com seu objeto que é onde a interpretação ou a pesquisa podem acontecer. O mesmo deve possuir mais do que uma bagagem de conhecimentos, deve estar preparado para lidar com o desconhecido, o imprevisível e possuir, ainda, uma adequada atitude analítica: observar com atenção flutuante, reconhecimento de que sua presença muda a realidade do fenômeno observado conforme for o seu estado mental durante uma determinada situação. Tolerar o não-saber, sem sua mente ficar saturada de conhecimentos ou informações, impedindo o exercício da intuição no sentido de poder captar o novo além do que está sendo apresentado, para que desta forma interprete os inúmeros sentidos do que observa, reconhecendo os próprios limites diante do objeto, de forma que o conhecimento esteja sempre em construção.

Na psicanálise, há um desvelamento de um sujeito-objeto não somente no plano consciente, mas principalmente no inconsciente, pois esta forma de pesquisar também evidencia os fenômenos que atravessam e constituem o próprio pesquisador. Para Pereira (2004), a pesquisa em psicanálise se torna muito rica à medida que permite que o pesquisador e o seu objeto se desvelem. “Tanto o objeto como o sujeito se põem em uma situação de confronto e desnudamento, um para o outro, permitindo-se ser conhecido e reconhecedor, durante o processo de investigação” (Pereira, 2004, p. 100). Para esta autora, tal desvelamento não está em uma busca da verdade presente no objeto ou no pesquisador, está presente nos diferentes sentidos, no que é observado, de forma que possibilitem “uma expansão do pensamento e do conhecimento acerca do objeto de pesquisa, pois se acredita que o conhecimento surge a partir de um consenso simbólico” (Pereira, 2004, p. 100).

Levisky (2005) apresenta a necessidade de o observador utilizar um rigor conceitual e metodológico que lhe permita fazer constatações, suposições, afirmações e reconstruções relevantes acerca do objeto. “É um momento no qual a realidade objetiva e o mundo subjetivo se aproximam na busca da expressão da verdade do conhecimento, que se transforma com a própria evolução das percepções e dos conhecimentos” (p. 35).

Levisky (2005), em sua tese de doutorado, “Um monge no divã – O adolecer de Guibert de Nogent (1055 – 1125?): uma análise histórico-psicanalítica” utiliza do método histórico-psicanalítico para analisar as narrativas de Guibert. Como esta pesquisa tem um material de análise semelhante, utilizei alguns conceitos que me pareciam úteis para apresentar a importância de uma análise dos textos escritos.

Busca-se nesse método discriminar e entender as relações recíprocas existentes entre o singular e o geral, o comum e o extraordinário, o simples e o complexo, os movimentos individuais e coletivos, o constante e o mutável na constituição do eu, dos grupos e suas dinâmicas, no encontro das várias facetas do processo de identificação e de suas correlações com a cultura, através dos documentos e dos silêncios aparentemente despidos de sentido (Levisky, 2005, p. 62).

A análise histórico-psicanalítica da capacidade simbólica do homem é um dos caminhos de investigação da interface sujeito psíquico-história-cultura. Trata-se de uma fonte riquíssima para o psicanalista, possibilitando perceber o funcionamento da mente de uma pessoa e também de um grupo.

As narrativas dos blogs podem mobilizar reações afetivas identificatórias ou contra-identificatórias no investigador, interferindo em sua capacidade perceptiva de formular hipóteses, interpretar e comunicar o material observado. São reações que podem ser consideradas equivalentes ao fenômeno vivenciado nas relações transferenciais-

contratransferenciais da clínica psicanalítica que podem gerar interferências na percepção e na transmissão dos aspectos observados.

No processo histórico-psicanalítico de investigação, o investigador não tem seu paciente vivo para interagir com suas proposições hipotéticas. Entretanto, nas entrelinhas e nos silêncios, nas interdições e nas liberações das análises de textos, imagens e documentos tenta-se extrair sinais de vida, do imaginário e da imaginação dos seus personagens para a configuração do contexto existente e vice-versa. Ele formula interpretações distintas daquelas provenientes da descrição minuciosa dos fatos, da intuição, do bom senso e da ficção, para, através de uma conjunção de fenômenos, levantar hipóteses, sugerir teorias e propor interpretações das forças, idéias, valores e dos personagens interagentes na construção do evento em observação. Conta com o corpo teórico-conceitual extraído da investigação da clínica psicanalítica e das informações históricas que lhe dão possibilidades de levantar hipóteses, construir e re-formular, realizar interpretações que dão validade à sua aplicabilidade (Levisky, 2005, p. 65).

A metodologia psicanalítica acompanhou toda a pesquisa. A atenção flutuante e a livre associação de idéias, motivadas pelas leituras dos blogs, impulsionaram-me na busca de novos estudos teóricos que por sua vez geraram novos questionamentos em uma pesquisa sempre aberta ao novo. Sabe-se, como dito acima, que as análises feitas hoje foram realizadas dentro de um contexto sócio-histórico-cultural em que estão inseridos os objetos e a pesquisadora.

3.1 Procedimentos

O material analisado nesta pesquisa foram blogs de quatro adolescentes com idades entre 15 e 18 anos, criados com o objetivo de serem um diário pessoal e estarem disponíveis na internet para consulta pública. Considerou-se um blog pessoal aquele que contivesse, por exemplo, relatos de acontecimentos do próprio cotidiano, dos pensamentos e das emoções vivenciadas pelo seu autor. A seleção do material exigiu alguns critérios: os blogs deveriam ter sido criados em um tempo mínimo de um ano, os autores deveriam mantê-los atualizados e fornecerem o endereço de e-mail. Considerando apenas esses critérios os blogs foram selecionados aleatoriamente. O endereço do e-mail tinha importância por ser o meio de entrar em contato com este autor, visando convidá-lo a participar desta pesquisa.

É relevante, porém, esclarecer quais adolescentes esta pesquisa aborda. De acordo com o pensamento de Levy (2007) “falar de adolescência no Brasil é um desafio enorme porque existem diversos brasis e, portanto, diversas adolescências”. Vive-se aqui uma brutal diferença de poder aquisitivo das diversas classes sociais, criando ambientes sócio-econômicos-culturais amplamente diferentes uns dos outros. Apesar de haver uma parcela da população brasileira que é globalizada, conectada à internet, imersa na cultura pós-moderna com todas as vicissitudes que isto implica, há uma imensa população excluída do espaço digital.

Segundo Sibilía (2008), há 120 milhões de brasileiros sem nenhum acesso à internet. Neste sentido, esclarece-se que o material utilizado para esta pesquisa vem de uma parcela da sociedade globalizada, com condições sócio-econômicas que lhes

permitem o acesso ao mundo virtual. Portanto, feita com adolescentes que “usufruem de um acesso aos bens culturais e às maravilhas do ciberespaço” (Sibilia 2008, p. 26).

Para verificar se os blogs poderiam ser objeto desta pesquisa, realizamos uma primeira leitura das narrativas de diversos blogs que estavam disponíveis ao público pela Internet. A partir desta leitura, observei que eles poderiam ser submetidos ao método psicanalítico. Inicialmente, pensei em realizar entrevistas que complementaríamos a leitura/análise dos blogs. Esta hipótese foi descartada porque os próprios blogs já respondiam aos nossos objetivos.

O projeto inicial, aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) da Universidade Federal de Uberlândia, descrevia a realização de entrevistas. O cancelamento das mesmas obrigou-me ao envio de um adendo, justificando esta ação. O CEP solicitou a criação de uma Página de Pesquisa contendo Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que também deveria incluir um espaço para autorização dos pais em caso de menores. (www.estudosadolescencia.com). A liberação para iniciar a análise aconteceu apenas em Setembro de 2009.

Nesta data, iniciei o envio de um e-mail padrão para os autores dos blogs que, pela leitura de algumas postagens, observei cumprirem os critérios descritos acima. Enviei dezoito (18) e-mails e recebi cinco (5) respostas. Serão utilizados blogs de quatro adolescentes para análise devido à dimensão do material (há blog com mais de 300 páginas). Dentre as cinco respostas favoráveis, apenas um adolescente não questionou a origem do e-mail para confirmar a veracidade dos objetivos da pesquisa. Respondi aos questionamentos feitos, obtive a autorização dos autores e iniciei a análise.

Fiz uma leitura de todo material disponível, desde a primeira postagem (não importando a data de início) até a postagem mais atual daquele momento. Alguns autores possuíam outros blogs que, apesar de não atualizá-los, eram mantidos on-line. Como traziam aspectos importantes da vida do autor, e este usá-los como referência em seu blog atual, tais informações também foram consideradas. Em um segundo momento, criei um arquivo para cada autor de blog e comecei a fazer uma seleção das narrativas. Os arquivos eram atualizados à medida que os autores atualizavam seus blogs. Este procedimento foi realizado até janeiro de 2010.

Concomitante ao procedimento descrito acima, a leitura do blog impunha temáticas, demandando-me a formular hipóteses, realizar uma busca teórica que esclarecesse melhor sobre elas e auxiliasse na análise do material. Criei um quadro dividido em três colunas e disposto da seguinte forma: coluna do meio trazendo os trechos dos blogs, coluna da esquerda o tema sugerido naquele trecho e coluna da direita com as minhas análises, observações e hipóteses. (anexo 3)

Optei por analisar cada autor e seu(s) blog(s) individualmente pelo fato de cada um deles trazer temas e formas de relatar particulares, que talvez fossem perdidas em uma análise do conjunto. Durante as leituras e releituras do material, surgiram vários temas e percebia-se, muitas vezes, buracos teóricos que demandavam novas hipóteses, exigindo um constante refazer dos aspectos teóricos desta pesquisa a fim de responderem aos questionamentos que o material despertava.

Em cumprimento ao sigilo, combinado por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, escolhi nomes fictícios para os autores e de seus blogs. Os nomes dos

mesmos são bastante criativos e não acredito, embora pensado, que os nomes escolhidos por mim, pesquisadora, tenham a originalidade criativa de seus autores.

Para confecção do texto desta dissertação, optei, como Silva (2004), por colocar em negrito e entre aspas os trechos dos blogs com a finalidade de discriminá-los de nossas análises como também dos aspectos teóricos utilizados. Os trechos dos blogs foram transcritos sem alteração da forma em que estão escritos, mantendo os erros gramaticais. Devido ao uso de várias fontes de letra, cores, tamanhos, a formatação foi alterada para manter a estética e as normas vigentes de dissertações. Em alguns momentos dentro das narrativas dos adolescentes utilizei parentes sem negritos com pequenos textos meus ou com três pontos, como por exemplo: (...) ou (Busca Vida), sinalizando que houve um corte feito por mim, naquela sequência, porém preservando o trecho principal. Este recurso foi utilizado devido à *posts* (artigos) longos como também para preservar os nomes verdadeiros.

Na análise de cada blog, observei que alguns temas se destacavam. Com o objetivo de oferecer uma leitura mais linear e coerente, aproximei trechos postados em datas diferentes dentro de um mesmo tema e discuti sobre eles. Alguns temas se repetiam em outros blogs, outros eram exclusivos daquele autor, mas não menos importantes para pensar as questões da escrita e das vivências adolescentes.

4. Resultados e Discussão – O adolescente como autor

No meio de milhares de blogs, encontro Alexandre Magno, Rosa, Senhorita K. e Arminda. A escrita destes adolescentes me surpreende pela capacidade de condensar em relatos experiências emocionais que costumam estar presentes na adolescência. Como fez Levisky em sua tese de doutorado convidando Guibert de Nogent com sua autobiografia a deitar-se no divã, convido estes adolescentes a fazerem o mesmo. Ou de outra forma, como fez Contart de Assis (2008), dou-lhes a palavra e os acompanho através de narrativas que falam por si e lhes oferecem figurabilidade às principais angústias vividas neste período do desenvolvimento.

Escuto as palavras destes adolescentes que relatam seus cotidianos, dores, angústias, medos, incertezas, paixões, decepções, conquistas em narrativas que provavelmente equivalem às vivências de muitos outros de suas idades. Nesta parte da pesquisa serão apresentados trechos de blogs de quatro adolescentes, deixando que eles “falem” por intermédio das imagens que construíram.

Como cada pessoa é uma, vejo cada blog como único, com suas peculiaridades, riquezas, formas de narrar-se. E a cada leitura/ análise desvendei mais os seus sentidos e funções, recriando tanto o corpo teórico da pesquisa como me aprimorava na relação com este objeto de estudo.

4.1. Alexandre Magno.

“Escrevendo eu aprendo cada vez mais sobre mim mesmo”
Alexandre Magno

4.1.1. A escolha do nome e primeiro contato com Alexandre

A escolha deste nome fictício foi por associar o seu nome verdadeiro a figuras de rei e imperadores e também pelo desejo manifestado algumas vezes, por Alexandre em se tornar famoso. **“Acontece que agora eu estou começando a dar os primeiros passos rumo à fama [quando eu chegar ao auge e for entrevistado pelo Jô, vocês vão dizer: ele era mais legal na fase underground].”**

Alexandre escreve muito bem e com poucos erros gramaticais. Suas narrações são claras, muitas vezes diretas, com riqueza de detalhes do seu cotidiano. Alexandre me provocou grande empatia através de seus textos e percebi que entrei em sintonia com seus pensamentos e sentimentos

Enviei o e-mail padrão para Alexandre e ele, antes de me autorizar a utilizar os seus blogs para pesquisa, questiona se aquele e-mail não é um spam¹⁷. Logo após minha resposta de que o e-mail não se tratava de um spam, ele responde: **“Elisa, Sinta-se autorizada! Só uma pergunta, mas é só curiosidade mesmo, qual o tipo de análise que você vai fazer dos meus textos e tal? Não esqueça de me mandar uma cópia do seu trabalho quando estiver pronto (: E o que você quiser/precisar saber sobre mim para a pesquisa pode perguntar por e-mail. Eu fico realmente lisonjeado por você ter se interessado pelos meus blogs para a sua pesquisa. Eu tinha 15 anos quando escrevia no (Letras e Receitas), 16 no (Declarações) e agora tenho 18 anos e escrevo**

¹⁷ Spam: mensagem eletrônica, não solicitada, enviada em massa.

no (Fio Condutor), cada blog marcou uma fase diferente, e também a minha escrita foi evoluindo nesses anos. Eu estou começando a minha vida acadêmica, no 2º período de Letras na UFPE e estou fascinado por esse mundo dos estudos e pesquisas. Boa sorte! PS.: Um detalhe que você pode achar interessante... Semana passada eu fiz dois meses de namoro (é a minha primeira namorada). E adivinha como a conheci? Graças ao blog! Um dia ela deixou um comentário no meu blog e foi quando começamos a conversar, descobrimos que somos da mesma cidade e nos demos muito bem, quando nos conhecemos pessoalmente em menos de um mês já estávamos namorando! Se você leu o (Declarações) e o (Letras e Receitas) deve imaginar o quanto eu sofria e como estou feliz agora. Hehe.”

Considero bastante pertinente Alexandre ter verificado do que se tratava a pesquisa antes de autorizá-la. Através desta resposta ao e-mail padrão, fica bem claro o quanto Alexandre busca o contato, o desejo de me contar as suas transformações. Penso ser um e-mail que apresenta a realidade de vida de Alexandre escrita em um blog. Respondo as perguntas dele e reinicio as leituras de seu blog; agora, com o objetivo de análise e ele fica sem escrever-me neste intervalo.

4.1.2. Conhecendo os blogs de Alexandre

Durante toda a pesquisa, observo que Alexandre criou quatro (4) blogs e os mantém on-line, apesar de escrever apenas no que criou por último. É bastante criativo, assim como a maioria dos outros blogs, para nomeá-los. Oferece acesso ao seu perfil com seu nome completo: Alexandre Magno, local onde mora, idade, signo astrológico e do zodíaco, atividade realizada, nome de seus blogs, e uma foto. Oferece endereços onde ele pode ser encontrado como MSN, e-mail e Orkut.

O primeiro blog de Alexandre ao qual tenho acesso envolve letras e receitas. Ele escreve sobre suas vivências, arrisca-se na poesia e posta variadas receitas. Nesta fase ele tinha quinze (15) anos. Relata ter construído outros blogs, anteriores a esse, mas não consegui ter acesso a eles. “Letras e Receitas” é escrito no período de janeiro a setembro de 2007, constando 81 postagens. Intitula-se como um “Chef” de cozinha. E também um espaço para que as pessoas deixem comentários, que como em um restaurante, ele intitula como “Críticas e Sugestões”. É possível verificar o número de visitas que seu blog teve e selos que o mesmo ganhou. Há algumas fotos de Alexandre e dos pratos da sua cozinha.

“Declarações” entra no ar em setembro de 2007 e Alexandre escreve nele até abril de 2008, postando 52 vezes. Seu blog é acessado e comentado em maior número de vezes do que o anterior. O espaço para comentários recebe um nome curioso associado a uma espécie de punição. Não há fotos, apenas tamanho 3X4 em seu perfil.

Alexandre inicia suas postagens em “Curtindo a vida adoidado” em junho de 2008, escrevendo nele em apenas 8 entradas até agosto de 2009. Mantém o seu espaço de perfil. O número de visitantes é consideravelmente menor do que nos blogs anteriores.

“Fio Condutor” é o último blog criado por Alexandre que esta pesquisa teve acesso e diferencia-se muito dos outros blogs. Na configuração do layout Alexandre não se apresenta, não existe link para seu perfil, não há número de visitantes e nem blogs que acompanha. Nenhuma foto ou imagem; porém, mantém seu estilo de escrita e o espaço para comentários, de outubro de 2008 até janeiro de 2010, realizando 42 postagens.

4.1.3. Motivos para mudança de blog

É fundamental acompanhar as explicações de Alexandre para as mudanças de blog que acontecem em dois momentos. O primeiro, quando ele encerra um e inicia outro; e outra explicação em uma reflexão posterior. Aos quinze anos quando ele inicia o blog “Letras e Receitas”, escreve em janeiro de 2007 **“hoje eu começo esse novo blog, e não tenho nenhuma explicação plausível pra isso. Só tenho a dizer que enjoei daquele e agora vai ser esse aqui! Rsrs.”** Em setembro de 2007, ele finaliza esse blog dizendo: **“Bem, não tô afim de explicar as verdadeiras razões, mas o fato é que eu criei um novo blog (...) (Letras e Receitas) ficará aqui, intacto, mas não sei se um dia voltarei a postar por aqui...”** Realmente, Alexandre não voltou a escrever neste blog.

Quando inicia o blog Declarações, ele escreve em seu primeiro *post*: **“Sou adepto de comidas instantâneas e congeladas. As receitas que eu postava no meu outro blog eram roubadas de sites de receitas..[ctrl+c... ctrl+v]”** Em uma melhor reflexão sobre a mudança de blog escreve: **“Eu simplesmente resolvi iniciar uma nova fase...Primeiramente eu pensei em mudar o nome e o visual do blog que já existia, mas achei que a melhor alternativa seria criar um novo blog para começar do zero. E deixar aquele como está. Quem sabe um dia eu volte a postar por lá... Quem sabe um dia eu resolva apagá-lo definitivamente...”** Bem singular esta percepção de Alexandre. Penso que ele observa que alguns aspectos de sua mente estão mudando, isto é, não sendo mais necessário copiar e colar formas de ser. Não se identifica mais com esse jeito de funcionar e quer buscar algo mais dele, saber quem ele é. Por um momento, almeja uma mudança radical, desconfigurando o seu modo de ser, mas decide preservar o blog caso necessite retornar àquele espaço ou de até, no futuro, ter esses aspectos tão internalizados que não serão mais de outrem e sim dele mesmo. Porém, começar do zero é impossível e, aos poucos, Alexandre vai percebendo isso, pois ele busca em “Letras e Receitas” antigos textos para fazerem parte também de “Declarações”.

Em abril de 2008, Alexandre decide não mais escrever em Declarações e escreve em tom que mistura decepção com onipotência: **“Mas a frase que resume esse texto é: ‘Acabou.’ Acabou o egocentrismo arrogantemente loser, acabou a sinceridade e a espontaneidade possivelmente forjadas das minhas (declarações) Acabou o drama, acabou a farsa, acabou... Acabou!”** Dessa vez, o término do blog parece fazer algum sentido para Alexandre. Talvez a visibilidade almejada não tenha surtido o efeito desejado.

Alexandre, em junho de 2008, considera que está vivendo um novo momento de sua vida e inaugura o “Curtindo a vida adoidado”, e tem um objetivo **“eu vou escrever enfatizando alguns acontecimentos da minha vida que são típicos de filmes da sessão da tarde.”** Filmes de sessão da tarde são filmes mais leves e indicados para todas as idades. O próprio Alexandre declara estar vivendo um novo momento. **“Quem acompanhava o meu blog antigo [Declarações] provavelmente vai gostar desse aqui também, afinal o blogueiro é o mesmo, trata-se apenas de uma nova fase. Vale a pena conferir.”** Esta fase na vida de Alexandre dura muito pouco, apenas três meses. E ele escreve apenas oito vezes.

Por fim, Alexandre decide escrever “Fio Condutor” em outubro de 2008. Não se apresenta e nem apresenta o blog nas primeiras postagens, justificando: **“Neste aqui eu não precisava me apresentar logo na estréia, porque os primeiros leitores seriam os mesmos que já liam meus antigos blogs e eram até íntimos.”** A sua apresentação acontece sete meses depois. Cria esse blog com o nome que pretende ter o seguinte objetivo: **“mas um dos objetivos foi justamente dar ao blog um nome aparentemente sem sentido, assim eu poderia escrever sobre qualquer coisa e o blog não teria uma temática preestabelecida.”** Alexandre parece observar sua vida de forma diferente, ou seja, nem como cópia, nem como repleta de estados depressivos, nem como uma leveza

eterna. Não é preciso categorizá-la e nem viver de uma única maneira. Aceita viver a vida sem fórmulas e sem previsões.

Passaram-se mais de dois anos das primeiras postagens de Alexandre e ao responder aos comentários feitos no seu blog atual, ele revê as mudanças e criações de novos blogs com um novo olhar. **“O legal de ter um blog com o nome *Letras e Receitas* é que quando não se tem nada de interessante para escrever basta postar uma receita de bolo de macaxeira. Poesia que é bom não tinha. (...) Naquela época os meus textos já tinham essa característica de expor coisas que nenhuma pessoa normal teria coragem de escrever, eu contava todas as minhas frustrações com o pessimismo digno de um emo.”**

Em Declarações. **“Eu tinha 16 anos, escrevia um pouquinho melhor, mas ainda sobre as mesmas coisas. O blog tinha uma grande quantidade de leitores fixos e algumas postagens chegavam a receber mais de 100 comentários. Eu confesso que só escrevia por causa dos comentários mesmo. (...) Fazia um bem danado para a minha autoestima! Com o tempo perdeu a graça. (...) A diversão virou obrigação e eu resolvi abandonar a vida de blogueiro.”**

“Não deu. Em menos de dois meses a saudade bateu e eu tive que criar um novo blog. Mas dessa vez eu não queria que ele fizesse sucesso e acontecesse tudo de novo (...) Ao começar esse novo blog eu achei que a minha vida estivesse mudando e que nele eu poderia escrever coisas menos pessimistas, contar histórias com final feliz como. Aliás, este era o nome do blog: Curtindo a vida adoidado. Infelizmente eu estava enganado, a minha vida continuava a mesma negação (...) Foi o blog que durou menos e teve menos postagens. Quando eu resolvi postar alguma

coisa nova, percebi que não se encaixava na temática e tive, então, que criar mais um blog.” E agora escreve em Fio Condutor que, por ter o nome mais abstrato, não necessita de um padrão de textos.

Nesta análise, feita posteriormente sobre suas mudanças de blogs, ele reconhece que cada um representa um estado mental dele e um momento de sua vida, confirma também minha hipótese de que as mudanças nos blogs, layouts, e até mesmo de blogs correspondem a uma busca da identidade. Verifiquei que Alexandre inicialmente não percebia os seus recursos, mas, aos poucos, entra em contato com eles e pode, então, assumir a autoria de seus textos. Em sua última criação de um blog, aparece mais integrado, observando que sua vida tem experiências boas e ruins.

4.1.4. Alexandre e a escrita

“Acredito que a característica mais forte da minha personalidade seja a timidez. Mas eu descobri na escrita uma forma de me expressar.” Alexandre percebe as suas dificuldades no contato com o outro, não sentindo nem em si mesmo e nem em um ambiente externo um espaço onde possa existir, porém não é um sentimento que o paralisa. Ele busca encontrar um lugar, mesmo ainda não sendo o ideal, em que ele possa falar sobre suas vivências. Encontra então no blog, um espaço de hospitalidade **“Escrevendo eu aprendo cada vez mais sobre mim mesmo.”** Alexandre nos esclarece como a escrita lhe permite entrar em contato com a sua emoção. Sua escrita é um processo de elaboração. Quando escreve: **“Eu passei a me conhecer melhor.”** ele revela que adquirir conhecimento sobre si mesmo é poder dar novo sentido às experiências emocionais. No mesmo *post*, ele fala ainda: **“e as pessoas passaram a me conhecer melhor”**, mostrando que esta necessidade do olhar reconhecedor é uma necessidade

básica do ser humano. Assim, qualquer pensamento, conhecimento requer ser reconhecido pelo outro.

As leituras dos textos de Alexandre levaram-me a pensar na questão da invisibilidade que ele sentia em relação aos outros e na busca declarada por um espaço para ser visto. Utilizando Winnicott (1975). “Sou visto, logo existo”. Ele, em seus textos, demonstra perceber a sua invisibilidade, um não olhar do outro em direção a ele, e fica claro que ele também sofria de uma cegueira psíquica sobre si mesmo. **“(…) Na escola eu só aprendi a ser tímido, inseguro e isolado. É por isso que eu escrevo, se eu fosse um cara extrovertido eu não teria que apelar ao blog para fazer o mundo perceber que eu tenho idéias e sentimentos como qualquer um.”**

Alexandre mostra que com a internet ele vai tentando usar capacidades que ainda não realiza no face-a-face. Naquele ambiente, chamado de virtual, resolve se arriscar e colhe os benefícios disso. **“Então chegaram as férias e, sem outra coisa para fazer, eu atualizava o blog todos os dias, me empenhava na divulgação, e com isso a média de comentários em cada post era 30 a 40... O recorde foi 67 comentários em um post (...) Meu blog foi indicado para vários prêmios, isso fez um bem incrível para minha auto-estima.”**

Quando Alexandre me escreve um e-mail contando sobre como os blogs ocuparam cada fase de sua vida, que sua escrita foi se aprimorando e tem se interessado pelos estudos e pesquisas, observo que ele, realmente, está em outro momento. Em vários posts, ele revelou sua antipatia pelo estudo. **“Estudar faz mal”**. **“Eu sou preguiçoso, irresponsável e odeio estudar.”** Penso que esse interesse apresentado pelo estudo e pesquisa pode ser tratado como possibilidades e recursos encontrados por ele para

começar a conhecer um mundo de fora diferente sem que este seja tão assustador. O início de um namoro que sai do âmbito virtual e que pode arriscar-se para o mundo fora da internet denota indícios de que as experiências positivas vividas por ele, com as relações virtuais, podem também serem transportada para além delas.

4.1.5. Alexandre e o olhar

O contato com os blogs e especialmente com os de Alexandre demonstra o quanto o olhar e a necessidade de ser reconhecido são fundamentais para o ser humano. Ao perceber sua invisibilidade, Alexandre procura maneiras de ser visto e encontra na escrita de si, em um espaço virtual, uma maneira para se conhecer e ser reconhecido. Ele sempre solicitava aos seus leitores que deixassem comentários ou incentivos no final de seus posts: **“Tudo que eu peço é um comentário. Pode ter certeza, qualquer coisa que disser sobre meus textos servirá de incentivo...”**

A necessidade de ser reconhecido pelo outro demonstra ser intensa em Alexandre, e ele fala disto com muita clareza. O olhar do outro sobre ele é o que lhe confere o sentido de existência e individualidade. **“Eu admiro as pessoas que escrevem coisas e não mostram a ninguém. Eu gostaria de ter esta capacidade, mas tenho uma necessidade desesperada de que todo mundo veja tudo o que escrevo. Por isso só escrevo quando tenho certeza de que é algo publicável no blog.”**

4.1.6. Transformações da puberdade

Aos 17 anos, Alexandre narra em seu blog, angustiadamente, sobre as transformações corporais da adolescência. **“Esta manhã eu acordei com um pesadelo estranho que parecia profético (...) Quando levantei da cama me senti mais alto, e**

vendo o meu reflexo no espelho do banheiro eu pensei estar olhando para outra pessoa. Eu me vi mais alto, magro e com mais barba do que me lembrava.” Esta fala de Alexandre nos remete, imediatamente, às leituras de “Alice no País das Maravilhas” onde ela também acorda se sentindo diferente do dia anterior e se questionando quem é ela ou com a “Metamorfose” de Kafka. Alexandre nos apresenta com este *post* um aspecto fundamental da adolescência, que são as transformações corporais. Frente a uma profecia pronta para se cumprir ele se vê impotente diante das mudanças, as quais ocorreram sem a sua participação. Está mais alto, é hora de despedir-se do seu corpo infantil. Tem uma tarefa agora. Deverá ir se apropriando dessas novas características físicas e de uma mente que deverá se rearranjar para lidar com as angústias oriundas dessas transformações corporais e de uma nova condição social, de forma que essa mente consiga dar sentido às experiências vividas e possibilite uma nova identidade.

Em outro *post*, intitulado por ele de “**Crise de identidade**”, Alexandre consegue condensar vivências importantes de quando a pessoa atinge a adolescência. “**Céus, de repente eu olhei pro espelho e não soube quem era o cara refletido (...). Não sei quem é o meu melhor amigo, nem tenho um ídolo. Não estou apaixonado por ninguém, ora, logo eu que me apaixonava por todas as meninas...Não sei se daqui a dez anos eu quero ser professor, diplomata, vendedor de cocos ou astronauta. Não tenho mais nem sequer um tipo de música preferido Nem um filme.. Ou livro. Ouvi dizer que a crise existencial é normal nessa idade, mas é tão estranho. Eu, que sempre fui tão convicto a respeito de mim, subitamente deixei de me conhecer. Alguém, com quem eu conversei sobre isso, disse que a partir de agora eu começarei a descobrir quem realmente sou. Espero não ter nenhuma surpresa muito chocante.”**

Novamente, Alexandre relata o quanto o crescimento, muitas vezes, é sentido pelos adolescentes como repentino e assustador. Parece saber que toda a mudança do cara refletido no espelho tem, imediatamente, um efeito no mundo interno, demandando reformular os conceitos que tinha a respeito de si mesmo, abandonar sua imagem infantil e projetar-se no futuro. Alexandre não se reconhece mais. Seu corpo está diferente e sua mente está confusa. Os objetos com os quais se identificava (livros, cores, música), bem como as pessoas (ídolos, amigos) já não são mais os mesmos e ele terá que encontrar novos, na busca da estruturação de sua identidade. Percebe estar em um momento difícil e confunde até crise de identidade com crise existencial, sente a estranheza e está assustado em quem virá a ser.

Alexandre mostra, ainda, que a busca de uma identidade adulta também depende de abrir mão da fantasia onipotente. Escolher significa selecionar, discriminar, diferenciar, descartar e para que isso aconteça é necessário conhecer e também se conhecer. Escolher desperta angústia e implica em assumir responsabilidades por um projeto de vida, tolerar a frustração e a dor das opções que deixou para trás. Demonstra saber que não poderá ter todas as profissões, nem namorará todas as meninas que vê pela frente.

Alexandre está em luto. Luto pela perda da identidade e pelo corpo infantil. “Despedir-se dos interesses da infância e dos objetos que foram significativos é um empreendimento enorme para o aparelho mental para a tarefa de lidar com o luto contínuo que caracteriza a vida” (Contart de Assis, p. 06).

4.1.7. Identificações

Desligando-se de antigas identificações, Alexandre tem a tarefa de buscar novos objetos para se identificar. Acompanhando as suas narrativas, observo que ele, muitas

vezes, escolheu objetos empobrecidos para realizar essa tarefa. O primeiro *post* que observo aparecer a questão da identificação é em um relato sobre um clipe¹⁸ que viu e diz ter mudado toda sua vida. **“Aquilo mudou a minha vida! Eu não sei e nem quero saber o que seria de mim hoje se eu não tivesse visto aquele clipe naquele dia...”** A música que Alexandre ouviu é *Poison Heart* com a banda estadunidense, Ramones, de punk rock. Traduzindo (tradução da autora) alguns trechos da música:

Ninguém pensou que este sobreviveria
Criança desamparada, sempre a um passo atrás
Eu te prendo em um sonho e nunca te deixo escapar
Nunca deixo você rir ou sorrir, você não.
Bem eu só quero ir embora deste mundo
Porque todos têm o coração envenenado
Eu só quero ir embora deste mundo
Porque todos têm o coração envenenado.
Fazendo amizade com um mendigo esfarrapado
Todo sorridente, realmente me comove
Há perigo em cada esquina, mas eu estou bem
Andando pelas ruas, tentando esquecer o passado

Em outras narrativas, observo o predomínio de identificações negativas em Alexandre. A identificação com objeto caótico contamina a capacidade criativa e gera desesperança. Faz uma referência ao personagem Joel do filme “Brilho Eterno de uma Mente sem Lembranças”, dizendo: **“Mas desta vez eu não me refiro à carência que eu e o Joel temos em comum, não, eu me refiro ao nosso desejo de não mais desejar.”**

¹⁸ Clipe: Videoclipe: “vídeo para apresentação de música, em que se editam imagens de excepcional interesse visual, embora estas não se liguem, frequentemente, à execução da música em si. Fonte: Novo Dicionário Aurélio, 1999, p. 2070.

Sobre um cão abandonado que encontra na rua, Alexandre diz: **“aquele serzinho indefeso, desprotegido e que compartilha dos meus sentimentos de rejeição e carência me conquistou instantaneamente com seu rabinho abanando. E eu não tive outra opção, trouxe-o pra casa, para alimentá-lo e cuidar dele.”** Essa narração remete-me ao sentimento de inclusão/exclusão tão frequentemente vivido na adolescência, confirmado mais uma vez por ele em outro *post* quando fala sobre outra vivência semelhante que intitula de **“Excluídos”**: **“As pessoas introspectivas, tímidas e caladas geralmente têm muito a oferecer ao mundo. Mas ninguém quer ouvir o que o cara cheio de espinhas tem a dizer Até parece que as pessoas bonitas e felizes iriam se importar em saber o motivo do choro da menina feia... (...) Isso inclui as pessoas tímidas e excluídas, acho que é porque eu me identifico com elas.”** Na adolescência, há uma reedição do processo inclusão/exclusão, que agora deve ser vivido fora do âmbito familiar. Alexandre precisa buscar ser reconhecido e aceito em suas novas relações, mas o seu medo não pode impedir que isso ocorra.

4.1.8. Quem sou eu?

Em muitos momentos, Alexandre fala de sua identidade em frases que sempre se iniciam com um **“Eu sou.”** Ou **“Alexandre é...”** Em vários posts, faz uma discriminação entre um Alexandre do mundo real e um da internet, encontrando na escrita em seu blog uma possibilidade de se ver e também de existir. O blog pode se transformar, para ele, em um lugar de transição, em que pode significar suas vivências. **“O Alexandre da internet e o Alexandre do mundo real são pessoas distintas. Os dois compartilham dos mesmos sentimentos, crenças, opiniões, visões, objetivos, paixões, desejos, sonhos, medos, defeitos e virtudes. Enquanto o do mundo real apenas observa, ouve, analisa, pensa, sonha, quieto e mudo num cantinho escuro; O da internet também faz tudo isso, mas**

não se acanha, expõe seus sentimentos e idéias explicitamente, é sincero, fala o que pensa sem se censurar.” Acredito que o blog funciona para Alexandre como lugar de experimentação, um espaço em que busca encontrar o outro e ser reconhecido, tarefa que ele ainda não consegue exercer fora do ambiente virtual. No mesmo *post*, ele escreve. **“A maioria dos meus amigos de Orkut e MSN são pessoas que moram longe e nunca me viram, nem vão me ver pessoalmente, assim como a maioria dos leitores desse blog.”** (...) **“No mundo real a minha habilidade de fazer amigos é nula, os amigos é que me fazem.”** Três meses depois, Alexandre continua relatando como, em seu blog, ele se permite tentar ser diferente **“No blog eu sou eu mesmo.” “O verdadeiro Alexandre em essência: sincero e autêntico. No mundo real eu interpreto um personagem. Um nerd, cabeludo, caladão e inexpressivo que todo mundo acha esquisito.”** (...) **“Quem ler todos os meus posts aqui vai acabar descobrindo muito mais sobre mim mesmo do que descobriria convivendo comigo durante dois anos...”** Apesar de utilizar os termos vida real X vida na internet, na vida real, ele parece criar um personagem, uma estratégia para que as pessoas se afastem dele. Falta reconhecer suas potencialidades.

O blog, no seu espaço virtual, parece ser o local em que Alexandre permite a si mesmo dar os primeiros passos em direção a uma sociabilidade. Lembro-me do e-mail respondido por Alexandre onde ele conta sobre o início de um namoro com uma garota que comenta em seus *posts*. Parece ter usado o blog como uma abertura de uma fresta para o mundo externo. Ao escrever em um blog, demonstra o seu desejo de encontrar o outro. Ele deseja esse encontro, mas ainda tem dificuldade quando está face-a-face. É importante Alexandre ter o reconhecimento das distorções das suas percepções e voltar a conhecer aquilo que preexiste dentro dele e fazer uso dessas capacidades. Talvez seja isso que ele chame de timidez. Inúmeras vezes, Alexandre repete em seu blog que é tímido: **“Acredito que a característica mais forte da minha personalidade seja a timidez.”** Em outro *post*:

“Mas à medida que fui crescendo, fui notando que eu não era como os outros. E assim surgia uma série de medos e inseguranças que fizeram de mim esse ser tão isolado numa casca de silêncio, que para poder expressar o que pensa e sente, precisa recorrer a um blog.” A imagem desfavorável e distorcida que Alexandre tem dele mesmo gera, na adolescência, mais sofrimento e insegurança, por tratar-se de uma fase em que a aceitação pelo grupo é fundamental, porém na escrita em um blog ele pode encontrar potencialidades e ser reconhecido por elas.

Aqueles momentos quando consegue vencer um pouco sua timidez são relatados como felicidade, que aparece sempre quando ele conversa com alguém, quando as pessoas o percebem e quando ele sai de casa. Com o título **“Felicidade?”**, ele escreve, **“Alexandre desconhece a felicidade, mas nessa manhã de terça-feira ele acordou sorridente. (...) Os lábios estavam sempre em movimento cantando baixinho músicas alegres. Alexandre caminhava sem se preocupar quando iria parar e voltar, até escutar: Ei cabeludo. A voz pacífica e o olhar amigável daquele homem lhe transmitiram uma intensa energia positiva e tranqüilizante. (...) em poucos minutos ficaram amigos, e conversavam sobre o amor e viagens enquanto o hippie o desenhava. (...) Chegou em casa, bebeu água, e foi escrever. Alexandre nunca havia se sentido tão bem, e então surgiu uma dúvida: Será que isso é a tal felicidade?”** Também utilizando-se de uma interrogação no título, Alexandre parece duvidar desses bons sentimentos, acha-os estranhos, mas percebe o quanto é bom vivê-los. Dessa vez, o nome é **“Alegria?”** **“Todo mundo está comentando que eu mudei. (...) Mas realmente há algo diferente em mim Até eu estou começando a perceber isso. Sempre com vontade de sair, não quero mais passar meus dias trancados aqui no quarto. Saio cantando pela rua. Falo com estranhos normalmente. Acho que estou superando pelo menos um pouco da timidez. Ah, sei lá. Só sei que é bom.”**

4.1.9. Blog e Vida

O blog é uma atividade a mais na vida de Alexandre e não substitui as suas outras atividades. **“Durante o mês de julho o blogue foi atualizado quase que diariamente né... Foi porque eu tava de férias e não tinha nada para fazer além de blogar”**. E em outro *post*: **“Por favor me desculpem, eu fui abduzido pelas provas de recuperação e tive que ausentar do mundo virtual para estudar. Desculpem-me pela ausência, é que ando meio distraído e sem idéias, até esqueci que tinha um blog...”** Essas falas de Alexandre, que também acompanhei em outros blogs, é que permitem acreditar no blog como possibilidade de ser um espaço potencial. A escrita em blog foi um lugar encontrado por Alexandre para iniciar o contato com o outro.

Alexandre não atualiza seu blog Fio Condutor desde janeiro de 2010. Seu último *post* fala da saudade que sente da menina amada, fazendo uma série de previsões de tempo, de quilometragem que estaria distante dela: **“Vinte e oito menos doze dá... Cinza! É isso, faltam cinza dias pra ela voltar. Cinza dias cinzentos até ela trazer de volta todas as cores.”** Lejeune, estudioso de diários, aponta que estes, muitas vezes, são interrompidos quando se encontra alguém com quem se possa falar. Não há como saber se Alexandre mudou de blog ou se não tem escrito nos últimos tempos. Mas, acompanhando Alexandre, além dele encontrar uma namorada, acredito que encontrou também recursos para viver novas relações e novas experiências.

4.1.10. Alexandre e o tédio:

A escrita em diários, muitas vezes, está ligada ao sentimento de solidão, ao de não encontrar nenhuma pessoa continente para suas angústias. Alexandre fala deste sentimento, muitas vezes, nomeando-o de **“tédio”** ou **“vácuo criativo”**. Ele narra:

“Alguém me ajuda a sair dessa rotina torturante (...) Tédio nas férias é foda”. Em outro momento **“... o tédio, a depressão, solidão, stress... E eu me enterrando a mim mesmo em um buraco cada vez mais fundo... Essas são as conseqüências de viver uma existência sem objetivos**. Em outro: **“Traumas e angústias que fazem de mim esse ser solitário, inseguro e carente que escreve em um blog para seus amigos lerem.”** Para Outeiral (n.d (c)), o sentir tédio é muito comum entre os adolescentes por estarem vivendo um período de transformações. Estas atingem a personalidade como um todo, provocando tristeza pela identidade infantil que vai sendo perdida e um temor pelo mundo adulto e suas representações que estão se impondo. Enfatiza que toda obra de arte é um curativo para o sentimento de vazio.

Alexandre revela que a solução para o tédio está em apaixonar-se e fazer novos vínculos, buscando uma intimidade verdadeira. **“Talvez eu esteja precisando me apaixonar (mais uma vez), mesmo que não dê em nada e só me faça sofrer (...) pelo menos por algum tempinho a minha existência ganhará um objetivo.”**

4.1.11. Alexandre e o tempo

A questão do tempo também é muito estudada na adolescência. Em um poema bem revelador, Alexandre coloca-se

Tempo perdido
No meu quarto há 4 relógios:
um pendurado na parede;
está parado,
a pilha acabou,
e eu nunca lembro de trocar,
sempre marca quatro e meia;
outro em cima da mesa;
ele não tem ponteiro de segundos,
parece estar parado,
mas sempre marca a hora certa;

o terceiro é o do computador;
sincronizado com os relógios mais precisos do mundo;
e finalmente a janela;
que eu abro toda manhã,
para ver como está o céu lá fora,
e tentar adivinhar que horas são...
mas o tempo passa tão rápido,
quando vejo já passou;
mais um dia já passou;
mais uma semana já passou;
mais um mês...
mais um ano...
...15 anos...

Em outra passagem sobre o tempo, diz: **“Mas eu acordo às 05:00! E só demoro uns 5 minutos no caminho de casa até o colégio... Como diabos eu demoro duas horas e quinze minutos do momento que eu acordo até o momento que eu chego ao colégio? A explicação é a seguinte... De todas as etapas do processo de ‘me arrumar pra sair’: Calçar o meu All Star preto e pentear o cabelo... Mas porque eu demoro tanto (...)Na hora que eu pego cada ponta do cadarço em uma mão e me preparo pra fazer o laço... Putz! Eu começo a viajar”**

Para Knobel (1981) a percepção e a discriminação do tempo é uma das tarefas mais importantes da adolescência juntamente com a elaboração de lutos. O adolescente deverá ter a capacidade de reconhecer o passado e formular projetos para o futuro, tolerando a espera e a elaboração do presente.

4.2. Rosa

“Acho que mesmo que o dia me ponha para fora, o filme será muito bom de assistir (Mal sabe o dia que a cada dia eu sou mais menina-protagonista)”
Rosa

4.2.1. Escolha do nome

A escolha deste nome fictício é devido a rosa ser a flor mais popular do mundo, assim como as vivências que Rosa nos conta em seu blog que são bastante comuns na adolescência. Rosa tem 16 anos e é estudante do 2º grau.

4.2.2. Sobre o blog:

“Busca Vida” é o nome fictício para o blog de Rosa que visa preservar sua identidade. “Busca Vida” está no ar desde dezembro de 2008 e mantinha-se on-line até a última visita que fiz a esse blog em março de 2010. Ao todo, Rosa escreveu nele 46 vezes. É bastante colorido, com muitas imagens, mas apenas uma foto de Rosa, tamanho 3X4. Durante a pesquisa, Rosa mudou o layout do blog algumas vezes, mas sempre preservando o nome e o estilo de imagens postadas. Não relata ter outros blogs.

Apesar de Rosa escrever menos que outros blogueiros, seu modo de escrever é muito interessante. Mescla relatos de seu cotidiano, com uma capacidade simbólica muito perspicaz. No seu perfil, Rosa oferece uma série de informações, apresentando a sua identidade através de filmes, livros e músicas com os quais se identifica.

4.2.3. A busca da identidade:

Em dezembro de 2008, Rosa monta o seu blog dizendo **“Considerando que nunca tive um blog, e que tudo isso é só o fruto de mais um dos meus ataques impulsivos, ou seja, ainda tenho muito que aprender, e quase quebrei o pc tentando decifrar rapidamente como me virar.”** A construção de um blog leva-me a associar com a busca de uma identidade e de um novo lugar a ser ocupado, característicos do processo adolescente. As pessoas buscam imagens, músicas, tipos de letras, cores, poesias, textos para postarem em seus blogs na tentativa de representar o colorido de seu mundo interno. Entendo que Rosa, nesta sua fala, começa nos lembrando que tornar-se adulto é uma tarefa longa e árdua e que muitas vezes o adolescente se sente desamparado para realizar. Rosa sente este desamparo, mas também nos demonstra a necessidade de tolerar a frustração, tendo que tentar várias vezes até conseguir colocar o seu blog on-line. Os recursos para lidar com o novo (o novo corpo, uma nova demanda social e uma nova mente) surgem à medida que o adolescente se permite lançar-se a novas experiências e aprender a partir delas.

Neste mesmo *post* Rosa diz: **“O que se deve escrever numa primeira postagem?”** Rosa monta seu blog e quando está pronto não sabe o que fazer com ele. Podemos aqui fazer algumas associações com o adolescente que tanto deseja ter um corpo adulto e, agora que o tem, não sabe como lidar com ele. Talvez Rosa ainda não soubesse como responder a esta pergunta, mas lançou-se o desafio de tentar respondê-la aos poucos, porque não é tão fácil apresentar-se, quando ainda não se sabe muito bem quem se é. O blog pode funcionar para Rosa como uma tentativa de responder a esta pergunta.

A identidade, como vimos, é formada por meio de identificações. O adolescente precisa se desligar dos objetos primários e buscar novos vínculos. Este período de perdas é atravessado com muito sofrimento, o que gera muitas vezes insegurança. Rosa, com muita

precisão, nos conta isso: **“Quando a gente começa a perder a firmeza nos passos é melhor perguntar porque se começou o caminho. Eu estava meio triste (...), mas desde que eu encontrei esse grupo de amigos até a tristeza é diferente.”** As novas identificações dependem, segundo Levisky (1998), da história da pessoa e principalmente da qualidade dos primeiros vínculos.

“Eu não quero ser escrava da mídia, desse modo de pensar, dessa “liberdade” que é falsa. Eu não quero fugir de mim. Desejo ser como minhas heroínas, ou melhor, desejo ser como a (Daniela, Chris e Kika) rostos bem reais que estão caminhando junto a mim.” Mesmo utilizando-se de um instrumento, o blog, que é um dos representantes da sociedade contemporânea, com grande destaque na mídia, Rosa quer encontrar um espaço que é seu, de autonomia e poder fazer suas próprias escolhas, tomando como modelo pessoas do seu cotidiano.

4.2.4. Imagos Familiares

Rosa, em suas narrativas, fornece a mim poucas informações sobre sua família. Fala pouco sobre seus pais e sobre a sua irmã. Quanto a outros familiares, não falou de tios, primos; relatou apenas o dia da morte de seu avô. Sabemos da importância das primeiras identificações como pano de fundo para as que virão. Dentro desse tema, pretendo apontar os trechos que Rosa falou sobre seus familiares, com objetivo de refletir sobre o sentido de suas relações com eles.

“Como minha mãe diz, quando pego um livro pra ler eu entro em hibernação. Na verdade eu mergulho de tal maneira na história que esqueço da vida.”

“A verdade é como uma bateria de escola de samba, extravagante, chamativa. Mas as pessoas conseguem mesmo assim fechar os olhos e dormir (minha mãe conseguiu, e nós estávamos bem no meio da bateria)”

Nessas passagens, Rosa invoca uma imago materna, apresentando uma mãe que demonstra ter bons recursos internos, capaz de integrar os mundos internos e externos. Não vive em estado de hibernação, como uma fuga do exterior, como também, frente aos barulhos do mundo externo consegue se desligar e dormir. Neste momento, Rosa parece não conseguir fazer essa integração e admira a mãe por isso. Ou está em um estado (de hibernação) ou em outro (de alerta). Os recursos da mãe podem ajudá-la por identificação na tentativa de sair de uma posição esquizo-paranóide¹⁹ para uma posição depressiva²⁰. Esta transição aparece em várias narrativas de Rosa.

Haudenschild (2007) coloca a importância de revisitar as imagos primárias (materna e paterna) e que isto seria uma regressão a serviço da progressão. É da reafirmação positiva dessas relações primárias, que ficando como um ideal de ego, protetor, internalizado ao ego, que gerarão confiança em si mesmo e esperança.

“Difícil descrever o que a menina viu e sentiu quando olhou bem aquela cena. O senhor que estava ali não parecia o seu avô. Mas sorria. Fazia sentido (...) Não há razão para chorar por ele, Sua vida de passarinho finalmente teve fim. (...) Só o tempo cura as feridas. Mas o tempo passa rápido para as borboletas.”

¹⁹ Posição esquizo-paranóide: conceito kleiniano – predomínio dos mecanismos defensivos de cisão e projeção. (Zimerman, 2001)

²⁰ Posição depressiva: conceito kleiniano – prevalência de integração entre os opostos. (Zimerman, 2001)

Assusta-se frente ao impacto da morte do avô e sabe que será necessário um trabalho de luto. Zimerman (2001) aponta que o trabalho de luto depende do desinvestimento da libido no objeto perdido. “Só depois disso, em um tempo não excessivamente longo, o ego do sujeito volta a ser livre para levar uma vida normal” (p. 254). Rosa acredita que o tempo de seu luto não será muito longo, provavelmente porque acredita na imagem de seu avô internalizada dentro de si e que precisa seguir seu caminho.

“Do meu lado a pobre criatura está agora dormindo, minha irmã nunca se dá bem com o tempo dentro do carro. É estranho compara-la comigo, que em certos dias do ano tanto desejo entrar no carro e passar um bom tempo indo pra algum lugar bem longe.”

No dia de sua crisma, Rosa está toda contente, considerando-o um dia muito especial recorda ser o dia dos pais. **“Como é o primeiro ano sem meu avô paterno, também é um dia dos pais importantes. Quero fazer meu pai mais feliz. (...) Eu e minha irmã montamos o presente com grande laçarote em cima.”**

Rosa fala de duas funções importantes para o crescimento psíquico: a capacidade de reconhecer o outro, como diferente dela, que pode fazer as próprias escolhas, não precisando funcionar como seu espelho e a capacidade de ser empática ao sofrimento do pai, podendo mostrar-se compreensiva à dor, mas que não precisa se misturar com ela.

4.2.5. Infância

Rosa, em um *post*, nos conta de uma infância criativa, onde usou muita fantasia em suas brincadeiras. Freud (1908) aborda a criação artística como uma extensão do brincar infantil. Embora suas narrativas não correspondam a um gênero literário semelhante à

ficção, Rosa tem uma boa capacidade de escrita. Consegue utilizar várias metáforas para falar sobre seu cotidiano, seus pensamentos e emoções.

É fundamental enfatizarmos a importância da infância e da latência como etapas que devem ser bem vividas, pois também são responsáveis pelo bom desenvolvimento da adolescência. A construção de um sistema de representação que substitua o antigo depende da pessoa ter vivenciado-as bem

“Desde que eu me entendo por gente me encanto com histórias. Quando ainda era baixinha, minha brincadeira preferida era viajar. Barbie, que nada! Meu negócio era fingir que os desenhos da Disney eram reais, que eu era uma rainha, uma princesa...”

4.2.6. Luto e desafios do mundo adulto

Rosa narra neste *post* a sua despedida da infância e as lembranças que pretende levar dessa época: **“Andando pelo quarto”**

“De início parece meio normal. Uma porta, quatro paredes, armário, cama, pc. Isso eu poderia chamar de quarto. Olhando das preteleiras, uma criança . Me olha com olhos curiosos, para saber o que vou fazer; com olhos de birra, ao ver que eu abri mão de coisas que ela não quer deixar partir; com olhos risonhos, ao descobrir o que eu lhe guardo para um dia, lá no futuro. Eu tenho a foto nas mãos, mas a conversa é dentro de mim, entre dois pulmões, numa salinha apertada chamada coração. Essa criança turrona exige. Ela viaja por caminhos incertos, sonhos, devaneios, aspirações e inspirações, numa vida de menina, brincando de casinha, brincando de viver. E eu, menina-moça? Mais moça do que menina, desengonçada do

alto dos meus 1,73m, dando passos suaves apesar dos pés grandes, das unhas pintadas e olhar assustado. Ainda assim uma menina-moça turrona. Estaria eu ainda brincando? No meio do quarto você surgiu, retirando qualquer dúvida que pudesse existir. Uma lanterna pifando, mas com a intensidade do sol. Quando me ilumina, eu fico feliz. Eu não exijo mais nada, sou a plantinha que só precisa do sol. Pensando bem, não há problema algum com a lanterna, mas é que às vezes a luz é tão forte que eu fecho os olhos sem perceber. Está tudo tão seco, mas eu me lembro que chovia (não chovia?). O espelho está molhado, prova concreta de que choveu, mas passou. Quando o sol iluminar tudo, ele há de secar. Em cima da mesa livros, cds, telefone, agenda, pedaços de uma concha vazia, que de abrigo um dia amanheceu prisão (Isso vc também quebrou). O lugar onde tudo isso acontece só pode ter um nome: refúgio. beijos, Rosinha (na verdade ela é a Rosa).”

Rosa vai se despedindo de sua morada da infância, aquela velha conhecida na qual habitou durante tanto tempo. Esta é a principal operação do adolescer: como nos contos de fada, é o sair para a floresta, o inventar o futuro, o criar um novo caminho. Rosa despede-se de um corpo e de uma identidade infantis, ainda temerosa se percebe mais moça do que menina. Sente-se ainda perdida, desajeitada com seu crescimento. Sua mente, em diversos momentos, parece ser invadida por uma quantidade de estímulos que não consegue processar. Percebe ter uma mente, semelhante a uma lanterna pifando que não consegue decifrar tudo que chega a ela, mas também percebe o excesso de estímulos que chega, sob uma luz que é intensa demais. Rosa conhece o perigo de uma luz forte e se defende, fecha os olhos e por um tempo se refugia.

Rosa habita um corpo que desconhece, um corpo estranho, que exige uma reapropriação da imagem de si mesma, diferente do idealizado e que será preciso

reaprender a amá-lo. O refúgio, relatado por ela, é vivido por muitos outros adolescentes e que, segundo Levy (1996), trata-se de um espaço mental protetor ao qual é possível recorrer sempre que necessitar.

Rosa conversa com a Rosa-criança, volta-se para o seu mundo interno, liga-se ao seu passado, sabe que alguns sonhos da Rosinha terão que ficar para trás, mas também sabe que a menina turrona sempre fará parte dela. É, hoje, uma menina-moça turrona. Conforme dito anteriormente, por Aberastury e Knobel (1981) “só quando o adolescente é capaz de aceitar simultaneamente os dois aspectos o de criança e o de adulto, pode começar a aceitar de maneira flutuante as mudanças do seu corpo, e começa a surgir sua nova identidade” (Aberastury e Knobel, 1981, p. 66).

Rosa, quando entra em seu quarto, olha ao seu redor, pega uma fotografia e inicia uma conversa consigo mesma nos lembra Urribarri (2004) que aborda a importância do adolescente fazer uma revisão crítica e uma reorganização de sua história pessoal, porque isso significa uma passagem de ator passivo de uma história contada, a partir da ótica dos pais, para de ator e autor de sua própria história. Agora, ele pode escrever baseado em suas lembranças, emoções, representações, ressignificando e reestruturando tanto suas vivências quanto as informações que lhe foram transmitidas.

Rosa escreve em uma de suas primeiras postagens **“um dos meus devaneios era ir sozinha até uma dessas colinas e ficar ali com o vento e o mato – tenho certeza de que a sensação é melhor imaginando aqui no carro do que estando lá, cheia de carrapichos – Um dia eu tiro a aventura do papel e vou lá conferir.”** Rosa olha o mundo de fora, acha-o atraente e demonstra o desejo de arriscar-se a ir até ele, saindo do conforto e proteção dos pais. Inicialmente, pensa ser uma aventura tranquila, mas descobre que o

mundo também tem seus perigos e recua, não parecendo, ainda, ter os recursos suficientes, e adia um pouco essa aventura.

A sensação de Rosa de um desafio para o mundo adulto pode ser vista em outro momento de sua escrita, mas aqui com outro final. De uma forma um tanto dramática, ela conta: **“Gente estou de luto. Hoje, minha fiel escudeira, minha caneta-preta-mais-amada-do-mundo gastou sua última gota de tinta. Não menosprezem minha dor, muitas vezes pretinha era a minha única companheira, na hora da inspiração, da dor, ou quando eu queria rabiscar. E a caneta fez muitos rabiscos. Já imaginaram o que seria de Shakespeare sem a sua pena? E olha que aquele ali era um gênio, aquela pena era uma sortuda porque ele fazia o trabalho todo. Imaginem eu agora, que nem poeta sou, sem a minha ajudante, que sempre me dava um tapinha nas costas da mão passando confiança. (...) Calma, não pare de acompanhar o blog. Prometo escrever bons posts mesmo sem a minha preta guerreria. Mesmo que seja com uma bicbiscate.”** Rosa vê-se desprovida de um objeto significativo para ela, que associa aqui com a figura idealizada de seus pais. Inicialmente sente-se sem recursos, mas aos poucos vai sentindo que pode encontrar um potencial dentro dela, com suas próprias capacidades. Valoriza o que pensa. Terá que buscar novas companhias, os pais não serão seus provedores eternos. Não se percebe tão potente, mas não recua. Anuncia seu luto, mas percebe em seu ego capacidades de continuar. Não é a caneta que fazia o trabalho e sim ela. A força que inicialmente estava no outro, aos poucos vai sendo apropriada por ela. Dessa forma, ela introjeta esta capacidade e acredita que pode escrever de outras maneiras.

Em várias narrações, Rosa nos conta sobre a dura passagem da infância para a adolescência. O adolescente se modifica lentamente, atravessando um processo de

elaboração de luto que demanda tempo afim de que as novas vivências sejam verdadeiramente ressignificadas. Para Aberastury e Knobel (1981), a elaboração do luto conduz à aceitação do papel que a puberdade lhe destina.

Com o título **“Viver a vida”** Rosa escreve (...) **“Quantas vezes eu afirmava a mim mesma que pertencia a uma outra época, que eu era uma menina fugida de algum livro de Jane Austen ...Como eu estava sendo boba, ignorando a minha própria vida”** Rosa reconhece e nos mostra o quanto relutou em deixar a infância. Ela continua: (...) **“Na verdade a realidade se impõe. (...) é claro que eu não parei de ler, ver filmes ou apreciar uma boa história. Mas agora eu vejo tudo com outros olhos, com outro propósito. Agora eu sei que minha vida é bela.”** Além de uma realidade que se impõe, Rosa pode pensar mais, nesse momento, nos ganhos da vida adulta. Demonstra ter encontrado um lugar psíquico onde pode continuar a realizar suas experiências e descobrir o novo.

4.2.7 O olhar

Rosa alerta para o como seu blog deve ser lido. **“Às vezes vejo minha vida como uma revista aberta nas mãos de outros, pronta para ser folheada, sem a devida atenção.”** Penso que Rosa queixa-se da falta de um olhar que a compreenda e a reconheça. O olhar tem que fornecer ao sujeito duas condições: reconhecimento e alteridade. Na adolescência, isto é imprescindível para a constituição de sua identidade.

“(...) Quando convivemos com pessoas que reparam na gente, acabamos entregando muita coisa num sorriso, na forma de mexer com o cabelo, pelo andar, as covinhas no rosto ou um brilho diferente no olhar. Detalhes que só percebe quem sabe te decifrar.”

4.2.8. O segredo:

É notável este assunto surgir dentro de um espaço chamado de blog onde a proposta é a publicação do íntimo.

“Às vezes sinto falta de guardar um segredo só para mim. Sim, pois os segredos são perigosos, uma vez saídos da condição de pensamentos, formulados em palavras, e afirmados a alguém (ou pior, para si mesma) passam a se tornar reais, verdadeiros.” Apesar de ter um blog, Rosa não quer desistir do seu exercício de autonomia. A psicanalista Aulagnier (1990) defende o direito ao segredo como condição para poder pensar. Pensar significa buscar uma coerência consigo mesmo e, a partir disso, decidir estabelecer o adequado ou não, em decorrência do contexto em que se pensa.

“Talvez eu seja misteriosa. Talvez não. Talvez eu conte pedacinhos diferentes de mim mesma para pessoas diferentes, e o que é segredo para uma, é mistério para a outra.” Aulagnier (1990) continua “Preservar-se do direito e a possibilidade de criar pensamentos, e mais simplesmente, exige que se tenha o direito de escolher os pensamentos que se comunica e dos quais se guarda segredo: essa é uma condição vital do funcionamento do Eu.” (p. 258) Nas leituras das narrações de Rosa, como dos outros adolescentes, é possível perceber que escolhem os assuntos para contar, não revelam tudo, assim como fazem com todas as suas outras relações.

4.2.9. Blog X Vida

“Desculpem a demora para postar.. Mas tô estudando muito, é pouco tempo livre e muita informação na minha cabeça. Ta difícil organizar os pensamentos.” O

blog não ocupa todo o tempo na vida de Rosa. Apesar de ser uma atividade/espço de que ela gosta, mantém outras atividades em primeiro lugar.

4.2.10. O pensar.

Como visto a escrita íntima pode cumprir a função de ajudar a pensar na adolescência. Assume uma função especial que é a de dar suporte para as experiências como também para as mudanças corporais e sociais. Relatar sobre uma vivência a transforma em uma experiência emocional, à medida que aquela recebe um novo sentido. Na adolescência a pressão exercida pelas forças instintivas e também as exigências sociais sobre o aparelho mental exige, cada vez mais, se ampliação.

“Tenho muita coisa para contar, tanta coisa que embolou dentro de mim. Preciso de sol, primeiramente, um cantinho bem calmo, chão, caneta preta e meu caderninho de mão. E silêncio.”

Em uma de suas viagens, Rosa olhando pela janela, observa a chuva e um campo queimado e escreve: **“É triste pensar que todo o estrago e as queimaduras que o fogo causou em você a água que vem da chuva não pode curar. (...) Pensando bem, na janela do ônibus não dava pra ver só o campo queimado. Dava para ver o meu reflexo também. Talvez eu estivesse reescrevendo essas palavras para mim.”** Os registros das dores sofridas sempre deixarão suas marcas. É impossível voltar a sermos os mesmos. Porém, muitas vezes, as queimadas precedem novos plantios.

4.3. Senhorita K

“Eu ainda não estou preparada para encarar a verdade, talvez a minha verdade.”

(Senhorita K)

4.3.1. Escolha do nome:

O nome Senhorita K foi escolhido pelo fato da autora em suas primeiras postagens sempre trocar a letra q pela letra k. Penso que Senhorita K. utilizou desta linguagem como forma de deixar uma marca sua. **“Por K? Pra k? (...) Keria saber ser diferente, pensar menos, esquecer disso tudo.”** Senhorita K tem 16 anos. Ela escreve em dois blogs. Um, “Palavras ao vento” criado em agosto de 2008, considerado um diário, e utilizado nesta pesquisa, o outro com frases e imagens, sem haver relatos de seu cotidiano.

4.3.2. Conhecer e não conhecer a si mesma:

Diferentemente dos outros blogs, Senhorita K inicia o seu postando fotos suas, sem nada dizer. Percebo que naquele momento se encontrava em um nível de comunicação ainda baseado no sensorial, uma maior facilidade com as imagens do que com as palavras. Aos poucos, identifica-se com pequenos trechos de vários autores e os coloca em seu blog. Apenas após três meses escreve pequenas frases de sua própria autoria. Atualmente, mescla postagens de sua autoria e de outros autores. Para a análise de seu blog, considere os trechos de outros autores como um recorte que faz sentido para Senhorita K., que talvez tenha dificuldades em escrevê-los, mas que consegue buscar algo que possa dar sentido para as suas vivências. Embora sem usar mais fotografias suas, é uma página

com muitas imagens copiadas do getty images²¹. O formato do blog de Senhorita K já revela muito sobre a forma com que ela vai se apropriando de seu mundo interno.

O blog em foco permitiu-me acompanhar a sua busca por um espaço interno, onde as emoções possam ser nomeadas, o que não é uma experiência fácil, porém é vital. Nas suas narrativas, foi possível acompanhar o desenvolvimento de uma condição para pensar as emoções, a busca de conhecer a si mesma, como também os conflitos e as descobertas trazidas pela adolescência e a importância do olhar.

Chama muito a minha atenção a primeira frase que aparece em seu blog. Retirada do escritor irlandês George Bernard Shaw, diz o seguinte: **“Há duas tragédias na vida, Uma é perder o que o coração deseja, A outra é consegui-lo.”** Essa pequena narrativa nos lembra Bion em seus estudos sobre alguns mitos que retratam sobre o conhecer e o não-conhecer a verdade original. Se pensarmos as escritas em blogs (diários íntimos) como forma de autoconhecimento esse “ditado” nos apresenta a encruzilhada em que Senhorita K. se encontra. Alguns exemplos: no mito de Édipo, Bion aponta que Édipo pagou um alto preço por querer conhecer a verdade proibida pelos deuses. Assim como no mito do Éden, no qual Adão e Eva são advertidos por Deus a não comerem os frutos da árvore da Ciência do Bem e do Mal, e que essa curiosidade em experimentar os expulsou do Paraíso. Para Zimmerman (2005) “os mitos universais citados por Bion deixam claro quão dolorosa é a busca do conhecimento também nos mitos individuais de cada pessoa” (p. 117). Por essa razão, o não conhecer funciona para evitar a dor das verdades intoleráveis. Podemos verificar o quanto entrar em contato com este conhecimento de si mesmo é ansiógeno para ela neste outro trecho: **“Eu acho que eu ainda não estou preparada pra encarar a verdade, talvez a minha verdade”**

²¹ Site com milhares de fotos e ilustrações de alta qualidade.

Apesar de estar na encruzilhada, Senhorita K busca encontrar nomes para suas vivências, percebendo as próprias lacunas: **“As páginas continuaram em branco. E eu não sei mais o que dizer”**. E em outro momento: **“Eu não consigo encontrar um sentido para os versos que escrevo, talvez ele esteja perdido em alguma vírgula (...). Mas um sentido existe! Isso eu sei...”**

Senhorita K precisa transformar as suas sensações em pensamentos e parece ter noção sobre isso. Tratando-se de uma adolescente podemos pensar, neste momento, nas novas sensações e/ou vivências que acompanham o adolescer e que precisam ser representadas em sua mente. Antonino Ferro (2005) chama a adolescência de crise da idade dobradiça e a caracteriza por uma “mudança catastrófica que deve ser atravessada, na qual coexistem o luto por aquilo que se perde, a disponibilidade pelo novo e a capacidade de metabolizar as emoções” (p. 143). Para esse autor toda uma constelação de angústias-defesas de cada pessoa é colocada à prova, e cada um encontrará soluções e saídas muito diferentes para a resolução deste conflito. Podem ser observados a negação e o afastamento do problema, como também a aceitação de sua temporalidade e um exercício necessário de elaboração.

Através dos trechos do blog expostos acima, Senhorita K procura na escrita algo que dê sentido as suas vivências e um pouco mais além um espaço para poder pensá-las. Aqui falamos não de uma construção externa, mas sim de uma interna.

Em uma de suas narrações, parece invadida por um excesso de estímulos, no qual angustia-se e sua mente não consegue processar essas emoções. Penso, que, nesse momento, ela possa estar usando a escrita como se fosse uma demanda por “alguém” que possa digerir esse excesso para ela e talvez devolvê-lo de uma maneira mais “pensável:

“Pra k? por k? Pq isso me domina e esses pensamentos me invadem sem ter como fugir dessa imensa solidao? Keria saber ser diferente, pensar menos, esquecer disso tudo.”

Em outra narrativa, continua mostrando o quanto, para ela, pensar é difícil: **“A noite é longa pra quem perde. Pra quem pensa. Pra quem não dorme”** Como vimos, a formação do pensamento depende da capacidade de tolerar frustrações. O sujeito diante de uma frustração ou procura fazer uma evasão das mesmas para não pensar sobre as experiências dolorosas e dessa forma não haverá crescimento mental ou enfrenta as frustrações, o que implica em dor psíquica, porém é o único caminho que possibilita transformações da realidade frustradora e, a partir disto, crescimento. Apenas se tiver tolerância, Senhorita K. conseguirá responder as perguntas acima.

Outra tentativa de solução na busca de enfrentar a frustração pode ser observada em muitos trechos das narrativas de Senhorita K.. Em uma espécie de saída onipotente, ela encontra soluções falsas, soluções prontas que propaga sem pensar, com qualidade de um tipo de narração parecido com divulgações de livros de auto-ajuda, capturando as pessoas com uma série de perguntas, para as quais ela tem a resposta, oferecendo-lhes uma solução mágica. **“Olhe no espelho Você é quem você sonhou ? Você se tornou aquilo que queria? Ou você não se reconhece mais? (...) Ou o medo, a falta de oportunidades, e as críticas te acovardou? (...) Você vai ter coragem de mudar, ou o medo te pegara de volta ? (...) Esta sou eu (...) vou a deixar a luz brilhar em mim .Agora eu encontrei quem eu sou, não a jeito de segurar isso . Você ja esteve na escuridão? Sonhou com uma vida em que é feliz? Sonhou? Essa é a chance . Mesmo que pareça longe, (...) eu tenho que acreditar em mim mesmo . É o unico jeito .Acredite em si mesmo, a todo momento.”**

Em outros momentos, percebemos saídas intelectualizadas²² para lidar com temas que são bastante ansiógenos na adolescência. Sob o título **“Ser adulto”**, escreve: **“Sempre acho que namoro, casamento, romance, tem começo, meio e fim, como tudo na vida (...) E o bom na vida é que você pode ter vários amores. (...) Se ele ou ela não te quer mais, não force a barra. Enfim... quem disse que ser adulto é fácil? Então viva a sua maneira e ame profundamente.”** E outra passagem: **“A beleza de uma mulher não está nas roupas que ela usa (...) Está nela mesma (...) não está no seu corpo (...) está na sua alma.”**

As soluções falsas, e que não exigem um esforço do pensar, levam a um empobrecimento do processo criativo. Franco (2004) apresenta que a noção de criatividade introduzida por Winnicott não estaria primeiramente ligada às artes e sim a uma criatividade na vida. “A criatividade tem a ver com uma capacidade que aparece na primeira infância e que pode ser mantida a vida toda: a capacidade de criar o mundo onde se vive” (Franco, 2004, p. 2). A marca da criatividade seria a expectativa de que sempre haverá novas descobertas e o contrário marcaria uma vida entediante e sem sentido. A capacidade criativa permite ao sujeito adaptar-se ao meio onde vive de uma forma não submissa, permitindo a manutenção do sentimento de ser a si próprio nas suas interações com o mundo. Cassorla (n.d.) propõe que “a criatividade surge no interjogo entre o sofrimento mental e a capacidade para pensá-lo” (p 1).

Dentro do exposto, até agora, observamos os vários caminhos tomados por Senhorita K. ao entrar em contato com alguma emoção e na tentativa de dar sentido a elas. Considero importante ter encontrado essas várias formas de refúgio ao processo do pensamento no seu blog porque observamos também muitos adolescentes funcionando

²² “Processo pelo qual o sujeito procura dar uma formulação discursiva aos seus conflitos e às suas emoções, de modo a dominá-los” Laplanche & Pontalis, 2001, p.242

nesses vários níveis. Senhorita K., com a sua forma de lidar com as emoções e de escrever sobre elas, nos conta importantes passagens da sua vida que podem ser estendidas para muitos de sua idade.

4.3.3. As vivências adolescentes:

Senhorita K, em vários textos, nos conta sobre a passagem de criança para adulto e o quanto este momento é vivido como assustador. Muitas vezes não se reconhece e fica temerosa com o que virá a ser. **“Eu tenho medo.. De me tornar o que nao sou, de seguir caminhos diferentes. Eu temo nao me reconhecer mais com o tempo”** (...) Sente-se, muitas vezes, impotente frente às mudanças: **“Eu quero viver o meu máximo, mas minha vida está traçada. (...) Eu sinto que estou vivendo em função dos desejos dos outros (...) Queria apenas ser quem eu desejar, queria poder traçar meu próprio caminho sem medo e temor.”** Em busca de uma emancipação de sua identidade, ela precisará contar com novas identificações e com a vigência de novos papéis sociais à medida em que se apropria da sua independência. Senhorita K. estava em universo conhecido e organizado e com a adolescência entrou em turbulência. Apesar de parecer querer se envolver com todo este processo de individuação, sentindo-se fragilizada, gostaria de passar por ele sem nenhum sofrimento. Em um *post*, narrado algum tempo depois deste, apresenta uma maior maturidade. Observa que sua vida não está traçada e que ela é responsável por si mesma: **“Não existem mais caminhos.certo ou errado..agora tudo é sobre o que eu quero..As escolhas estão melhorando.”**

Em uma de suas narrativas, faz uma observação bastante perspicaz: **“Nossos pais tem um certo poder sobre nós. O Poder de afetar nossos pensamentos. E emoções de um jeito que só eles conseguem. É um laço que muda com o tempo, mas nunca**

some.” Senhorita K tem toda razão. Lembra aqui dos primeiros objetos com sua importância de serem modelos para as futuras identificações. A busca por autonomia leva a um relacionamento diferente para com os pais da infância. A adolescência, para diversos autores (Levisky, 1998; Outeiral, 2003), é uma oportunidade de elaboração dos conflitos da infância; portanto, uma oportunidade de, tendo esses conflitos revistos, ter-se uma vida adulta com mais recursos psíquicos.

“Mas por trás dessa menininha cheia de medos e incertezas existe uma mulher que só espera o momento certo e as pessoas certas para se revelar e mostrar o seu potencial.” Senhorita K que em alguns momentos sente-se tão impotente, demonstra aqui a percepção de um potencial latente dentro dela. Estes momentos oscilantes de instabilidade e estabilidade egóica, de ora sentir-se capaz, ora impotente, fazem parte do processo adolescente oriundo das próprias transformações emocionais em elaboração.

Na passagem de ano de 2008 para 2009, Senhorita K. faz uma série de promessas: **“Este ano eu preciso crescer. (...) Este ano se eu tiver que sofrer, será por sofrimentos reais, nunca mais por males imaginários, preocupada com coisas que jamais acontecerão (...) Chega de pensar de um jeito e fazer do outro. Chega do corpo dizer sim e a cabeça dizer não.”** Penso acontecer, novamente, uma fala mais madura, em que Senhorita K. faz uma auto-observação, o que poderá levar a mudanças. Integrar novos desejos a uma mente em formação demanda tempo e uma longa negociação em que podem entrar em choque exigências do superego e novas pulsões.

Essa sua colocação nos leva a pensar em uma vivência da sexualidade, que é uma questão bastante abordada em seu blog, como por exemplo: **“Desejo. Sensualidade..Quando tocamos na palavra, lembramos do ato de amor, sexo. O**

desejo, o tesão, faz parte de um interesse maior. (...) Talvez ligado a moral, (...) a maneira de viver (...) ao amor (...) a promiscuidade. (...) O desejo é a forma de se sentir viva (...) E qual seria sua opinião? O que é permitido, o que não é?” Para Levisky (1998) os sentimentos contraditórios e de culpa advém de uma fragilidade egóica, muitas vezes característica desse período. Aos poucos, o adolescente elabora estas ansiedades, conduzindo-se para uma identidade adulta mais estável.

Em outra postagem, Senhorita K. mostra a necessidade de um tempo para poder viver uma relação sexual e parece certa que é uma escolha dela e não de um outro: **“Olha-la era mergulhar em um mar de ternura. Já ele, era brasa, pura atitude e ousadia. Mexer com ele era brincar com o fogo e ela não estava pronta para isso. Então, ele partira. (...) O mundo dera voltas (...) Aquela garotinha tola que um dia se apaixonara por ele, se transformara em uma mulher, ainda presa ao corpo de menina. (...) Ela crescera, amadurecera e ele está de volta (...) sua menina havia partido.”**

Outro tema comum aos adolescentes, que também aparece no blog de Senhorita K., é a necessidade de se isolarem por alguns momentos.e esse isolamento muitas vezes não ser bem compreendido pelas pessoas próximas. Levy (1996) fala da necessidade desse refúgio psíquico quando houver uma intensidade de estímulos para serem pensados. **“As pessoas não mais me entendem, nao entendem minha razão de ficar sozinha, meu senso de solidão, elas nao entendem k ele me dá forças... Em outra postagem diz: As vezes kero ficar sozinha (...) logo em seguida perceber k sozinha nao tem graça.”** Para Levy (1996) o refúgio é utilizado pelos adolescentes como “forma de realizar todo o trabalho reflexivo e elaborativo da adolescência” (p. 229).

Lentamente, Senhorita K. vai atravessando a adolescência, em momentos em que se socializa mais e outros em que percebe uma necessidade de estar só para poder pensar. Um pensar que também foi se desenvolvendo aos poucos. A vivência da sexualidade que muitas vezes parece ser assustadora vai ganhando espaço dentro dela. E aos poucos, com menos medo, vai se transformando em uma nova mulher.

4.3.4. O olhar

Em vários trechos das narrativas de Senhorita K., encontramos referências ao olhar, mostrando o quanto o olhar do outro dá existência a ela e aos seus sentimentos, representado aqui por este trecho: **“Pelo reflexo no espelho não vejo nada em meus olhos..vc me diz tantas coisas, k eles são eternos, k são inspiradores de alguma forma para vc (...) Pelos seus.. vejo a alegria transparente, vejo o futuro, vejo algo indescritível.”** Esta sua fala nos lembra Winnicott (1967) que diz “Quando olho sou visto, logo existo. Agora tenho como olhar e ver” (Winnicott, 1967, p.157). Foi através de um olhar libidinizador que deu sentido à sua existência, enquanto o espelho não lhe dizia nada. Tal fato nos remete à importância do vínculo do reconhecimento aqui estudado.

4.4. Arminda

“Meu corpo sabe ler, mas minha alma escreve” (Arminda)

4.4.1 Escolha do Nome e Dados Gerais:

O blog de Arminda foi escolhido para ser o último a ser apresentado por esta pesquisa e poderia ser também a sua conclusão. Ela escreve muito bem em narrativas que falam por si mesmas. Tive, então, que tomar muito cuidado no sentido de evitar empobrecê-las com as minhas discussões. Escolhi esse nome porque o conteúdo de seu blog apresenta a crise normal da adolescência me remetendo a pensar na obra e conceitos de Arminda Aberastury. Arminda escreve em seu blog desde março de 2008 e tem uma produção intensa. Escreve no blog, aqui nomeado de “Produzindo Palavras”, que foi utilizado nesta pesquisa, e em outros, sendo um deles coletivo onde é responsável por uma postagem semanal. Frequenta uma universidade, faz teatro, trabalho voluntário, entre outras atividades.

O blog não tem fotos suas apenas uma 3X4 em seu perfil. Apresenta-se com uma frase de Drummond: **“Sou do tamanho que sinto, que vejo, que faço. E não do tamanho que os outros me enxergam.”** Apesar de se apresentar assim, acompanhei sua luta com este olhar do outro e o com o seu próprio olhar em uma busca de se conhecer e se ver reconhecida verdadeiramente pelo olhar do outro e por si mesma. Descreve também suas músicas favoritas, misturando uma diversidade de ritmos, filmes e livros preferidos. Fornece seus contatos por *Orkut*, *Twitter* e outros blogs em que escreve e também daqueles que acompanha.

A página inicial é marcada por um grande relógio que informa o tempo real. A presença deste relógio oferece uma sensação de que suas narrativas sempre se atualizam. Pode-se comparar seu blog como o fez Borges (2000) ao escrever seu livro *O ofício do verso*. “uma biblioteca é um tipo de caverna mágica cheia de mortos. E aqueles mortos podem ser ressuscitados, podem ser trazidos de volta à vida quando se abrem suas páginas” (p. 12). Ao abrir o blog de Arminda e deparar-me com o relógio de ponteiros, marcando corretamente as horas, sentia que as suas narrativas se eternizavam em um tempo sempre presente, elas ressuscitavam.

Solicita os direitos autorais sobre os seus textos, reproduzindo artigo 5º da Constituição sobre a Lei de direitos e deveres individuais e coletivos. E de uma forma mais poética diz: **“É gratificante também saber que muitas pessoas se identificam com os meus textos e até, coincidentemente, passam por situações parecidas. Se você é uma delas e deseja copiá-los, agradeço se meus créditos forem reconhecidos. É o nome do autor somado a 2 singelas vírgulas voadoras (aspas) (...) representam o respeito e a humildade que os leitores têm que considerar que o texto possui uma autoria e uma autoridade.”** Arminda se apropria do que é dela, porém se protege de uma apropriação do outro. Parece temer ser roubada. Porém, à medida que nos expomos, nós nos damos a conhecer e ser reconhecidos pelo outro e por nós mesmos. Nesse embate entre identificações e diferenças podemos descobrir quem somos e quem é o outro.

Arminda escreve sobre a importância da escrita para si. Relata sua infância e as elaborações que vai realizando da mesma, com as alegrias e angústias que a acompanham nesta nova fase e que culminará o ser mulher. Seu blog tinha mais de 300 páginas. Espera ansiosa a maioridade civil e sabe que o desenvolvimento emocional depende de outras condições. **“Não crescerei centímetros em 24 horas nem estarei pronta**

psicologicamente para enfrentar os problemas do mundo, mas alcançarei a maioria, imposta pelo ordenamento jurídico de minha sociedade.”

4.4.2 A escrita de Arminda:

Em seu primeiro post, ao qual ela dá o nome de **O ato**, reproduz uma frase de Clarice Lispector: **“Escrever é procurar entender, é procurar reproduzir o irreproduzível, é sentir até o último fim do sentimento que permaneceria apenas vago e sufocador. Escrever é também abençoar uma vida que não foi abençoada.”** Encontrar uma frase assim em um blog de uma adolescente é surpreendente. Arminda nos fala de um mundo interno, de uma possibilidade de, através da escrita, dar sentido às suas emoções. Transformar algo que esteja em estado bruto e representá-lo por meio de palavras.

Um tema que esteve sempre freqüente no blog de Arminda é o quanto ela trata a escrita como uma possibilidade de se conhecer em uma necessidade vital de pensar as próprias vivências **“Nem parece que faz só uma semana que eu não escrevo. Talvez por isso, eu venha me sentindo assim: tão cheia.”** Sabe da importância de ter uma função mental que seja capaz de organizar as experiências que, de outra forma, ficariam apenas em um nível sensorial e sem sentido, ocupando espaços em sua mente. Penso que a escrita ajuda Arminda a entrar em contato com as próprias emoções.

Arminda, em muitas de suas narrações, nos conta sobre sua infância, porém agora em uma nova versão: a dela. Ela reconstrói a sua história, recriando aquelas experiências, dando-lhes um novo sentido. **“Como é bom recordar. Recordar os bons e os maus acontecimentos. De cada momento um pequeno aprendizado, uma nova qualidade, o reconhecimento de um novo defeito.”** A possibilidade de recordar, ou melhor, a

possibilidade de pensar e conhecer é que permite uma transformação. Deste ponto de vista, a escrita funciona para Arminda como uma possibilidade de crescimento e ela confirma isso em outra narração: **“O bom de escrever e relembrar é consolidar a certeza que nada foi em vão (...) Perceber que nossa vida é feita de escolhas. (...) E concluir que fiz as melhores escolhas, que fui eu mesma e que sempre houve uma vitória (...) Uma vitória que ninguém aplaudiu, mas que fica perceptível e concreta na mulher que hoje sou.”**

Em uma bela narrativa, Arminda conclui todo o debate exposto acima sobre a importância da escrita, associada a uma vivência da experiência emocional e a possibilidade de transformação. Como uma das propostas desta pesquisa era dar a palavra aos adolescentes, aqui Arminda merece todo o título de “O adolescente como autor”: **“É preciso inspiração, fatos exteriores para serem absorvidos e sentidos para só depois serem modelados no papel. E, como já disse, atualmente, tenho interiorizado um montão destes fatos e os transformado em sentimentos. E assim, escrevo. É como se as palavras fugissem por minhas mãos da forma mais perspicaz possível, a passos sutis de liberdade. É como se conseguisse me manter mais calma e passiva às experiências ruins. É como se fosse a forma mais louca e imprevisível de socorrer o coração.”**

Em seu blog, ela expõe outras funções que a escrita tem para ela. **“Buscando deixar marcado cada pedacinho de amadurecimento que me compõem, cada momento que me sustenta, cada sonho que me mantém viva... Escrevo.”** Penso a escrita íntima como possibilidades de eternizar vivências. Schittine (2004) apresenta a escrita em diários como um registro de sensações e situações que a pessoa acredita que não se repetirá, funcionando como um arquivo que acompanha o seu amadurecimento ou

retrocessos na maneira de ser e de pensar. Lejeune (2008) apresenta que um diário assemelha-se a um rastro de um navio, cujo trajeto vai sendo registrado em um livro de bordo. Arminda parece apreciar o seu desenvolvimento, quer registrá-lo e poder refletir-se nele.

Outra função que pode ser pensada é a da escrita como companhia, como tantas vezes Anne Frank (1988) e Zatlá (1994) puderam contar com seus diários. Lejeune (2008) revela: “eu tinha uma vida interior e ninguém que a acolhesse. Tinha de me virar sozinho. Não tinha amigos. Eu mesmo deveria me dar hospitalidade. Pedi asilo ao papel” (p. 308). De forma bem semelhante, Arminda escreve: **“Falei da solidão insólita que me faz escrever, quando não se tem ninguém para ouvir o que tenho para falar.”** Trata-se de outra questão que chamou muita atenção nesta pesquisa e que analiso com a teoria do vínculo do reconhecimento. Penso que as escritas dos adolescentes em seus blogs, são aquelas que clamam por uma escuta e um olhar. Eles buscam na escrita e nos seus blogs um espaço onde possam existir.

Em alguns momentos, a escrita é apresentada por Arminda como refúgio. **“Não quero escrever e escrevo: meu refúgio, meu esconderijo mudo.”** Para Arminda este refúgio é utilizado como um espaço mental protetor ao qual ela pode recorrer sempre que a sua ansiedade extrapolar sua capacidade de tolerância. (Levy, 2007)

Arminda, em um *post*, nos conta sobre uma tentativa de assalto e assédio enquanto voltava da padaria com sua irmã. Um homem sai de um carro e as aborda, deixando-a muito assustada. Ela descreve todo o ocorrido e justifica os motivos que a levaram escrever sobre isso. **“Conversava com um amigo sobre este fato que ocorrera há tanto tempo e resolvi escrever. Não como uma fuga. Mas como uma forma de transformar em menor**

o que aconteceu, diante da amplitude das aventuras e desafios que ainda terei que desvendar. Um modo, talvez, de ‘metamorfosar’ o medo numa espécie de luta. Luto!”

Aqui aparece outra função da escrita, ou seja, a de poder lidar com a dor, com o desconhecido.

No primeiro aniversário de seu blog, escreve: **“É aqui que, há um ano, tenho tentado me entender melhor através dos escritos e acredito vir conseguindo. Sinto-me um pouco mais madura quanto a algumas atitudes. Sinto que ainda posso melhorar. Sinto que não sei de nada e por isso me refaço, caindo numa nova página de escrever outra e mais outra reflexão. Um constante crescimento.”**

Em outro *post*, ela tenta fazer uma comparação entre o seu desenvolvimento físico e psíquico de criança para mulher e o desenvolvimento de sua escrita: **“Talvez, seu corpo crescera antes de seu verdadeiro eu, mostrando-a que tinha um mundo inteiro a desvendar – enquanto o mundo teria uma menina inteira para descobrir. (...) Começou a fazer de seus diários uma caixinha de segredos. Neles, ela eternizava desde a hora que costumava acordar até a reza, antes de dormir. (...). E, apesar de considerar sua Letra um desastre de avião, sabia que por trás dela, as palavras se juntavam de forma mágica (...) Quando tentou mostrar algo que escrevera para as Pessoas Grandes de sua casa, elas estavam assistindo à novelas e não escutaram.(...). Assim, ela interiorizou seu conhecimento pessoal (...) numa alma em eterna construção. (...) Da voz mais fina, evoluiu o tom mais grave. Do corpo de criança, nasceram as curvas mais salientes. Das palavras existentes, permaneceram palavras. Embora, hoje, mais fortes, mais elaboradas, mais extrovertidas. Palavras, que se tornaram escritos. Escritos, que escondem sentimentos. Sentimentos, que são parte dela. E ela, que é a moldura de suas palavras.”**

4.4.3. Transformações: de menina para mulher.

Arminda, em muitas de suas narrativas, apresenta o quanto ainda está confusa em relação ao seu novo corpo, aos seus novos papéis e ao quem ela é, se criança ou mulher. Repetidas vezes, acompanho-a fazendo uma trajetória da sua vida da infância à idade atual, buscando naquelas lembranças “algo” que possa dar sentido à Arminda do hoje. Sabemos que na adolescência são reeditados muitos conflitos da infância, que surgem agora como possibilidade de elaboração e transformação, culminando no surgimento de uma identidade adulta.

Em um *post* bastante longo, denominado “**Resquícios**”, faz uma análise da sua história de vida. O significado da palavra resquício é fragmento, vestígio ou fenda. Dessas três possibilidades penso em algo que deixou marcas, ou pela presença ou pelo corte. De uma forma ou de outra são marcas que precisam ser representadas, simbolizadas e resignificadas a cada nova vivência. Ela começa por uma descrição dos seus primeiros anos de vida: uma casa em reforma, um pai que estava distante devido ao trabalho, uma mãe atenta, conversas consigo mesma, poucos amigos e revela um pouco de sua personalidade: “**minha timidez ainda era alvo de crítica de meus familiares.**” O olhar do outro é uma preocupação grande de Arminda, que muitas vezes, não se vê compreendida em seus sentimentos. Relembra a separação dos pais e diz: “**é difícil não ficar um pouco triste ao recordar do que já foi passado. Dessa parte da minha história, algumas interpretações não foram concluídas e acho que permanecerão em aberto. O sentimento e as dúvidas que deixo, prefiro passá-los com singelas reticências.**” Embora em outras postagens traga elementos de uma infância rica em fantasias, nesta ela traz as fendas de vivências que permaneceram sem sentido. Talvez, ela perceba que muitas são assim. Arminda demonstra possuir a capacidade de tolerar não ter respostas

para tudo, principalmente quando estas envolvem o outro. É difícil determinarmos o que se passa dentro do outro.

Aos nove anos, recorda a primeira apresentação de ballet e aos doze anos do primeiro beijo. **“O primeiro beijo é marcante pra todo mundo e principalmente, quando o receptor dele é o seu primeiro namorado.”** Embora haja a presença, na sociedade contemporânea, de toda uma erótica que envolve o “ficar” do adolescente, das relações banalizadas, Arminda aponta a importância do vínculo em que as experiências podem ganhar mais sentido. **“Este acompanhou e viveu comigo a fase ‘mudança’ da minha personalidade.”** Destaca toda uma adolescência, com as transformações advindas com a idade, novos desejos, projetos e sonhos. **“Engatinhei num mundo mágico de personagens, entreguei-me ao Teatro.”** Novas atividades começam a fazer parte de sua vida. Ela está aberta para o novo e também em descobrir novas potencialidades em si mesma. Em outro *post*, Arminda coloca o curso de Teatro como possibilidade de vencer a timidez. Desta forma, podemos ver que ela faz um bom uso deste descobrir-se, pois tenta cuidar e modificar partes dela, que ainda precisam ser desenvolvidas.

Aos 14 anos, revela: **“Aprendi a lidar com pessoas de personalidades totalmente distintas; a correr atrás do que eu queria; a relevar atitudes e a construir o meu próprio castelo A menina-sorriso começou a se mostrar mais presente no meu cotidiano e a vontade de conhecer o interior das pessoas era o que me fazia analisá-las holisticamente.”** Neste trecho observei seu movimento de idas ao encontro do outro e recuos, mostra-se e protege-se. Busca tentar observar as pessoas mais por inteiro do que por partes, como também apresentar partes suas que talvez ficassem escondidas. Talvez, assim, ocorra o crescimento, através de experimentações, em momentos em que se arrisca

mais e em outros que a proteção se faz necessária. O importante é se permitir realizar este movimento.

Ao completar 15 anos, decreta o fim da infância e parece já encontrar-se em um mundo adulto cheio de cobranças: **“Dizem que quando você passa dos 15, a vida voa. Talvez, as responsabilidades sejam tão maiores e mais importantes que realmente parecem que o dia se tornou mais curto.”** Em muitos momentos, destaca-se nesta pesquisa a questão das modificações corporais impondo uma nova mente. Aqui, Arminda nos fala das modificações sociais que exigem dela o cumprimento de novos papéis.

Terminando a sua retrospectiva de vida, escreve aos 17 anos: **“Reparei quantas escolhas virão pela frente (...) e quanta coisa pra escrever. E, ao olhar a trajetória percorrida, um orgulho imenso encheu o meu peito. Havia algo bem diferente em mim, agora, e eu me apeguei a esse algo. (...) Foram apenas 17 anos e esse rosto com cravinhos, esse cabelo mal-tratado, essas unhas não tão bem-feitas decodificam perfeitamente a idade que meu corpo acentua. Contudo, a minha mente ainda quer viver tantas experiências, Sinto-me feliz por isso, por ter crescido tanto em tão pouco tempo. Sinto-me privilegiada por ter vivido com pessoas que me deram essa oportunidade de conhecer o mundo tal qual ele é. E, sinto-me ainda tão pequenina quando vejo que a adolescente de hoje ainda guarda tantos resquícios e curiosidades da menina que um dia fui e que, na verdade, nunca deixou pra trás.”**

Arminda percorre este trajeto, valorizando as experiências anteriores como promovedoras do seu ser atual. Demonstra atitude de gratidão²³ à vida e às pessoas com quem convive. Anseia conhecer o novo e sabe que é aquela menina cheia de dores e

²³ Conceito Kleiniano destacado como “condição essencial para o sujeito atingir a posição depressiva, a qual, por sua vez, é a que possibilita a capacidade da formação de símbolos e da capacidade de pensar”. (Zimernan, 2001, p. 172)

curiosidades a que lhe possibilitará isso. Fala também de uma mente que se encontra em momentos diferentes do seu corpo, uma mente a querer dar saltos e um corpo marcado pela adolescência.

Em uma postagem, com a possibilidade de identificar vários elementos da adolescência, Arminda faz uma retrospectiva do ano e escreve: **“2007 Inusitado – é como posso descrevê-lo! Tempo de grandes e desconhecidas experiências. (...) chorei lágrimas de desesperança, sofrimento, felicidade; (...) foi o ano com mais TPMs e desafios que já tive. Ano em que aprendi a lidar com os meus sentimentos mais fracos e perceber que é preciso, às vezes, ser sozinha.”** Arminda parece viver tudo ao extremo, o que é uma característica peculiar da adolescência. O adolescente, muitas vezes, se sente sozinho em busca de um novo lugar em que se reconheça. **“Sozinha para se auto-conhecer. Sozinha para conhecer o outro.”** Frente às tarefas de elaboração de luto, o adolescente precisa reorganizar a sua identidade em direção ao tornar-se adulto, agora com o seu olhar, a partir das próprias vivências.

(...) **“Dormi muito. Nossa! Tive que ser obrigada a abrir os olhos muitas vezes para encarar a realidade e parar de sonhar.”** (...) Este trecho faz lembrar o conto de fadas – “A bela adormecida” – que, ao iniciar a puberdade, cai em sono profundo em referência a um tempo interno, necessário às modificações da adolescência.

Para Aberastury (1975) Tanto as modificações corporais incontroláveis como os imperativos do mundo externo que exigem do adolescente novas pautas de convivência são vividos, no começo, como uma invasão. Isto o leva, como defesa, a reter muitas de suas conquistas infantis, ainda que também coexista o prazer e a ânsia de alcançar o seu novo status. Também o conduz a um refúgio em seu mundo interno, para poder ligar-se novamente com seu passado e, a partir daí, enfrentar o futuro. (p.63).

“Algo em mim mudou. Para alguns, pode até ter sido a cor do cabelo, dos olhos ou mesmo da estatura física. Mas eu sei que não sou mais a mesma que fui ontem, há um enlace de conspirações e idéias prematuras dentro da minha mente.”

Arminda tem uma capacidade diferenciada de auto-observação e neste momento fala de um crescimento interno, importante para ela. Desconhece se quem está do lado de fora do processo percebeu tal fato. Tem um novo corpo, como também novos desejos e novos pensamentos. **“Nem sempre estamos crescendo como querem os nossos “donos”. Tentamos manter o olhar sempre nítido para os objetivos, porém adquirimos novas convicções, novos instintos.”** Não somos quem planejamos ser, o novo impõe-se e, frequentemente, de forma tão desordenada que não é tão simples sermos quem gostaríamos de ser. O nosso desejo é algo a ser sempre reeditado à medida que temos diferentes experiências. **“E em sumas risadas e emoções vinculadas à lembranças várias, terminou-se o ano. Ano que me deixou dúvidas e, talvez, eternos resultados.”** Acreditar em um ano em que houve acontecimentos bons e ruins, que sempre haverá tanto algum não saber quanto aprendizagens, mostra que Arminda está em um momento mais integrado²⁴ de sua mente.

4.4.4. Luto pela infância

“Vi três garotinhas brincando de pular corda. (...) Deu-me uma vontade tremenda de largar os livros no chão e correr na direção delas, para pular também. Mas não podia. Havia deveres a cumprir. (...) Sinto saudades do meu rosto limpinho como casca de maçã (...) O tempo se aflora tão rápido dentro e fora de nós, que nos apercebemos dele apenas depois que já chegamos a uma certa idade. Agora, o mundo exige responsabilidades de você e essa independência adquirida com o

²⁴ Conceito Kleiniano: aborda a capacidade da pessoa integrar aspectos ambivalentes em sua mente, alcançando a posição depressiva.

passar dos anos requer um preço. (...) Todos os momentos da infância ficam para trás, mas deixam as lembranças, das quais temos que aproveitá-las enquanto latentes para recordar e viver de novo (...) Mas o corpo da alma continua o mesmo, guardando todas as manifestações da criança que me ajudou a modelar a ‘Armindá atual.’” Este luto pela infância perdida foi freqüente em todos os blogs analisados por esta pesquisa. Nas palavras destes adolescentes, acompanhei a difícil jornada para se tornar adulto. Fica claro neste *post* de Arminda, assim como também nas palavras de Rosa, a importância de carregar essa criança dentro de si. A curiosidade dela e sua criatividade permitirão um mundo adulto mais rico, apesar de temerem, muitas vezes, que o mundo adulto lhes roube a espontaneidade da infância. Arminda demonstra isto na narrativa abaixo.

“Não sou mais uma criança, eu sei. Mas também não sou uma adulta completa. Tenho olhos para as nuances do mundo real, ajudando e seguindo meus princípios sempre. Contudo, também gosto de dançar a minha música, gosto de sorrir das minhas próprias besteiras, gosto de aludir a seres imaginários (...) É esse jeito meio moleca de ser, que cobre o meu corpo de vida e me faz correr atrás do que almejo. É essa menina que gosta de maquiagem, de azul, de roupas diferentes, de ser metódica em seus trabalhos, de ser moderada nas suas conclusões (...) que me faz existir, que me faz escrever, que me faz sonhar. É assim que eu ultrapasso o mundo dos homens e consigo desenhar algo que acredito que possa um dia se concretizar. E se não fosse assim, talvez, não existiriam nem estas palavras, nem as minhas cartas, nem este blog. Talvez eu nem conseguisse existir. E, com certeza, eu não seria feliz.”

4.4.5. Luto pelos pais da infância.

A figura do pai fica um pouco apagada nas narrativas de Arminda, porém a figura da mãe aparece de forma mais marcante. Conta-nos de uma mãe continente que soube amparar as angústias de sua filha como também oferecer espaço para que esta filha pudesse se diferenciar dela. **“Uma mãe a quem eu denomino: Ninja! Foi ela quem estive comigo quando dei os primeiros passos. (...) Foi pra ela que recorri quando acordei noites assustadas com pesadelos. (...) Quem estive nos momentos mais importantes da minha infância. (...) Ao longo dos anos, cheguei a me chatear com ela. Tínhamos opiniões diferentes a respeito das mesmas coisas. (...) me acolheu de braços abertos, quando tudo parecia perdido.”**

4.4.6. O olhar do outro.

“Essa semana, disseram-me que eu passava para as pessoas uma imagem de fragilidade, de viver num mundo “rosa”(…) Fiquei sem chão e evitei chorar (...) apenas confirmaria a imagem de frágil e indefesa. Já houve pessoas que reclamaram comigo pelo fato de eu ser exagerada, sensível à pequenas coisas, “tola” demais. E mesmo depois de tantas críticas, meu jeito meio serelepe de ser permanece intacto.”

“Nunca fui de me importar com o que as pessoas pensam de mim. (...) refiro-me ao modo de como os indivíduos me interpretam por gostar de escrever em um Blog, por adorar musica estilo X. (...) Confesso: jamais isso me fez insegura um tanto sequer sobre o meu jeito de ser.”

“Nunca encontrei alguém que valorizasse as mesmas coisas que eu.”

“Ser você já é difícil. Fazer com que os outros aceitem o seu jeito sem críticas é impossível. Admito que já até tentei.”

Decidi agrupar todos estes trechos acima por se tratar de um tema recorrente nas escritas de Arminda, ficando como uma seleção de exemplos. A questão do olhar como dita nos capítulos teóricos sempre foi uma questão primordial na psicanálise. Desde o nascimento até a morte, temos uma necessidade vital de sermos reconhecidos pelo outro como alguém valorizado, aceito, amado e desejado.

Arminda queixa-se de não se sentir reconhecida pelo outro em suas características, de não entenderem suas escolhas. Sabe-se que não está imune às críticas e tenta demonstrar-se indiferente a isso; porém, a repetição deste tema nos leva a pensar o quanto esse olhar que ela relata não percebê-la bem ainda, a incomoda. Em suas falas, percebemos que ela ainda não introjetou esse olhar, por isso, talvez, não se sinta protegida, porém continua buscando.

Considerações Finais

Pesquisar sobre a adolescência sempre foi um grande desejo meu, devido aos impasses encontrados no consultório em que a demanda de atendimentos tem ampliado a cada dia, exigindo uma atualização constante. A decisão, tomada no início desta pesquisa, de ir até onde estes adolescentes se encontram foi, para mim, valiosa. Dessa forma, tive a oportunidade de encontrar-me em um universo certamente diferente de uma idéia preconcebida, levando-me a uma revolução quanto ao meu olhar e uma reformulação teórica deste trabalho. O desenvolvimento do trabalho de mestrado que termina com esta dissertação não é uma questão simples. Em uma comparação com uma abordagem de Ogden (2010) sobre o escritor psicanalista, penso que as escolhas e os caminhos percorridos pela pesquisadora declaram, implicitamente, o seu modo de pensar, o que ela percebe e valoriza e para qual experiência humana ela dá o lugar de honra na narrativa de sua dissertação.

O choque frente à quebra de um pensamento “saturado” possibilitou que a pesquisa fosse construída livremente, permitindo o surgir do novo durante todo o processo, preservando uma sensação de imprevisibilidade. Aceitei ser provocada a cada releitura dos blogs e, desta forma, busquei encontrar aspectos teóricos que me amparassem na compreensão daquele material.

A divulgação de uma sociedade espetacular e exibicionista, juntamente com um ambiente virtual nocivo e prejudicial para as relações humanas, muitas vezes, nos leva a uma visão preconceituosa e insatisfatória sobre o assunto. Se não nos aproximarmos mais de seus produtos e observarmos o que eles têm para nos oferecer, não descobriremos as várias funções e valores que eles podem assumir, dependendo de seu uso.

Esta pesquisa privilegiou o blog como um produto representante da sociedade contemporânea e que é bastante utilizado pelos adolescentes. A escolha do blog atendia aos critérios da pesquisa por ser um lugar onde o adolescente pode falar por si mesmo. Acredito que os objetivos da pesquisa foram atendidos. Nas narrativas analisadas, foi possível observar as suas percepções em relação às vivências da própria adolescência bem como o papel que a escrita e o blog assumem nesta etapa de suas vidas.

Alexandre, Rosa, Senhorita K. e Arminda com faixas etárias entre 15 e 18 anos têm muitas diferenças. Alguns namoram, outros não. Alguns acabaram de passar no Vestibular, outros estão estudando muito para que isso aconteça e há ainda aqueles que nem pensam nisso no momento. Há os que adoram rock e os que preferem MPB. O que todos têm em comum é o escrever em blogs. Neste espaço, contam sobre seus dias, alegrias, esperanças, medos e sofrimentos. Na leitura e análise dos blogs, pode-se identificar as preciosidades e funções da escrita e observar os fenômenos característicos do processo da adolescência.

Observamos, nestas leituras, a busca destes adolescentes em saber quem são, revelando suas angústias frente às mudanças corporais, os novos papéis sociais, à elaboração de luto pelos pais da infância, a saudade da criança de outrora e a sexualidade emergente, em vivências que o corpo e a mente procuram se integrar. Acredito que a escrita cumpre uma função para estes adolescentes como forma de comunicar e expressar o que estão sentindo e também como processo de elaboração. Dar representação para as emoções envolvidas em um conflito é uma oportunidade de poder pensá-lo. A experiência vivida, entretanto, permanece viva na memória do sujeito, mas igualmente importante, é o modo pelo qual ele se modifica e continuará se modificando à medida que permite ver-se no que escreve.

Na análise dos blogs, observou-se a importância de se formar uma mente capaz de pensar os pensamentos. O processo do pensar depende da maior ou menor capacidade psíquica da pessoa em tolerar experiências frustrantes e dolorosas. Uma maior tolerância possibilita transformar a realidade, sendo a única possibilidade para o crescimento mental. Arminda aborda isto em uma passagem em que relembra o assalto, escrevendo e pensando nele na busca de **“metamorfosar o medo, transformar em pequeno o que aconteceu.”** Com Senhorita K., percebemos que nos momentos em que a mente é invadida por novas sensações e não se tem um continente para recebê-las e nomeá-las, elas não produzem um verdadeiro conhecimento sobre si mesmo, ficando a idéia dissociada da emoção. **“As vezes me pego pensando ne tudo aquilo é inútil.. nas decisões erradas (...) Pra k? por k? Pq isso me domina e esses pensamentos me invadem sem ter como fugir dessa imensa solidão?”**

É muito difícil contar uma experiência através de palavras, e esta é uma luta constante para quem escreve. Penso que, quando estes adolescentes escrevem sobre uma vivência, podem ter uma nova experiência e um novo conhecimento sobre ela. Conhecer, como vimos, é uma atividade pela qual o indivíduo chega a ficar consciente da experiência emocional e dela poder tirar uma aprendizagem. Então, quando lemos as narrativas dos blogs, não lemos a experiência em si, mas a criação de uma nova experiência, o contato daquela pessoa com a emoção, já com uma diferente elaboração.

Ser reconhecido pelo outro como nós mesmos é fundamental na constituição de nossa identidade. Ao percorrermos os blogs dos adolescentes, notamos que os mesmos fazem muitas referências ao olhar e a um pedido para que outras pessoas leiam e comentem seus escritos. Penso, como Winnicott, que todo mundo precisa ser visto para existir. Na análise das narrativas, eu não percebi que estes adolescentes buscavam uma

visibilidade espetacular; muito pelo contrário, eu percebi a busca de um contato, de um encontro. O adolescente necessita muito ainda deste olhar, necessita ser reconhecido por um novo grupo fora dos seus laços familiares, principalmente pelo grupo de iguais.

O blog neste estudo também foi associado ao espaço potencial. Espaço para elaboração de objetos perdidos, espaço de proteção e de regresso sempre que necessitar. Espaço que possibilita um afastamento da realidade para poder pensar e experimentar o que ainda não foi possível por outras vias. Espaço de ficar só e ao mesmo tempo acompanhado.

O fim de uma pesquisa, penso, é sempre o começo de outra. As idéias levantadas nesta devem ser vistas a partir de um olhar e de uma apreensão possível para o momento em que foram formadas, mas a grandiosidade de uma pesquisa reside em sua capacidade de gerar novos olhares e novas investigações, não morrendo com respostas saturadas. É preciso que ela sempre gere o novo, possibilitando infinitos conhecimentos.

5. Referências:

A história do Blogger –Technorat - Faça e busque blogs. Última consulta em 25 de abril de 2009. <http://superdownloads.uol.com.br/download/33/technorati/>

Aberastury, A. , Knobel, M. (1975/1981) *Adolescência Normal - um enfoque psicanalítico*. Artmed Porto Alegre. RS

Aulagnier, P. (1990) *Do direito ao segredo: condição para poder pensar*. In: *Um interprete em busca de sentido* – I Ed. Escuta. São-Paulo- SP

Barros, E.M.R (2004) *Ensaio sobre o sonhar, elaboração psíquica e perlaboração*. In Livro Anual de Psicanálise V XVIII 131-138. São Paulo -SP

Baudrillard, J (1997) *Tela total –mito-ironias da era virtual e da imagem*. Porto Alegre: Ed Sulina

Bion, W.R (1967/ 1988) *Uma teoria sobre o pensar in Estudos Psicanalíticos Revisados*. Ed Imago. Rio de Janeiro.

Birman, Joel (1993) *O objeto teórico da Psicanálise e a pesquisa psicanalítica*. In: *Ensaio de Teoria Psicanalítica*. Ed. Jorge Zahar. Rio de Janeiro

Borges, J. L. (2000). *Esse ofício do Verso*. Ed: Companhia das Letras. São Paulo

Braga, C.M.L. (2009) *Comunicação e Isolamento: uma análise clínica de diários e blogs de adolescentes*. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Senso em Psicologia do Centro de Ciência da Vida da PUC - Campinas. São Paulo.
http://www.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br/tde_arquivos/6/TDE-2010-02-04T115436Z-1564/Publico/Carla%20Maria%20Lima%20Braga.pdf

Cairol P., Gauer G.C. (2009) *A adolescência escrita em blogs*. Estudos de Psicologia I. vol. 26 (2) pgs 205-213 Campinas. São Paulo.

Calligaris, C. (2000) *A Adolescência*. São Paulo: Publifolha.

Cassorla, R.M.S. (1991, 25 de maio) *Aspectos sobre o Processo de Dessimbiotização na Adolescência*. Trabalho Apresentado em Reunião Científica da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

Cassorla, R.M.S. (n.d) *Notas sobre o mito e a criatividade: uma visão psicanalítica*. http://www.ciec.org.br/Artigos/Revista_2/cassola.pdf. Última consulta: junho 2010

Chiapello, C.S.S. (2009) *Simbolização E Sublimação: Reflexões E Conjecturas*. Apresentação no 2º Encontro do Ciclo de Conferências "Re-Evoluções"

http://www.sbprp.org.br/sbprp/images/online/artigo_120.pdf (último acesso em março de 2010)

Contart-de-Assis, M.B.A. (2008, 26 de novembro) *Adolescência, por adolescentes*. Trabalho apresentado em reunião científica da SBPRP. Ribeirão Preto. São Paulo.

Dutra d'Abreu, M.F.M. (2007) *Psicanálise da infância e adolescência frente à realidade virtual* in CD Room: Trabalho apresentado no XXI Congresso Brasileiro de Psicanálise: 09 a 12 de maio. Porto Alegre. Rio Grande do Sul.

Ferrari, A.B. (1996) *Adolescência: o segundo desafio – considerações psicanalíticas*. Casa do Psicólogo. São Paulo- SP

Ferreira, A.B.H. (1999) Novo Aurélio – O dicionário de Língua Portuguesa Século XXI. Editora Nova Fronteira. Rio de Janeiro.

Ferro, A (2005) *Crise de idade-dobradiça, Crise de acontecimentos-dobradiças*. In: Fatores de Doença, fatores de cura. Editora Imago. Rio de Janeiro –RJ

Filipovik, Z (1994) *O diário de Zatlá – a vida de uma menina na guerra*. Cia Letras. Rio de Janeiro RJ

Franco, S G (2004) *A criatividade na clínica psicanalítica*. In: Pulsional Revista de Psicanálise. Ano XVII, n. 178. Jan 2004. Disponível em: <http://www.pulsional.com.br/rev/178/4.pdf> Última consulta em junho de 2010.

Frank, A (1988) *Anne Frank: diário de uma jovem*. Ed Itatiaia Limitada. Belo Horizonte -BH

Freud, S. (1906/ 2006) *Delírios e sonhos na Gradiva de Jesen* In: Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. IX Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1908/ 2006) *Escritores Criativos e Devaneio* In: Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.. Vol. XXI. Ed Imago. Rio de Janeiro – RJ.

Freud, S. (1909/ 2006) *Análise de uma fobia de um menino de cinco anos (O Pequeno Hans)* In: Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. IX. Ed Imago. Rio de Janeiro – RJ.

Freud, S. (1911/ 2006) *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (dementia paranoídes)* In Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XII Ed Imago. Rio de Janeiro – RJ.

Freud, S (1911/ 2004) *Formulações sobre os Dois Princípios do Acontecer Psíquico*. In: Obras Psicológicas Completas – Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente. Vol.1. Ed Imago. Rio de Janeiro – RJ.

Freud, S. (1915/ 2006). *Breves escritos - Carta à Dra. Hermine Von Hug-Hellmuth* In J. Strachey Edição standard brasileira das obras psicológicas e completas de Sigmund Freud (Vol. XIV, p. 355). Ed Imago. Rio de Janeiro – RJ.

Gusman, L *Na onda dos blogs: diários virtuais viram mania na web.* 22/02/02. <http://www.acesa.com/informatica/arquivo/tecnologias/2002/02/22-blogs/> Última consulta Janeiro 2010.

Haudenschild, T.R.L (1995) *O primeiro olhar.* In Revista Brasileira de Psicanálise. Vol 29. (p 776-785). São Paulo.

Haudenschild, T.R.L. (2007) *Transformações da puberdade na sociedade contemporânea.* in CD Room: Trabalho apresentado no XXI Congresso Brasileiro de Psicanálise: 09 a 12 de maio. Porto Alegre. Rio Grande do Sul.

Herrmann, F. (2004) *Pesquisa Psicanalítica.* In Ciência e Cultura. Vol 56, n. 04 São Paulo-SP

Jeammet, P & Corcos M. (2005) *Novas problemáticas da adolescência: evolução e manejo da dependência.* Casa do Psicólogo. São Paulo-SP.

Klein, M (1930/1996) *A importância da formação de símbolos no desenvolvimento do ego.* In Amor, culpa e reparação e outros trabalhos. Ed Imago. Rio de Janeiro – RJ.

Knobel. M (1975/1981) *A síndrome da adolescência normal.* In Aberastury, A., Knobel, M. (1975/1981) *Adolescência Normal - um enfoque psicanalítico.* Ed. Artmed Porto Alegre. Rio Grande do Sul.

Laplanche, J. , Pontalis, J.B. (2001) *Vocabulário de Psicanálise.* Ed Martins Fontes. São Paulo–SP.

Lejeune, P. (2008) *O pacto autobiográfico – de Rousseau à Internet.* Ed. UFMG. Belo Horizonte-MG.

Lemos, A (2002). *A arte da vida: diários pessoais e webcams na internet.* Anais do XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Salvador. Disponível em http://galaxy.intercom.org.br:8180/dspace/bitstream/1904/18835/1/2002_NP8lemos.pdf. Última consulta em fevereiro 2010.

Lévy, P (2007) *O que é o virtual?* Editora 34. São Paulo.

Levy, R. (2002) *Acerca da verdade, do desejo e da virtualidade – As relações com objetos virtuais..* In: Revista Brasileira de Psicanálise. São Paulo, vol XXXVI

Levy, R (2007) *Adolescência: Refúgios Narcisistas, Destrutividade e Dilemas Contratransferênciais*. Trabalho apresentado no Convegno Essere Adolescenti Oggi. Milão em 13 de janeiro.

Levy, R. (1996) *Refúgios Narcisistas na Adolescência: Entre A Busca De Proteção E O Risco De Destruição – Dilemas Contratransferênciais*. In: Revista Brasileira de Psicanálise. São Paulo, vol.XXX.

Levisky, D.L. (1998) *Adolescência – Reflexões Psicanalíticas*. (2ª Edição Revista e Atualizada) São Paulo: Casa do Psicólogo. <http://www.davidleolevisky.com/>

Levisky D.L. (2004) *Um Monge No Divã - O adolescer de Guibert de Nogent (1055 - 1125?): uma análise histórico-psicanalítica*. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social, do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Doutor em História. Orientador: Prof. Dr. Hilário Franco Júnior. Universidade de São Paulo. <http://www.davidleolevisky.com/> (último acesso em fevereiro de 2010)

Lispector, C (1968/ 2004) *O mistério*. In: Aprendendo a Viver. Ed. Rocco. Rio de Janeiro- RJ

Lopes, P.S.C. (2007) *A escrita em blogs na constituição do sujeito adolescente*. Dissertação de mestrado Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. Última consulta em 10/06/2009. http://tede.pucrs.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=615

Moreno, J. (2004) *Acerca da puberdade* In Graña, R.B. e Piva A.B.S. In *Atualidade da psicanálise de adolescentes: formas de mal-estar na juventude contemporânea*, pg. 23- 34 cap. 2. Ed. Casa do Psicólogo. São Paulo - SP

Nick, S.E. (2007) *Psicanálise da infância e adolescência* in CD Room: Trabalho apresentado no XXI Congresso Brasileiro de Psicanálise: 09 a 12 de maio. Porto Alegre. Rio Grande do Sul.

Nicolaci-da-Costa (1968) *Primeiros contornos de uma nova configuração psíquica*. Cad. Cedes, Campinas, vol 25, n 65, p 71-85 2005. www.cedes.unicamp.br

Ogden, T.H. (2010) *Entre a arte e a psicanálise – sonhando sonhos não sonhados e gritos interrompidos*. Ed. Artmed.

Oliveira, R. M. C (2002). *Diários públicos, mundos privados: Diário íntimo como gênero discursivo e suas transformações na contemporaneidade*. Dissertação Mestrado em Comunicação e Cultura Contemporâneas. Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Comunicação, Salvador–BA. http://bocc.unisinos.br/_listas/tematica.php?codtema=21. Acesso em: dezembro de 2009.

Ortega, F. (2006) *Das utopias sociais às utopias corporais*. In Almeida, M. I. & Eugênio F. (orgs) *Culturas jovens: novos mapas do afeto*. (Prefácio pg. 7 a 24). Ed Zahar Rio de Janeiro – RJ.

Outeiral, J (n.d. a) *Sobre a visibilidade e a invisibilidade*. In: www.joseouteiral.com. Última consulta janeiro 2010.

Outeiral, J (n.d. b) *Violência e espaço virtual – desconstruções: a atualidade do pensamento freudiano através de Winnicott*. In: www.joseouteiral.com.br. Última consulta janeiro 2010.

Outeiral, J. (n.d. c) *Comentários sobre o tédio: o spleen na adolescência: sentir tédio ou ser entediante*. www.joseouteiral.com.br. Última consulta janeiro 2010.

Outeiral, J. (2003) *Adolescer – Estudos Revisados sobre a Adolescência*. (2ª edição revista, atualizada e ampliada) Rio de Janeiro: Reinventer.

Pais, M. J.(2006) *Buscas de si: expressividades e identidades juvenis*. In Almeida, M. I. & Eugênio F. (orgs) *Culturas jovens: novos mapas do afeto*. (Prefácio pg. 7 a 24). Ed Zahar Rio de Janeiro – RJ.

Paladino, E. (2005) *O adolescente e o conflito de gerações na sociedade contemporânea*. Casa do Psicólogo. São Paulo.

Pereira, P.O.C. (2007) Dissertação de mestrado: Psicólogo do CAPS: *Desafios e Impasses Na Construção de uma Identidade*. Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia.

Poli, M.C. (2005) *Dos diários aos blogs*. In Revista *Mente e Cérebro- O olhar adolescente – os incríveis anos de transição para a idade adulta*. N. 3 Caminhos da cognição. Duetto Editorial. São Paulo-SP.

Prange, A.P. (2003) *Da Literatura aos blogs: um passeio pelo território da escrita de si*. Dissertação de mestrado. Programa de Pos-Graduação em Psicologia do Departamento de Psicologia da PUC-Rio. Rio de Janeiro.
http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0115519_03_pretextual.pdf.

Rezende, A.M. (1993) *A investigação em Psicanálise: exegese, hermenêutica e interpretação*. In Lino da Silva, Maria Emília (coord), *Investigação e Psicanálise*. Campinas, Papirus.

Rezende, A.M. (2007) Resenha de livro: *Um monge no divã*. vol. 41 nº. 4, pg. 155-161 *Revista Brasileira de Psicanálise*. São Paulo.

Ribeiro, P.M.M. (2009) *Simbolizar, sonhar e pensar – sonhando sonhos com quem não aprendeu a sonhar*. Apresentação no 2º Encontro do Ciclo de Conferências "Re-Evoluções" http://www.sbprp.org.br/sbprp/images/online/artigo_120.pdf

Romão-Dias, D. (2007) *Brincando de ser na realidade virtual – uma visão positiva da subjetividade contemporânea*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Departamento de Psicologia da PUC-Rio. Rio de Janeiro. http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0311049_07_pretextual.pdf

Roudinesco, E. (2000) *Para que psicanálise?* Ed Zahar. Rio de Janeiro-RJ.

Schittine, D. (2004.) *Blog: comunicação e escrita íntima na internet*. Ed Civilização Brasileira. Rio de Janeiro- RJ

Sibilia, P. (2008) *O show do eu – a intimidade como espetáculo*. Ed. Nova Fronteira. Rio de Janeiro – RJ.

Silva, L.C.A. (2004) Tese de doutorado: *A reinvenção da sexualidade masculina na paraplegia adquirida*. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo.

Urribarri, R. (2004) *Sobre o processo adolescente* In Graña, R. B. & Piva A. B. S.. In *Atualidade da psicanálise de adolescentes: formas de mal-estar na juventude contemporânea*, pg. 35-50 cap. 3. Casa do Psicólogo. São Paulo.

Valladares, M.S.R.M. (2007) *Adolescência: perdas e ganhos*. in CD Room: Trabalho apresentado no XXI Congresso Brasileiro de Psicanálise: 09 a 12 de maio. Porto Alegre. Rio Grande do Sul.

Violante, M.L.V. (2000) *Pesquisa em Psicanálise*. In Pacheco Filho, R.A.; Coelho Júnior, N. e Rosa, M.D. *Ciência, Pesquisa, Representação e Realidade em Psicanálise*. Casa do Psicólogo. São Paulo - SP

Winnicott, D. W. (1967/ 1975) *O papel de espelho da mãe e da família no desenvolvimento infantil*. O brincar e a realidade Editora Imago. Rio de Janeiro - RJ

Winnicott, D. W. (1951/ 1975) *Objetos Transicionais e Fenômenos Transicionais*. O brincar e a realidade Editora Imago. Rio de Janeiro - RJ

Winnicott, D.W. (1996) *Tudo começa em casa*. 2. ed.. Ed Martins Fontes. São Paulo.

Zimerman, D. E. (1996) *O vínculo do reconhecimento* In *Revista Brasileira de Psicanálise* Vol. XXX. Nº 03. (pg. 705-723) São Paulo.

Zimerman, D.E. (2010). *Os quatro vínculos – amor, ódio, conhecimento, reconhecimento-na psicanálise e na vida*. Ed. Artmed.

Zimerman, D.E. (1999) *Fundamentos da psicanálise – teoria, técnica e clínica*. Ed. Artmed Porto Alegre. RS

Zimerman, D.E. (2001) *Vocabulário Contemporâneo de Psicanálise*. Ed Artmed Editora. Porto Alegre. RS

Zimerman, D. E (2005). *Bion –da teoria à prática*. Ed. Artmed. Porto Alegre-RS

Zimmermann, V. (2007) *Adolescentes estados limites – a instituição como aprendiz de historiador*. Ed. Escuta. São Paulo – SP

Anexos

Anexo 1 - Aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa



Universidade Federal de Uberlândia
 Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
 COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - CEP
 Avenida João Naves de Ávila, nº 2160 - Bloco J - Campus Santa Mônica - Uberlândia-MG -
 CEP 38400-386 - FONE/FAX (34) 3239-4531/4173; e-mail: cep@prppp.ufu.br; www.comissoes.cep.ufu.br

ANÁLISE FINAL Nº 617/08 DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA PARA O PROTOCOLO REGISTRO CEP/UFU
 336/08

Projeto Pesquisa: Estudos sobre a adolescência contemporânea.

Pesquisador Responsável: Cláudio Vital de Lima Ferreira

De acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS 196/96, o CEP manifesta-se pela aprovação do projeto de pesquisa proposto. O protocolo não apresenta problemas de ética nas condutas de pesquisa com seres humanos, nos limites da redação e da metodologia apresentadas.

O CEP/UFU lembra que:

- a- segundo a Resolução 196/96, o pesquisador deverá arquivar por 5 anos o relatório da pesquisa e os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido, assinados pelo sujeito de pesquisa.
- b- poderá, por escolha aleatória, visitar o pesquisador para conferência do relatório e documentação pertinente ao projeto.
- c- a aprovação do protocolo de pesquisa pelo CEP/UFU dá-se em decorrência do atendimento a Resolução 196/96/CNS, não implicando na qualidade científica do mesmo.

Data para entrega do relatório parcial: dezembro de 2009.
 Data para entrega do relatório final: dezembro de 2010.

SITUAÇÃO: PROTOCOLO DE PESQUISA APROVADO.

OBS: O CEP/UFU LEMBRA QUE QUALQUER MUDANÇA NO PROTOCOLO DEVE SER INFORMADA IMEDIATAMENTE AO CEP PARA FINS DE ANÁLISE E APROVAÇÃO DA MESMA.

Uberlândia, 21 de novembro de 2008.

Prof. Dra. Sandra Terezinha de Farias Furtado
 Coordenadora do CEP/UFU

Orientações ao pesquisador

- O sujeito de pesquisa tem a liberdade de recusar-se a participar ou de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo ao seu cuidado (Res. CNS 196/96 - item IV.1.f) e deve receber uma copia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, na íntegra, por ele assinado (item IV.2.d).
- O pesquisador deve descontinuar a pesquisa conforme definidas no protocolo aprovado e descontinuar o estudo somente após qualificação dos riscos de descontinuidade pelo CEP que o aprovou (Res. CNS item III.3.2), aguardando sua parecer, exceto quando parecer técnico ou clínico não precisos ao sujeito participante ou quando constatar a superintendência de regime oferecido a um dos grupos de pesquisa (Item V.3) que requeriram ação imediata.
- O CEP deve ser informado de todos os efeitos adversos ou fatos relevantes que alteram o curso normal do estudo (Res. CNS Item V.4). É papel de o pesquisador adotar medidas imediatas adequadas diante a evento adverso grave ocorrido (evento que tenha sido em outro centro) e enviar notificação ao CEP e à Agência Nacional de Vigilância Sanitária - ANVISA - sobre esse seu posicionamento.
- Eventuais modificações ou mudanças no protocolo devem ser apresentadas ao CEP de forma clara e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificada e suas justificativas. Em caso de pesquisa do Grupo I ou II apresentadas anteriormente a ANVISA, o pesquisador ou patrocinador deve enviá-las também a mesma, junto com o parecer atualizado do CEP, para serem juntadas ao protocolo inicial (Res.231/97, item III.2.e). O prazo para entrega de relatório é de 120 dias após o término da execução prevista no cronograma do projeto, conforme norma da Res. 196/96/CNS.

Anexo 2 - E-mail padrão: Pesquisa de mestrado com blogs.

Olá (nome do sujeito)

Meu nome é Elisa Aires Rodrigues de Freitas. Sou aluna do Programa de Pós-graduação (Mestrado) da Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia- Minas Gerais. Estou desenvolvendo uma pesquisa sob Orientação do Prof. Dr Cláudio Vital de Lima Ferreira e Co-orientação do Prof. Dr Luiz Carlos Avelino da Silva denominada Estudos sobre a adolescência contemporânea.

O objetivo desta pesquisa é compreender as formas encontradas pelos adolescentes para construir suas identidades no momento atual, buscando conhecer fatores culturais e psíquicos que permitem ou impedem o bom desenvolvimento emocional da pessoa e assim subsidiar os profissionais que trabalham com adolescentes a uma melhor comunicação e compreensão dos mesmos. Para isso preciso consultar blogs para analisá-los a partir dos conhecimentos de psicologia e psicanálise.

Assim ressalto que este projeto foi analisado e aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal de Uberlândia

<http://www.comissoes.propp.ufu.br/humanos/apresentacao/>).

Para que eu possa consultar seu blog e analisá-lo preciso que você e o seu responsável legal consultem o Site de Pesquisa (www.estudosadolescencia.com) que contém o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e o respondam.

Disponibilizo para você os Currículos Lattes dos pesquisadores:

Dr Cláudio Vital de Lima Ferreira:

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.jsp?id=K4785935P3&tipo=completo>

Dr Luiz Carlos Avelino da Silva:

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.jsp?id=N714656>

Coloco-me a disposição para maiores esclarecimentos,

Elisa Aires Rodrigues de Freitas.

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.jsp?id=K4219829Y9>

Anexo 3: Modelo de Análise dos blogs

Tema	Trecho do Blog	O que penso a respeito
<p>Identificação</p>	<p>Sexta-feira, XX de XXXX de 2008</p> <p>"Escrever é procurar entender, é procurar reproduzir o irreproduzível, é sentir até o último fim do sentimento que permaneceria apenas vago e sufocador. Escrever é também abençoar uma vida que não foi abençoada." (Clarice Lispector)</p> <p>O que fazer com tantas palavras doces e inócuas que guardo no peito? Escrevo. Como tentar convencer alguém sobre as suas convicções e princípios? Escrevo. O que fazer para desabrigar do coração aquelas angústias e dúvidas? Escrevo. Como demonstrar os sentimentos da forma mais sincera e pura sem precisar de matéria? Escrevo.</p> <p>Percebo que nada do que fui hoje, serei amanhã. Porque cada dia é um novo amanhecer, um novo aprendizado, uma colheita de bons ou maus frutos. Buscando deixar marcado cada pedacinho de amadurecimento que me compõe, cada momento que me sustenta, cada sonho que me mantém viva...Escrevo.</p> <p>Uns chamam de dom. Outros denominam fuga. Alguns preferem acreditar que tudo é devido a grandes estudos.</p> <p>E eu... Eu apenas escrevo.</p>	<p>Foi encontrado em um blog de uma adolescente.</p> <p>Cita a Autora com quem se identifica Noção da existência de inconsciente.</p> <p>Tentativas de explicar o motivo de escrever.</p> <p>Escreve para existir</p> <p>Desenvolvimento. Fala de forma esperançosa. Parece querer deixar registrado isso...</p> <p>Será que escreve para lidar com a morte... A escrita é uma maneira de se manter vivo</p>

Estudos sobre a adolescência contemporânea

Anexo 4 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

<http://www.estudosadolescencia.com/>

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Estamos convidando-lhe para participar da pesquisa "**Estudos sobre a adolescência contemporânea**", a ser desenvolvida pela pesquisadora Elisa Aires Rodrigues de Freitas, mestranda no Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, sob a orientação do Prof. Dr. Cláudio Vital de Lima Ferreira e co-orientação do Prof. Dr. Luiz Carlos Avelino da Silva.

Esta pesquisa tem como finalidade compreender as formas encontradas pelos adolescentes para construir suas identidades no momento atual, buscando conhecer fatores culturais e psíquicos que permitem ou impedem o bom desenvolvimento emocional da pessoa e assim subsidiar os psicólogos e outros profissionais que trabalham com adolescentes a uma melhor comunicação e compreensão dos mesmos.

Para participar da pesquisa, você e seu responsável legal precisam autorizar a consulta e análise do material do seu blog e que, para preservar sua identidade, o seu nome será alterado e o endereço do blog não será divulgado. Os benefícios serão indiretos e ajudarão a compreender como acontece a adolescência nos dias atuais.

Esta pesquisa não oferece risco uma vez que os pesquisadores se comprometem com o sigilo de acordo com a resolução 196/06/ CNS.

A participação na pesquisa é voluntária e sem remuneração, sendo que você poderá deixar de participar a qualquer momento, enviado sua recusa através deste link www.estudosadolescencia.com/participantes/sair

As informações serão utilizadas somente para fins de pesquisa, cujos resultados sempre serão divulgados em forma de artigo ou comunicações científicas, preservando a identidade dos donos dos blogs, e garantindo o anonimato das informações.

É possível entrar em contato com os responsáveis pela pesquisa para tratar de qualquer questão relacionada ao estudo, caso julgue necessário:

- Prof. Dr. Cláudio Vital de Lima Ferreira – Av. Maranhão, 1720 Bloco 2C Campus Umuarama - Uberlândia – MG. Fone (34)3218-2701 E-mail: cvital@hotmail.com
- Prof. Dr. Luiz Carlos Avelino da Silva – Av. Maranhão, 1720 Bloco 2C Campus Umuarama - Uberlândia – MG. Fone (34)3218-2701 E-mail: luizavelino@yahoo.com.br
- Elisa Aires Rodrigues de Freitas – Av. Cesário Alvim, 818 sala 510. Uberlândia – MG. Fone (34) 3211-6544. E-mail: elisapsiufu@yahoo.com.br

Assim, eu e o meu responsável legal documento de identidade concordamos em participar desta pesquisa.

Aceito Não aceito

Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal de Uberlândia – Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, Av. João Naves de Ávila, 2121 Bloco 11 - Campus Santa Mônica – Bloco "J". Uberlândia - MG - Fone: 3239-4131